EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

JORNAL A UNIÃO 133 Anos

Ano CXXXIII Número 236 | R$ 5,00

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 1º de novembro de 2026

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106
Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106
Dados: 2026.10.30 20:49:45 -03'00'

EXPANSÃO DE 49,6%

Cultura do abacaxi movimenta mais de R$ 1 bilhão na PB

Pelo 2º ano seguido, estado é o maior produtor do país. *Página 17*

Brasil revive encontro clássico do mundo dos super-heróis

Panini Comics, detentora das licenças da DC e da Marvel, traz de volta para o público nacional *Superman vs. Homem-Aranha*, obra lançada originalmente nos anos 1970 que narra "a batalha do século" dos quadrinhos. *Página 9*



Imagem: Divulgação/Panini Comics

Foto: Carla Miranda



João Pessoa tem oferta desigual de espaços de lazer

Área mais urbanizada da cidade e com a população de maior renda, a Zona Norte concentra 60% das praças da capital. Já os bairros periféricos, além do número reduzido de locais de socialização, ainda lidam com equipamentos quebrados ou malcuidados.

Página 5

Regra do quociente eleitoral prioriza desempenho coletivo dos partidos

Cálculo que define os vencedores dentro do sistema proporcional explica por que nomes que tiveram votações expressivas ficaram fora da lista de eleitos para o Congresso Nacional.

Página 13

Paraibana ganha destaque com a camisa da Seleção feminina de futsal

Natural de Cruz do Espírito Santo, Claudinha começou a carreira aos nove anos de idade, em sua cidade, e seguiu para outras quadras no Brasil e no exterior — jogou na Espanha e Portugal.

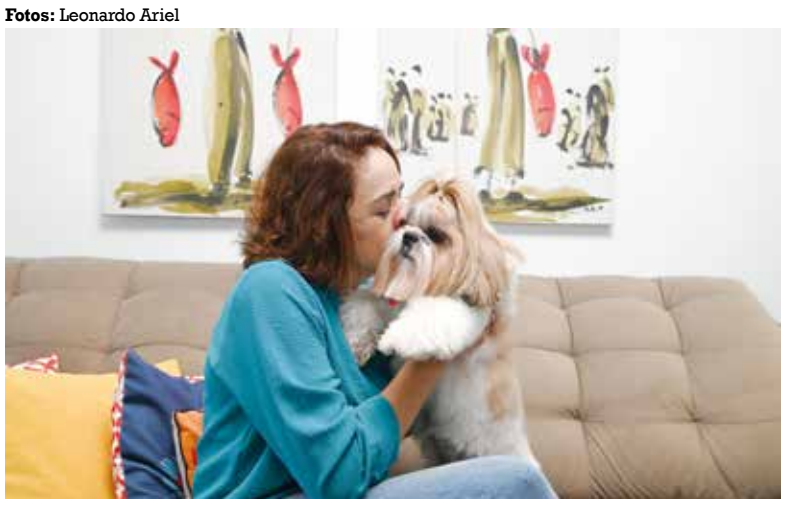
Página 21

Comunidades de fãs despertam sensação de pertencimento

Eles acompanham a carreira e a vida de seus ídolos, enquanto constroem relações de amizade e moldam a própria identidade.

Página 8

Fotos: Leonardo Ariel



Animais deixam de ser mascotes e viram parte da família

Relação dos tutores com seus pets *ganhou mais afeto, mas necessidades naturais dos bichos ainda precisam ser preservadas.*

Página 6



Foto: Carlos Rodrigo





Foto: Antônio Régis

Com técnica exigente e pouco interesse das novas gerações, arte do ventriloquismo está ameaçada e corre o risco de se perder

Mestre Toba (foto), um dos últimos brincantes em atividade na Paraíba, utiliza o boneco Chicão para vender garrafadas de plantas medicinais. Expressão artística é considerada Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

Página 25

■ "No regime cultuado pelo pai Bolsonaro, regime que ele não esqueceu de enaltecer ao votar contra Dilma, os presos tiveram poucos privilégios".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "Uma coisa linda o livro *Deus na escuridão*, do escritor português Valter Hugo Mãe [...]. Fala do amor fraterno e do amor de mãe".

Kubitschek Pinheiro

Página 10

■ "Fico emocionada ao ver vídeos retratando jovens, pessoas idosas ou estrangeiros, que decidiram fazer o 'L' por um Brasil e um mundo melhores".

Angélica Lúcio

Página 26

Editorial

Até quando?

As crises humanitária e sistêmica que se intensificaram em Cuba por conta de intempéries climáticas — mas, principalmente, devido ao embargo unilateral que os Estados Unidos da América mantêm contra aquele país caribenho desde 1960 — são provas cabais do quão distante está o planeta de uma união de forças entre as nações que assegure melhor qualidade de vida para bilhões de seres humanos, além de reverter a degradação ambiental.

Em Cuba falta hoje praticamente de tudo — como, por exemplo, alimentos, remédios, combustíveis e eletricidade —, mas a chama da solidariedade internacional resiste e mantém-se acesa. Isso apesar dos vendavais desumanos que devastam a ilha, oriundos da ainda considerada maior potência econômica e militar do planeta, insuflados pela mentalidade — ideologicamente plural e controversa — do republicano Donald Trump.

Contrapondo-se, portanto, à grande marcha da extrema direita, em escala internacional, foi recebida como um sopro de esperança e resistência a recente resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), de não admitir o embargo unilateral que os Estados Unidos da América mantêm contra Cuba desde 1960, "o qual levou a uma crise energética, agravando a situação humanitária da ilha".

De acordo com agência oficial de notícias da ONU, a resolução que torna inadmissível o bloqueio estadunidense foi aprovada por 130 votos a favor, 17 contra e 25 abstenções, em comparação com 165 votos a favor, sete contra e 12 abstenções no ano anterior. Um dado da maior importância: todos os países de língua portuguesa votaram pelo fim do embargo, como uma espécie de desagravo relacionado à memória colonial.

Reportagem da Agência Brasil destacou a comemoração do embaixador de Cuba no Brasil, Victor Manuel Cairo Palomo. Segundo ele, em um mundo onde o país de Trump lidera novas práticas do fascismo, por meio de chantagens e ameaças a países pequenos, imposição de guerras econômicas e tarifas, Cuba manteve o apoio da imensa maioria dos países da comunidade internacional. "É uma grande vitória de nosso povo", ressaltou.

Na entrevista à agência brasileira de notícias, Palomo disse ainda que o bloqueio à Cuba é ilegal pelo direito internacional, salientando o custo humano da política de Washington. Afinal, pelas contas do embaixador, mais de 1,5 mil crianças morreram recentemente em Cuba devido à falta de medicamentos e de combustível para manter as incubadoras daqueles que nascem prematuramente ou com baixo peso. Até quando? Eis a questão.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Ninguém é maior que a força do povo

Nenhum grupo político pode se colocar acima da lei, muito menos subjugar a vontade e os valores da sociedade. A história demonstra que, sempre que as instituições democráticas foram ameaçadas, a mobilização e a união dos cidadãos desempenharam papel decisivo na defesa da liberdade e na preservação da democracia. Foi essa lição que a eleição presidencial deste ano voltou a nos ensinar. Diante de qualquer ameaça autoritária, a força da organização popular é capaz de impor limites às ambições daqueles que pretendem governar acima das regras democráticas.

Nossos direitos não foram presentes concedidos pelos poderosos. Foram conquistas alcançadas com suor, lágrimas, sacrifícios e a luta de gerações que se recusaram a aceitar a opressão. Por isso, diante de qualquer ameaça autoritária, nossa resposta deve ser a mobilização popular, a participação cidadã e a defesa intransigente das instituições democráticas.

Nenhum governante, partido ou grupo econômico pode se considerar dono do Estado ou acima das leis que regem a sociedade. A soberania popular não se negocia, e a liberdade não pode ser sacrificada para satisfazer as ambições de uma minoria. A história também nos ensina que o voto consciente é um dos instrumentos mais poderosos de que dispomos para aprovar ou rejeitar projetos políticos. Foi nas urnas, por meio da participação cidadã, que a sociedade brasileira voltou a decidir os rumos do país nesta eleição. Mas a democracia não termina com a apuração dos votos. Ela exige acompanhamento, participação e vigilância permanentes, inclusive para cobrar dos eleitos o cumprimento de seus compromissos e o respeito à Constituição.

O filósofo Jean-Jacques Rousseau, ao refletir sobre a soberania popular e a legitimidade do poder político, defendeu que a autoridade legítima deve estar vinculada à vontade coletiva. Essa reflexão permanece atual: o Estado deve servir à sociedade, e não se transformar em instrumento dos interesses particulares de quem ocupa temporariamente o governo.

A esperança de um povo é uma força que não se apaga facilmente. Quando os cidadãos compreendem o valor de seus direitos e se unem em defesa da justiça e da liberdade, o medo perde espaço, a indignação se transforma em participação e a resistência democrática ganha força. A história não é escrita pelo silêncio dos que assistem à injustiça, mas pela coragem daqueles que se levantam para defender os direitos de todos.

Nossa liberdade custou caro. Foi conquistada por homens e mulheres que enfrentaram a repressão, a perseguição e o autoritarismo. Não podemos permitir que essas conquistas sejam ameaçadas pela intolerância, pelo desprezo às instituições ou pela pretensão de alguns de se colocarem acima da lei. Nenhum projeto de poder pode estar acima da vontade soberana dos cidadãos.

Sigamos, portanto, firmes, vigilantes e combativos na defesa da democracia. Que ninguém se iluda: não aceitaremos o retrocesso, não nos curvaremos ao autoritarismo e não abriremos mão das liberdades conquistadas com tanta luta.

A democracia é uma conquista do povo, pertence ao povo e só permanece viva com a participação do povo. Diante de qualquer ameaça, nossa resposta será a união, a coragem e a mobilização. Porque, quando o povo se levanta em defesa da liberdade, nenhuma ambição autoritária pode se sobrepor legitimamente à sua soberania. A democracia é nossa.

> **Quando os cidadãos compreendem o valor de seus direitos, o medo perde espaço e a resistência democrática ganha força**

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Pequenos também executam grandes saltos

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Um líder que não confia em seu povo

Fugir do seu país? Por que fugir se o senador obteve 48,20% do eleitorado a votar-lhe confiança, a depositar no descortino que lhe atribui as aspirações de suas vidas e o futuro dos filhos? Claro, quem vota deve votar nessa esperança, mesmo parecendo difícil.

Sim, porque não dá para acreditar que um professor universitário, um médico, um profissional liberal politicamente esclarecido pudesse alinhar-se às ambições autocráticas de um fujão. Nestes quarenta anos de constituição política reparadora, teríamos por que temer o cárcere ou a tortura com que o pai Bolsonaro se ufanou ao votar pela cassação da presidente Dilma invocando a memória de um torturador?

Reconheça-se: vivemos hoje num regime sob o arbítrio da lei e sem exceção para seus intérpretes e aplicadores, expostos, entre si, a investigações até mesmo no âmbito da mais alta Corte. É o que estamos vendo e, de um certo modo, com estranhamento. Não será prova de que a lei, mais remoto que nos parecesse, valeria para todos?!

Lula, duas vezes presidente, foi para a cadeia. Acusado, não saltou a cerca, tendo, certamente, em quem ou em que confiar. Submeteu sua sorte ou a do país a seus patrícios. E não teve o direito da prisão domiciliar, preso num pequeno compartimento da Polícia Federal com direito a banheiro e a alguma réstea de sol. Odiado, entre outros motivos, por ser de esquerda, nem por isso recorreu às matrizes do esquerdismo. Todas, com exceção de Cuba, ficavam e continuam muito além do oceano, pertencendo a outras formações e etnias. No regime cultuado pelo pai Bolsonaro, regime que ele não esqueceu de enaltecer ao votar contra Dilma, os presos tiveram poucos privilégios. Não há um bolsonarista extremado que, nem por ouvir dizer, desconheça isso.

Fugir por que, então? Do outro lado do mundo, o diário *El Pais* da Espanha nos oferece esta manchete: "A fuga de Bolsonaro desnuda uma alienação ideológica com Trump na América Latina".

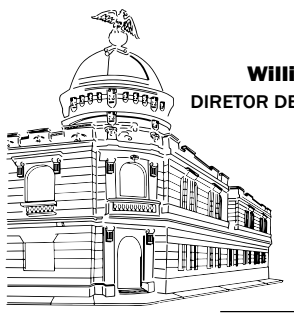
Aí a coisa é bem mais séria. E factível ante a plataforma aliada escolhida na pressa para a fuga, a Argentina, de onde se sentiu seguro em sua escalada para Miami. Com isso oferece sobradas razões às precauções do ministro Moraes ao deter seu passaporte. O irmão Eduardo, deputado, já sentia os pés mais firmes no império de Trump, onde se estende um muro discriminando os povos da América pobre.

> **Não será prova de que a lei, mais remoto que nos parecesse, valeria para todos?!**

O partido do senador Bolsonaro não foi para os States com ele; prefere tratar mesmo aqui da escolha do seu líder de palanque e do guia ideológico, o que não será difícil desde que não se vá exigir um Lacerda, um Plínio Salgado, um Arinos ou um Adauto Lúcio Cardoso.

No domingo à noite, meio atônito ante o resultado das urnas e as possibilidades presumíveis de pretextarem questionamento com a prorrogação de última hora, vim sossegar com a repercussão geral no país e fora dele, encabeçada, no meu caso, pelo velho ministro Celso de Melo: "Há vitórias eleitorais cujo significado ultrapassa a conquista de um mandato e se projeta sobre o próprio destino do país. O resultado das urnas assume, nesta perspectiva, o sentido de uma afirmação cívica contra as tentações autocráticas".

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA–PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Veiga
GERENTE–EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)
ASSINATURAS IMPRESSAS: anual ..... R$ 404,25 / semestral ..... R$ 202,12 / número atrasado ..... R$ 4
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

HOSPITAL EDSON RAMALHO

Técnica facilita adaptação de aparelhos auditivos

Serviço da rede estadual de saúde ajuda a reduzir o desconforto dos pacientes

Íris Machado
irsmchdo@gmail.com



Fotos: Leonardo Ariel

Fábio Veloso mora em São José dos Cordeiros e recebeu o aparelho auditivo no dia 20 de outubro

Acompanhar uma conversa, reconhecer sons do cotidiano e participar de momentos em família. Essas podem até parecer situações corriqueiras, mas são conquistas significativas para pessoas que convivem com a perda auditiva. No Hospital do Servidor General Edson Ramalho (HSGER), da rede estadual de saúde, uma técnica torna o processo de recuperação da audição cada vez mais acessível — e possibilita uma nova chance de se conectar com o mundo a quem antes estava no silêncio. A iniciativa personaliza os aparelhos auditivos de acordo com as necessidades de cada paciente e avalia a eficácia dos ajustes já no dia da entrega do dispositivo.

"Se, por exemplo, eu tivesse as frequências graves preservadas e mais dificuldade de escutar um som fininho, eu precisaria de uma personalização para esse tipo de característica. A gente já fazia isso de maneira diferenciada, mas, com a medida de verificação, nós conseguimos identificar se atingimos o que era esperado. O grande benefício é conseguir avaliar isso no dia em que o paciente recebe o aparelho e, consequentemente, diminuir as queixas dele com a amplificação. Ele retorna menos para o serviço por conta da insatisfação com o aparelho auditivo", explica a coordenadora de Fonoaudiologia do HSGER, Mariana Martins.

O Serviço de Reabilitação Auditiva (SRA) da unidade de saúde passou a empregar a técnica a partir de uma capacitação, em outubro, com a Dra. King Chung, referência internacional em audiologia humanitária. Agora, em vez de entregar um aparelho com a configuração padronizada e esperar o retorno do usuário para os ajustes, a equipe personaliza o dispositivo conforme as preferências de cada um no primeiro contato com o aparelho. Outra visita, um mês depois, garante que os profissionais acompanhem o processo de adaptação e conduzam novas modificações.



O grande benefício é avaliar no dia que o paciente recebe o aparelho e diminuir as queixas

Mariana Martins

O setor atende pessoas de todas as idades. Entre os serviços disponibilizados, estão a investigação de queixas auditivas, a dispensação de aparelhos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e o acompanhamento posterior. Em média, o hospital realiza 600 consultas médicas e 1,7 mil exames fonoaudiológicos mensais. Por dia, cerca de 30 pacientes passam pelos cuidados de uma equipe multiprofissional, composta por médicos otorrinolaringologistas, fonoaudiólogos, psicóloga e assistentes sociais.

Esse trabalho permite que a avaliação clínica seja concluída no mesmo turno em que o paciente comparece à unidade, facilita o atendimento de quem mora em outros municípios e otimiza a fila de espera do serviço. Em uma só visita, é possível consultar-se, realizar os exames necessários e retornar aos médicos para a definição do diagnóstico. "Caso o paciente tenha os critérios para o recebimento de aparelho auditivo no SUS, automaticamente o prontuário já entra na fila para o recebimento. E a gente entra em contato posteriormente para entregar o aparelho auditivo", acrescenta Mariana.

Depois da entrega do dispositivo, o acompanhamento continua. No primeiro ano de adaptação, os profissionais registram as queixas de cada usuário e efetuam as alterações necessárias. Passado esse período, o refinamento do aparelho torna-se anual. Também há uma nova avaliação auditiva a cada seis meses, capaz de identificar eventuais alterações na audição e atualizar a configuração do dispositivo.

Um dos atendidos é Fábio Veloso, de 47 anos. Há cerca de cinco anos com problemas auditivos, ele conseguiu o encaminhamento para o SRA na cidade onde mora, São José dos Cordeiros, no Cariri paraibano, e recebeu o aparelho auditivo no dia 20 de outubro. Desta vez, a expectativa para voltar a ouvir transformou as três horas de viagem até a capital em meros segundos. "Muitas vezes, eu tinha que prestar atenção na outra pessoa para saber o que ela estava falando. Agora, até um barulhinho mínimo, eu sinto que estou ouvindo. É espetacular estar ouvindo de novo. A pessoa escutar é prazeroso", relata.

Reabilitação inclui atendimento psicológico

Ao longo de todo o processo de reabilitação auditiva, o HSGER também oferece momentos de acompanhamento emocional, junto à psicóloga Raysa Ramalho. Como ela lembra, a perda da audição afeta tanto a saúde física quanto a mental: a dificuldade de interpretar estímulos sonoros compromete a autonomia e propicia o desenvolvimento de sintomas de adoecimento psicológico.

"O silêncio forçado muitas vezes traz consigo o isolamento social. Isso provoca ansiedade e uma perda dolorosa da autonomia, porque os pacientes passam a ficar mais dependentes das pessoas, a se afastar do convívio social e familiar, por cansaço ou constrangimento. Ficam até com vergonha de estar perguntando para repetir tudo. E a gente sabe que muitas pessoas, até do próprio convívio familiar, não têm paciência. É exatamente aí que o aparelho auditivo entra não apenas como uma ferramenta médica, mas como um ponto de retorno à vida", afirma.

Essa adaptação, segundo a especialista, ocorre de maneira gradual. Muitas vezes, o paciente precisa se acostumar aos novos sons enquanto supera a vergonha e o estigma relacionados ao uso do dispositivo. A cada seis meses, quando ele retorna ao SRA para as avaliações de rotina, o suporte psicológico disponibiliza um espaço de escuta, onde o usuário é encorajado a navegar nessas concepções como parte do período de reabilitação.

Além disso, o receio de não compreender o que se fala leva certos pacientes a evitar conversas e preferir comparecer às consultas acompanhados, ao lado de uma terceira pessoa, em busca de uma maior sensação de segurança durante o acompanhamento. É quando os usuários começam a usar o aparelho que a psicóloga observa uma transformação nesse comportamento. "Eles já passam a vir sozinhos, com sorrisos estampados no rosto, conversando. Nossa maior alegria é quando eles passam pela porta e dizem: 'Não, eu vou entrar sozinho'. A família, os acompanhantes, que eram a segurança, ficam do lado de fora. A gente já vê que o paciente está conseguindo se readaptar", aponta.

Funcionamento

O Serviço de Reabilitação Auditiva do Hospital do Servidor General Edson Ramalho recebe pacientes de segunda a sexta-feira, em horário comercial, na Rua Eugênio Lucena Neiva, em Tambiá, na capital João Pessoa. O acesso às consultas ocorre por procura direta ou encaminhamento da regulação estadual. Pessoas com queixas auditivas, de qualquer idade, conseguem encontrar direcionamento por meio do serviço social do setor, nos telefones (83) 3211-7192 e (83) 99818-7842.



Pacientes passam a ficar mais dependentes das pessoas, a se afastar do convívio social e familiar

Rayssa Ramalho

Eduardo Augusto
eduardomelosocial@gmail.com

O galo delator do abatedouro de Oitizeiro

Há cenas que a gente presencia e sai contando por aí como se tivesse visto um disco voador pousar no meio da feira. Foi mais ou menos assim, numa manhã de terça, em Oitizeiro, quando eu esperava o ônibus, com aquela paciência que só quem pega transporte público em horário de pico conhece — uma paciência que já nasce cansada.

Pois bem. Ali, bem na entrada do abatedouro de frangos, caminhava — não, desfilava — um galo branco, vistoso, de crista vermelha vibrante como se tivesse acabado de sair do salão de beleza. Passo firme, peito estufado, olhar de quem manda e não pede licença. Um galo em pleno território do inimigo, circulando com a tranquilidade de dono de casa. Meu primeiro pensamento foi: fugiu. Claro, fugiu. Qualquer criatura com o mínimo de instinto de sobrevivência trataria aquele lugar como zona de perigo e cairia no mundo.

Mas a vida adora desmentir a gente. Fui conversar com o vendedor da barraca vizinha, um senhor de sorriso fácil que já deve ter visto de tudo naquela feira, e ele me contou, com a naturalidade de quem fala do tempo, que o galo era de casa. Mora ali. Vive ali. Livre, solto, sem gaiola, sem cerca, sem nada. "Ele é da casa", repetiu, como se aquilo explicasse tudo.

E foi aí que minha cabeça de cronista começou a trabalhar. Um galo que mora no abatedouro. Um galo que vê, todos os dias, os companheiros de espécie entrarem pela porta da frente e não saírem nunca mais pela porta de trás. Um galo que assiste, impassível, ao vaivém da morte, e, ainda assim, cisca tranquilamente o chão de cimento como se estivesse num quintal de fazenda. Ou esse galo é o ser mais corajoso que já pisou em Oitizeiro, ou ele sabe de alguma coisa que os outros não sabem.

Um galo que mora no abatedouro e sobrevive precisa ter mais do que sorte — precisa ter informação

Foi então que a teoria me veio, e confesso que me diverti com ela: e se ele for um delator? Pense bem. Como é que um galo sobrevive tanto tempo num abatedouro? Só tem um jeito: sendo útil. E qual seria a utilidade de um galo branco e vistoso num lugar desses, senão a de apontar com o bico quem são os frangos que estão tentando fugir? Imaginem a cena: o galo, com sua crista vermelha de autoridade, andando entre as gaiolas, observando, anotando mentalmente os rebeldes. "Aquele ali, o de penas manchadas, tá cavando buraco atrás do galpão. Aquele outro tá tentando subornar o vigia com milho". Um X9 de penas brancas.

O vendedor vizinho, claro, não confirmou nada disso. Mas também não negou. Só riu, aquele riso de quem sabe mais do que fala. E o galo, no meio da conversa, veio andando na nossa direção, olhou para mim — juro que olhou — com aquele olho redondo de quem avalia se o interlocutor é confiável e depois seguiu seu passeio, ciscando, imponente, alheio ao drama existencial que eu acabara de construir na cabeça.

Fiquei pensando no destino dele. Não vai para panela, isso é certo. Um galo que mora no abatedouro e sobrevive precisa ter mais do que sorte — precisa ter informação. Talvez seja o funcionário mais antigo do lugar. Talvez receba ração especial no fim do dia, como pagamento pelos serviços prestados. Talvez tenha até crachá. E nós, humanos, que passamos por ali apressados rumo ao ônibus, nem imaginamos que o verdadeiro chefe daquele abatedouro anda solto pela calçada, de crista erguida, observando tudo com o desprezo elegante de quem já viu gente demais terminar na panela.

O ônibus chegou. Entrei. Lá de dentro, ainda vi o galo branco parado na porta do abatedouro, olhando a rua como um segurança de boate olha a fila. E pensei comigo: se um dia esse galo resolver escrever suas memórias, é melhor ninguém comprar os direitos. Porque quem vive no abatedouro e sobrevive livre, ou é santo, ou é delator. E, sinceramente, entre a santidade e a fofoca, aposto na segunda. Galo branco daquele tamanho não é bobo. É testemunha.

Colunista colaborador

Sérgio Rolim

Engenheiro, professor e escritor

"Sou um autodidata por natureza"



Foto: Leonardo Ariel

Impulsionado por interesses diversos, Rolim percorreu a América Latina e o Brasil a trabalho, mas sempre escrevendo

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Engenheiro civil, engenheiro sanitarista, professor e escritor, Sérgio Rolim é um homem de interesses múltiplos. Foi atleta na juventude (jogava vôlei), colecionou moedas e revelou, durante a entrevista, que se interessa por fotografia, além de ser louco por livros. Um bibliófilo, como se define.

Dedicado em tudo o que faz, acabou obtendo reconhecimento não só como engenheiro sanitarista, sua área de destaque, mas como escritor. Seu penúltimo livro publicado, intitulado "*A engenharia na história e histórias de um engenheiro*", chegou à fase final do 3º Prêmio Jabuti Acadêmico, concorrendo com outros títulos de vários escritores na categoria Engenharias.

Agora, ele prepara-se para lançar, no dia 13 do próximo mês, o livro *Clube de Engenharia e Escola de Engenharia da Paraíba — Uma breve história*. O evento será realizado no Auditório do Parque Tecnológico Horizontes da Inovação, localizado ao lado da Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves. Nesta entrevista, ele relembra sua trajetória profissional e como começou a escrever livros.

A entrevista

■ *O senhor é engenheiro civil, engenheiro sanitarista, professor, escritor, foi atleta. Como consegue conciliar tudo isso?*

É difícil conciliar tantas coisas, mas eu sou estudioso, sempre fui assim. Graças a Deus, fiz um primário [atual Ensino Fundamental] muito bom, e acho que, para se dar bem nos estudos, a pessoa precisa fazer um primário bem-feito, o resto é besteira. É importantíssimo. Quem tiver filhos, faça um esforço máximo para que o seu filho tenha um bom primário, porque é a base de tudo.

■ *E como arranja tempo para se dedicar a tanta coisa?*

Realmente, é complicado, principalmente porque eu quero ser o melhor em tudo o que faço. Não é por vaidade, é para ser bom, para fazer bem-feito. Ninguém é bom sem fazer esforço, né? Ninguém nasce sabendo de tudo. Pelé treinou para poder ser o que ele era. Eu penso que era um gênio, mas treinou muito. A minha sorte foi que eu sou uma pessoa autodidata por natureza. Tendo um livro, não preciso de professor. Meu pai não me dava mesada. A gente era preso dentro de casa, não podia jogar futebol na rua — ele tinha medo de que eu me tornasse jogador de futebol. Mas, em compensação, ele dizia: "O livro que você quiser comprar, pode comprar. Qualquer livro". E eu fiquei com essa "doença", eu me converti em um bibliófilo. Hoje, não posso ir a uma livraria que eu compro dois, três livros. Não consigo me controlar. Mas também tive sorte. Aos 10 anos de idade, o meu pai me colocou para estudar francês. Mas não gostei, porque tinha acento demais, letra repetida demais... eu ia ficando cada vez mais atrasado, com vergonha, os colegas melhorando, e eu o pior de todos. Aí, passei para o curso de inglês — e gostei demais. Fui o primeiro aluno da turma a vida toda e acabei fazendo mestrado na Inglaterra. Aos 14 anos, eu recebi o diploma de falante de inglês. O professor, o inglês Alan Douglas Bennett, fundador da Cultura Inglesa, me convidou para ser professor. Eu tinha 16 anos. A consequência disso é que a língua inglesa me ajudou muito. Além de a biblioteca da universidade ter muitos livros em inglês, eu comprava livros de matemática nessa língua, dos Estados Unidos e da Rússia. Então, eu virei autodidata, não ia assistir às aulas. Saía para treinar por volta das 5h e ficava morrendo de sono, muito cansado. Naquele tempo, não tinha tanta preocupação com chamada, eu gazeava muita aula, mas estudava nos livros. Sem falar que eu tinha acesso a livros que os colegas não tinham, porque somente eu sabia inglês e estudava por esse material. Então deu para equilibrar. No ápice do treinamento, a gente treinava quatro vezes por semana, das 18h à meia-noite, sem parar. Naquele tempo, não tinha muita orientação de treinador, de educador físico, porque ninguém tinha muita noção disso, de como é que se fazia o exercício.

Números

Escritor fez Engenharia Civil porque sempre foi bom em matemática, mas foi durante um estágio no antigo Daec que ele se encantou pela Engenharia Sanitária e decidiu se aprofundar

■ *Era vôlei?*

Sim, era vôlei.

■ *O senhor manteve sempre esses interesses variados, então não ficou somente na engenharia. Também se interessava por esporte, fotografia, literatura...*

E moeda. Colecionei moeda desde os oito anos.

■ *Ainda pratica esportes?*

Não, mas faço musculação duas vezes por semana, pois descobri que é importantíssimo. Se não fizer, fica sem andar durante a velhice. Estou na musculação há uns três anos, religiosamente. E também ando três vezes por semana.

■ *Como começou a escrever?*

É uma história longa. Fiz Engenharia, porque, ainda muito moço, não sabia bem o que queria. Fiz porque eu sabia matemática, mas detestei a Engenharia Civil. No segundo ano, eu comecei um estágio no Daec [Departamento de Água e Esgoto da Capital], que se transformou em Sanecap e, depois, em Cagepa. Eu tinha um tio que era diretor lá e conseguiu esse estágio para mim. Gostei demais, então decidi fazer Engenharia Sanitária. Foi quando comecei a trabalhar em saneamento. Formado, entrei como engenheiro na Sanecap. Aí apareceu um concurso na Sudene, no Departamento de Saneamento Básico. Eram 18 candidatos de Pernambuco e dois da Paraíba. Eu e esse outro colega meu, Marcelo. Tinha três vagas. Quem passou? Eu, Marcelo e somente um de Pernambuco. Depois de três meses de emprego, a gente pediu demissão. Manuelito [Manoel Dantas, presidente da Sanecap, na época] ficou danado com a gente. Fui para a Sudene, burocracia total. Detesto burocracia. Gosto de trabalhar, de fazer engenharia. Dividiram o Nordeste em várias regiões, cada engenheiro ia fiscalizar uma área. Fiquei com o Sertão de Pernambuco e o sul do Piauí. Não dava tempo de fazer em uma semana. Então, nos fins de semana, eu ficava naqueles hotéis vagabundos, fazendo relatórios. Passava duas semanas sentado na frente de um birô, oito horas por dia, até que disse: "Vou enlouquecer, aguento não". Aí pedi a Manuelito para voltar para a Sanecap. Quando eu cheguei lá, disse para ele: "Pode me colocar onde você quiser, menos na área comercial". Porque comercial não é engenharia; é cobrar água, tarifa, cuidar de vazamento no hidrômetro e tal. Ele disse: "Pois é onde você vai ficar". E eu fiquei lá, trabalhei cinco anos num lugar que detestava. Nessa brincadeira, resolvi escrever um livro técnico sobre hidrômetro — eu tinha 26 anos —, só para me distrair e "me sentir gente". Esse livro foi um sucesso, foi vendido até na Argentina, no Paraguai, no Uruguai, em tudo que é lugar.

■ *Como acabou indo trabalhar no exterior?*

Eu trabalhava na Cagepa, pela manhã e à tarde, e ainda dava aula, à noite. Quando não havia aula, eu ficava estudando em casa. No sábado, estava acabado. Mas ainda conseguia fazer projetos. Fiz muitos projetos para ganhar um dinheirinho extra aos sábados e domingos. Trabalhei demais, demais mesmo. Foi quando descobri que a Organização Mundial da Saúde [OMS] criou um centro de pesquisa no Peru onde havia gente especializada em acreditar laboratórios. A função do pessoal que trabalhava lá era ir a cada país das Américas e ensinar como melhorar o nível do laboratório. Em cada lugar, tinha um chefe. Então, pensei: "Pronto, eu quero ser esse chefe. Adoro essas coisas de pesquisa, vou tentar". Fui a Brasília, por outra razão, e descobri que a secretária era paraibana e que os concursos chegavam diretamente para o Ministério da Saúde. Cheguei lá e disse: "Olha, ajuda um paraibano. Toda vez que chegar notícia de um concurso, manda um fax para mim, para eu concorrer". Então comecei a me candidatar, na ilusão de que eu tinha um currículo bom. Escrevi outro livro, que também teve sucesso, e publiquei os dois no Rio de Janeiro. As respostas que eu recebia eram assim: "Seu currículo é muito bom, mas tente novamente na próxima vez". Eu pensava que era uma competição justa, mas não era. Eles selecionavam cinco ou três, os melhores, mas somente um deles ganhava, e não era o melhor de todos, sabe? Eu estava no meio, porque o meu currículo era bom, mas não servia, pois eu não tinha "pistola". E eu não sabia disso. Passei 10 anos tentando, por teimosia. Duvido que alguém faça o que eu fiz. Aí, quando eu já estava desistindo, houve um congresso interamericano em Buenos Aires. Eu fui com a minha mulher; aproveitamos para passear. Quando cheguei lá, conversei com o diretor, que me disse que haveria dois concursos, um no Peru e outro na Colômbia. Eu me inscrevi, de novo. E ganhei o da Colômbia, que era o mais difícil. Passei cinco anos lá, depois quis ir para outro lugar. Fui falar com o chefe. Por azar meu, esse chefe, um peruano, não gostava de mim, apenas por eu ser brasileiro. Ele disse não e argumentou que haveria novo concurso. Sem problema. Fiz o concurso e passei em primeiro lugar. Era para o México. Quando eu já estava lá há um ano e meio, apareceu a vaga para trabalhar na América Latina e Caribe, como chefe-geral, o sonho da minha vida. O gasto para transferir a gente é uma fortuna, mais de US$ 30 mil, mas quis tentar. Falei com o meu chefe brasileiro, que era bacana, que era direito, e pedi para marcar uma audiência com o superior. Dei um livro meu a ele e disse que o meu sonho era trabalhar no centro de pesquisa, na área de desenvolvimento, e que eu tinha capacidade para isso. E pedi: "Se eu passar em primeiro lugar, deixe-me entrar". Eu vi que ele gostou de mim. A gente conhece quando a pessoa simpatiza com você. Entrei em primeiro lugar, no Peru.

■ *Depois que se aposentou, passou a escrever mais?*

Eu me aposentei e fiz consultoria pela América Latina toda. Não tem ninguém no Brasil, professor de universidade brasileira, que tenha dado mais aula do que eu no exterior. Não é que eu seja melhor que eles, é somente porque, por exemplo, um professor que é muito famoso não pode ficar uma semana inteira, mas eu posso. Então, dei aula no Brasil inteiro e em 15 países. Fiquei conhecido, dei muitas consultorias e cursos. Mesmo assim, dava para escrever. Hoje, ninguém me chama mais, pois acha que eu estou velho. Eu penso: "Meu amigo, agora é que estou sabendo mesmo, por estar mais velho". Mas ninguém chama.

■ *Fale um pouco sobre esse livro que vai ser lançado em novembro.*

Esse é o meu 18º livro. Eu tinha muita vontade de escrevê-lo, pois nunca foi escrito nada sobre a Escola de Engenharia. Quando a escola comemorou 25 anos de fundação, houve uma festa na Universidade [Federal da Paraíba], chamaram o general Leite, que foi o seu fundador, fizeram uma entrevista grande e publicaram uma plaquete. Eu achei um espetáculo, porque tem muita informação daquela época — os contatos, os políticos que trabalharam, os médicos, as entidades que participaram. Tem muita informação. Guardei a plaquete e fui procurando saber mais. Fiquei muito decepcionado com a universidade, especificamente com o Centro de Tecnologia, onde eu fui professor, pois não tem a relação dos ex-professores. Eu, por exemplo, não estou lá. Fui à Reitoria, mas também não tem, jogaram tudo fora. Nessa brincadeira, eu fui pegando um documento aqui, fui juntando ali, foram aparecendo outras coisas... Eu estava com muito medo, porque a responsabilidade de escrever um livro é muito grande. É muito difícil escrever, mas é muito fácil ser criticado. Mas segui. Selecionei o que eu precisava, como as fotos de todos os ex-presidentes do Clube de Engenharia, a ata de fundação da Escola de Engenharia, as informações referentes ao Centro de Energia Solar, que virou um capítulo completo, com um colega nosso que trabalhou lá, também professor da universidade, enfim. Uma coincidência interessante é que, no ano em que eu entrei na universidade, a Escola de Engenharia ganhou, pela primeira vez, o Campeonato Estadual das Olimpíadas. Eu fui escolhido o melhor jogador. Isso também está lá, documentado, quem ficou em primeiro, segundo e terceiro lugar, que ganhou em arremesso de dardos, tudo.

PRAÇAS

Capital tem distribuição irregular

Pouca oferta dos equipamentos em alguns bairros leva moradores a buscar outras alternativas para lazer e exercícios

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com



Em Cruz das Armas, é comum ver pessoas fazendo atividades físicas no meio da rua



Fotos: Carla Miranda

Praça no Ernani Sátiro tem poucos brinquedos, alguns deles em mau estado, o que deixa os moradores insatisfeitos

Rodrigo Araújo mora no bairro pessoense de Jaguaribe, mas aproveita para fazer exercícios físicos no bairro de Cruz das Armas, ao longo da Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, um logradouro sem saída próximo à sede do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit). Ele vai até o local uma vez por semana. "Geralmente, sou mais de caminhada. Hoje foi um dia atípico, em que eu vou correr. O dia estava propício para corrida", relata. Ele confirma a existência de praças no bairro de onde vem, mas reclama que são muito pequenas. "Tem algumas praças, mas acho que aqui é melhor para corrida, para fazer esse tipo de exercício", aponta Araújo. Ele é um dos cidadãos da capital que, como alternativa em bairros que não possuem praças, ou onde há poucos desses equipamentos, decidem se exercitar em lugares outros.

João Pessoa possui 214 praças. Juntas, somam 600 mil m², distribuídas pelos diversos bairros da cidade. Outras áreas verdes também estão disponíveis, como é o caso dos parques, que totalizam cerca de 2,5 km². Quando se divide a cidade em zonas Norte e Sul, 60% da área de praças está situada na zona Norte e 40% na Sul. A porção setentrional é mais urbanizada, com poucas áreas verdes (embora haja mais praças que no restante da capital). Também contém as principais avenidas e apresenta população de maior renda. É no setor meridional, por sua vez, que se concentram amplas áreas verdes — porém menos acessíveis ao público — e a população de mais baixa renda. Além disso, a região tem apresentado um crescimento horizontal espraiado e irregular.

Zona Sul

Na Zona Sul, fica localizado o bairro do Ernani Sátiro, o qual, segundo o portal Filipeia, da Prefeitura de João Pessoa, possui quatro praças. No entanto, nem tudo são flores. Um dos espaços de encontro e de lazer, que fica em uma das esquinas do bairro, próximo à rota dos ônibus que por ali passam, poderia ser mais bem utilizado pelos moradores e mais bem equipado pelo poder público.

Segundo Luis Oliveira, morador do bairro e dono de um *box* que fica no local há cerca de 16 anos, havia dois escorregos no terreno, que foram demolidos, permanecendo apenas mais um, além de uma estrutura de bancos de balanço, que também estão quebrados. Na praça, há apenas um banco sinuoso de concreto, que costuma reunir famílias do entorno, inclusive a partir do comércio local. "Os pais vêm para cá e deixam as crianças brincando. Eles ficam tomando guaraná com um espetinho. Mas, até agora, não veio ninguém [do poder público] ajeitar isso. Se viesse, seria melhor", afirma.

Há cinco anos, Wellington Chaves mantém um comércio em frente ao local. "A praça é toda desestruturada. Eles colocam bastante lixo. E é muito malcuidado esse pedaço aqui da gente. Eu não tenho nada de legal para falar sobre ela, está totalmente esquecida", desabafa o morador. "Por ser uma [rua] principal, é bastante complicado um espaço desse não ser aproveitado da melhor maneira possível. A gente paga nossos impostos, isso era para ser mais olhado pelos órgãos públicos", defende Wellington.

Novos espaços

De 2021 a 2026, a Prefeitura de João Pessoa construiu 19 novas praças em 16 bairros da capital. "Além das ações em praças, é importante destacar outras ações desta gestão, que são grandes espaços verdes urbanizados e em processo de urbanização, como o Parque Linear das Três Ruas, no bairro Bancários (concluído) e o Parque Linear JK (em execução), no bairro do Geisel. Necessário também citar a Avenida Hilton Souto Maior, que está sendo reurbanizada com parque linear em seu entorno — a primeira etapa foi entregue e a segunda está em execução —, bem como o Parque da Cidade, no Aeroclube, um importante projeto que promoverá uma mudança significativa no seu entorno, contribuindo com o meio ambiente e garantindo um grandioso espaço de lazer, esportes, cultura e convivência", explica o secretário de Planejamento, Ayrton Falcão.

■ João Pessoa tem 214 praças, que somam 600 mil m²; maior parte está localizada no norte da cidade

Áreas verdes atraem diferentes gerações

Por outro lado, há bairros pessoenses com grande oferta de praças. É o caso do Castelo Branco, na Zona Sul. Com uma área de 364,41 hectares de extensão e quase 10 mil habitantes, existem 19 praças distribuídas no território, o equivalente a um equipamento para cada 526 moradores e moradoras. Nas imediações da Praça Joais Ribeiro, moram Jully Soares, sua filha de colo, Laurinha, e sua avó, Josefa Lindolfo. Esta frequenta o local todos os dias, ao lado de Simone Costa, sua cuidadora, que a leva para caminhar das 15h30 às 16h30. A idosa mora na frente do local.

"É dona Josefa que gosta de caminhar. Ela gostava muito de entrar na universidade, caminhar por lá, mas agora, como está mais debilitada, por um AVC [acidente vascular cerebral], a gente fica por aqui. A gente dá uma volta e se senta, vê o movimento das outras pessoas. Dá muita criança e idoso aqui", relata Simone.

A bisneta de Josefa, Laurinha, também frequenta o espaço todos os dias, de manhã e à tarde, acompanhada da mãe ou da avó. "A proximidade entre a casa e as praças ajuda as pessoas a sair mais, a frequentar, a fazer exercício físico. Principalmente para quem tem dificuldade de locomoção", expõe Jully. "Eu, por exemplo, tenho bebê pequeno e preciso me locomover bastante, porque minha filha está em uma idade que só quer passear, então precisa ter algo próximo. Acho que [essa proximidade] ajuda bastante, tanto a sair quanto a se exercitar", complementa.

A praça também reúne a juventude. Alex Ramon e Elison Barros vieram até o logradouro de bicicleta, mas moram perto. Eles frequentam não apenas a Praça Joais Ribeiro, mas também outras praças no entorno, e explicam que o calor tem aumentado sua presença no local. Outro atrativo para ambos é que o espaço se tornou palco de movimentos culturais, como feiras, barraquinhas, *DJs* e *shows*.

"Tem toda uma movimentação aqui, fora os períodos da manhã e da tarde, quando a gente vem geralmente para descansar nas pausas de trabalho. Como a área é aberta, a gente consegue aproveitar, ver o pessoal, as crianças", comenta Elison.

"João Pessoa tem perdido muito isso, o verde, infelizmente", elabora o amigo, Alex. "Nos poucos espaços que ficam, a população quer tentar aproveitar para ter esse contato. A gente está se tornando, cada vez mais, uma cidade muito selva de pedra, com muito prédio e casa, mas pouca área verde. Então, eu acho que, enquanto a gente tiver esse espaço [das praças], a gente tem que ocupar", argumenta.



Família de dona Josefa frequenta assiduamente a Praça Joais Ribeiro, no Castelo Branco

Crescimento desordenado contribuiu para cenário

Segundo o secretário Ayrton, as áreas verdes foram estabelecidas a partir da aprovação dos loteamentos que povoaram a cidade. "Há bairros que possuem maior quantidade e áreas de praças, enquanto alguns não possuem esses espaços. A atual legislação exige que os novos loteamentos [parcelamento do solo] garantam uma fração de, no mínimo, 10% de áreas verdes em relação ao total a ser loteado", esclarece. Conforme o gestor, o Plano Diretor da cidade, ou seja, a lei que determina as diretrizes de como a cidade deve crescer, não fixa meta numérica de metros quadrados de praça por habitante.

Ricardo Vidal, que é arquiteto, urbanista e presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba (CAU-PB), aponta algo similar sobre a forma de estabelecimento de áreas verdes. "Essa diferença [de praças entre os bairros] está muito relacionada à forma como a cidade cresceu ao longo dos anos. Alguns bairros foram planejados com áreas destinadas ao lazer e à convivência, enquanto outros cresceram de maneira desordenada, sem a devida reserva desses espaços. Também precisamos considerar que, historicamente, os investimentos públicos nem sempre aconteceram de maneira equilibrada entre os bairros", destaca Vidal.

Ele defende que a praça é um espaço democrático, onde pessoas de diferentes idades e condições sociais podem conviver. Sua ausência limita as oportunidades de lazer, de atividade física e de interação entre os moradores. "Para crianças e idosos, especialmente, esses espaços são fundamentais. Uma cidade não pode oferecer qualidade de vida apenas para quem tem condições de pagar por ela", finaliza.

Respostas

A reportagem do jornal **A União** não conseguiu estabelecer contato com a Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb), responsável pela gestão das praças, nem com a Secretaria de Serviços Urbanos e Zeladoria (Sesuz), que realiza a manutenção e zeladoria desses logradouros.

ALTA ESTIMA

Bichos viram filhos de quatro patas

Relação das pessoas com os animais domésticos avançou até eles serem considerados membros das famílias

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com



Foto: Leonardo Ariel

O meigo Tchocco tornou-se um parceiro indispensável para sua tutora, a professora Rita

Amor de verdade é cooperativo e paciente: é o que surge quando nos dispomos a conhecer, respeitar e cuidar do outro, mesmo quando ele não fala a nossa língua. De acordo com a psicóloga Rayanne Moreira, esse é o tipo de acolhimento que ajuda as pessoas a se sentir em casa e também o que garantiu que seres humanos e animais domésticos, depois de trabalharem juntos por milênios de história, pudessem ser compreendidos como família. Essa relação, entretanto, é uma via de mão dupla: para ser boa para o *pet*, é necessário que o tutor não apenas goste de animais, mas que esteja disposto a atender às necessidades naturais — e não humanas — dele.

Segundo a psicóloga, ao observar-se a dinâmica econômica e social, bem como as prioridades estabelecidas pelas pessoas atualmente, é possível começar a compreender como a relação com os animais domésticos avançou até ser cunhado o termo "*pet parenting*" — fenômeno, com impacto cultural e mercadológico, por meio do qual os bichos passam a ser considerados membros da família. "A busca por autonomia, o alto custo de vida, preocupações com o futuro e rotina acelerada são fatores que exigem dedicação, ocupam nosso tempo e demandam energia. Fazer amigos, conhecer gente nova e criar vínculos vai ficando mais difícil, mas cuidar e ser cuidado, ter companhia, para muitas pessoas, é sinônimo de estabilidade e saúde emocional. Nesse contexto, os animais tornam-se uma fonte de afeto com as quais compartilhar amor, uma casa e uma rotina", aponta Rayanne.

"Sabe a sensação de estar sozinho, mesmo quando tem pessoas à sua volta, mas você chega em casa e é recebida com amor? Isso faz toda a diferença

Rita Ramalho

Embora não sejam os únicos animais considerados domésticos, cães e gatos permanecem sendo a escolha mais comum entre os tutores, segundo dados do Instituto Pet Brasil. As informações indicam que, dos cerca de 160,9 milhões de animais de estimação existentes no país, 63,7 milhões seriam cães e 43,3 milhões, gatos. Eles são os chamados "animais de companhia" — termo que envolve, ainda, *hamsters*, coelhos, calopsitas e outras espécies que não só vivem junto do ser humano, como também podem ser integrados a viagens e programas de família.

"A própria ideia que temos de família, hoje, baseia-se bastante em afetividade, e não apenas em vínculo sanguíneo ou em contrato assinado. O termo 'família multiespécie', que abrange pessoas e seus animais de estimação, vem ganhando cada vez mais espaço e, inclusive, menções nos tribunais brasileiros. Se um casal se separa, por exemplo, os cuidados com o *pet* podem continuar sendo compartilhados", comenta Rayanne. Ela conta que, durante seus atendimentos, é comum que pacientes falem sobre seus bichinhos em diversos momentos: desde o receio de perdê-los até o amparo que encontram neles diariamente.

Afeto

Para a paraibana Rita Ramalho, a presença de um cachorro representa alegria. Espelhando-se, principalmente, na figura do pai, que ela descreve como alguém que sempre nutriu carinho pelos animais, Rita conta que cresceu estabelecendo uma relação de afeto com os cachorros de pequeno porte com os quais compartilhava a casa e momentos da infância. "O que eu acho mais fascinante na relação com os cães é que eles são capazes de um amor genuíno. Da parte deles, não existe desrespeito ou intolerância. Eles percebem quando estamos vulneráveis e ficam mais perto para oferecer apoio e cuidar de nós. Muitas vezes, estabelecemos, com os animais, relações que, no cotidiano, é difícil construir com outras pessoas", reflete.

Natural de Campina Grande, Rita é formada em Psicologia e atua como professora. Ela chegou a João Pessoa há cerca de oito anos e, na cidade natal, ficaram as pessoas que compunham seu círculo social, além de dois cachorros — que não eram dela, mas com os quais convivia. Na tentativa de alegrá-la, uma amiga, ciente do quão bem um *pet* a fazia se sentir, resolveu presenteá-la com o Tchocco, um *shih tzu* meigo que mudou a dinâmica dos dias de Rita.

"Eu tinha passado por um processo de divórcio, tinha mudado de cidade e estava me sentindo muito só. E o Tchocco é quieto, compenetrado, mas muito parceiro. Sabe aquela sensação de estar sozinho, mesmo quando você tem pessoas à sua volta, mas aí você chega em casa e é recebida com amor? Isso faz toda a diferença em relação ao nosso emocional. O Tchocco veio, realmente, para me tirar daquele lugar de tristeza e trazer alegria para a minha vida", relata.

A experiência de Rita pode ser comparada aos efeitos causados pela cinoterapia. Esse é um método terapêutico que usa cães treinados para auxiliar na reabilitação física, emocional e social de pacientes, permitindo a redução de estresse, o estímulo ao bem-estar emocional, o desenvolvimento de empatia e o senso de responsabilidade que derivam da troca de cuidados entre uma pessoa e um animal. Sua popularização em João Pessoa começou em 2019, com o projeto social Terapet, que promove visitas de cães a hospitais, instituições e unidades de saúde, com apoio da institucional da Secretaria Estadual de Saúde (SES). Outros bichos, como gatos, cavalos e coelhos, também são populares na Terapia Assistida por Animais (TAA).

"Penso que a maneira com que os tutores interagem com os *pets* se assemelha à forma com que interagem com as pessoas que amam. Tutores que são respeitosos entendem que aquele bichinho é um ser, que tem uma vida, um sistema de comunicação, que está sob seus cuidados e que vai ficar em vulnerabilidade se você não tomar conta dele. As pessoas que têm essa compreensão, que fazem algo com carinho pelos seus *pets*, tendem a fazer o mesmo pelas outras pessoas", discorre Rita.

De roupas a festas, tutores investem em gestos "humanos" de carinho

Tratar um animal com amor e garantir que ele seja integrado à rotina e às atividades em família é muito positivo para a relação entre ele e seu tutor. Dessa inclusão, derivam festas de aniversário, roupinhas, acessórios e a famosa "voz de bebê" destinada aos *pets*. Nenhuma dessas coisas é necessária para construir uma boa relação com o bichinho, mas, em certa medida, pode trazer benefícios a ambos. Para o tutor, são demonstrações de carinho que ajudam a regular o emocional e, para o *pet*, a atenção extra pode ser positiva, ajudando-o a se sentir acolhido e seguro, desde que seus limites sejam respeitados.

Tchocco, o cachorro de Rita, aceita roupinhas e, principalmente, óculos que protegem seus olhos do vento durante passeios de carro. Mas, quando ele pede para tirar ou demonstra incômodo com alguma peça, a tutora atende imediatamente. Por isso, na maior parte do tempo, o *shih tzu* está do jeito que veio ao mundo: coberto apenas por pelos e, no máximo, com um penteado para afastar os fios dos olhos e prevenir problemas de visão.

Os animais de estimação do *designer* Rafael Silveira, no entanto, comportam-se de um jeito um tanto diferente: o cachorro, um "fiapo de manga" chamado "Chico Science", pede para colocar roupinhas, mas só gosta de dormir no chão, rejeitando camas e sofás. Ele adora ir para a creche, onde interage com outros cães, e gosta muito de contato. Já a gata tricolor Azula nem sempre quer contato direto, preferindo, muitas vezes, apenas estar no mesmo cômodo. Ela nunca foi vista dormindo no chão, mas sempre é flagrada tirando um cochilo no sofá, na cama de Chico ou na de Rafael.

"Vesti um casaquinho no Chico em uma época de chuva. Ele já tinha mais de dois anos comigo, e eu nunca tinha tentado vestir nada nele. Já tinha desistido da cama também. Comprei [a cama] esperando que ele gostasse, ele não gostou e eu nunca forcei. Hoje, é da Azula. Já o casaquinho foi um presente de uma amiga, então testei e, quando vi, o Chico ficava trazendo a roupinha para mim, pedindo para vestir", revela Rafael.

Ao ver Chico interessado por roupinhas, o *designer* chegou a comprar um vestido e um chapéu para Azula. "Fiquei com medo de que, vendo minha interação com o Chico, ela se sentisse excluída de alguma forma. Mas, quando percebi que a Azula não estava gostando, tirei na hora. Acho que o importante é prestar atenção e respeitar o que o animal está comunicando. Chamo os dois de 'filhos', mas sei que ela é uma gata, ele é um cachorro, e não vou forçá-los a se comportarem como gente. Eles têm a natureza deles e, embora a gente se entenda, sei que não é igual a minha", diz o tutor.

Vínculo saudável exige respeito à natureza e às necessidades dos pets

De acordo com a médica-veterinária Adriana Cabral, os cuidados essenciais com os bichos de estimação envolvem aceitar a personalidade do animal e compreender que, ao assumir a tutela de um, é preciso estar disposto a se responsabilizar pelo bem-estar físico e emocional de outro ser vivo durante toda a vida dele. Alimentação adequada, água fresca, vacinação, controle de parasitas com orientação veterinária, consultas preventivas, higiene, brincadeiras, estímulo e atividades físicas compatíveis com a idade e condição de saúde são fundamentais. Um gato, por exemplo, precisa de oportunidades para arranhar e explorar, enquanto um cão carece de passeios e de coisas para farejar.

"O vínculo entre os *pets* e tutores se constrói nos pequenos gestos: na companhia, nas brincadeiras e na percepção de que aquele animal tem uma personalidade e uma maneira própria de se comunicar. Animais podem trazer companhia, alegria, incentivar uma rotina mais ativa e ajudar a aliviar a sensação de solidão. Às vezes, essa convivência também nos ensina a ter mais paciência, a respeitar limites e a encontrar afeto em pequenos momentos do dia. Esses benefícios variam de pessoa para pessoa, mas essa relação precisa sempre ser boa para os dois," explica a profissional.

Adriana lembra, ainda, que cães, gatos e outros animais são seres sencientes, capazes de vivenciar experiências como dor, prazer, medo e conforto. Ela, que se considera uma "mãe de *pet*", acredita que o limite para a humanização aparece quando os tutores passam a interpretar as necessidades dos animais com base nas preferências humanas. Isso pode acontecer quando, a fim de demonstrar afeto, os tutores oferecem comida inadequada, insistem em abraçar mesmo quando o *pet* sinaliza desconforto ou impedem que eles realizem atividades naturais, com medo de que se sujem.

"Essas atitudes podem favorecer excesso de peso, medo, frustração e estresse. Por isso, precisamos aprender a reconhecer a linguagem corporal e respeitar os limites de cada animal. Para mim, amar um *pet* é também respeitar sua natureza. Ele pode ser amado como um filho e, ao mesmo tempo, ter suas necessidades plenamente atendidas", pontua a médica-veterinária.

■

Especialista alerta para os limites da humanização, já que há comidas e abraços que podem deixar o bicho desconfortável

PENA JUSTA

Estado avança em políticas penais

Plano combina gestão de vagas, alternativas à prisão e ações de reinserção social para aprimorar a rede carcerária

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com



Foto: Divulgação/TJPB

A transformação do sistema prisional não depende só da atuação estatal. Exige o envolvimento de organizações sociais e de comunidades

Aparecida Gadelha

"O estado da Paraíba vem avançando na estruturação de uma política penal que articula a gestão das vagas prisionais, o fortalecimento das alternativas penais e a promoção de oportunidades de educação e reinserção social", avalia o secretário-executivo do Comitê de Políticas Penais da Paraíba, Roberto Dimas Campos Júnior, sobre o cumprimento das metas do Plano Pena Justa no território paraibano, desde a implantação da iniciativa, em 2025. Para ele, a efetivação da Central Integrada de Alternativas Penais (Ciap) e o funcionamento da Central de Regulação de Vagas (CRV) foram os avanços mais relevantes nesse contexto, com destaque para o êxito das políticas de reinserção social, por meio da educação e do trabalho prisional.

As ações de reinserção social também abrangem o acompanhamento das pessoas egressas do sistema prisional após a saída do cárcere, especialmente por meio do Escritório Social, que articula acesso à saúde, à educação e à qualificação profissional, além do encaminhamento ao mercado de trabalho. Segundo balanço divulgado pelo Governo do Estado, cerca de 250 egressos foram beneficiados por atividades realizadas em maio e junho deste ano. Somam-se a esse trabalho parcerias como o Programa Ressocializa, voltado à profissionalização e à inserção laboral de detentos e egressos. "Esses registros demonstram a existência de serviços em atividade, permanecendo como prioridades a ampliação de sua cobertura e a continuidade do acompanhamento, para transformar as oportunidades oferecidas em condições efetivas de autonomia e inclusão social", afirma Dimas.

Nas palavras da juíza Maria Aparecida Gadelha, coordenadora do Grupo de Monitoramento e Fiscalização (GMF) dos Sistemas Carcerário e Socioeducativo do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), o Plano Pena Justa representa uma oportunidade de consolidar uma política penal baseada na garantia de direitos, na melhoria da gestão prisional, na implantação de alternativas penais e na reinserção social. "A avaliação [do projeto] é positiva, especialmente pelo fortalecimento da articulação entre as instituições e pela construção de estratégias conjuntas para enfrentar os desafios do sistema prisional".

Por meio do GMF, o TJPB tem atuado no monitoramento das ações previstas pelo Pena Justa e na articulação institucional para construir uma política penal mais humanizada e eficiente. "O desafio é consolidar essas iniciativas e garantir que a atuação conjunta do Poder Judiciário, das demais instituições e da sociedade civil traduza-se em mudanças concretas na realidade paraibana", pondera Aparecida, defendendo que essa contribuição coletiva aproxima as políticas penais da realidade social e amplia o compromisso da sociedade com a garantia de direitos. "A transformação do sistema prisional não depende apenas da atuação estatal. Exige o envolvimento de diferentes atores, incluindo organizações sociais, instituições e comunidades".

O papel da CRV

Metas do plano em nível nacional, a redução da superlotação do sistema prisional e a melhoria dos serviços e da infraestrutura dos presídios passam pela gestão de vagas da rede carcerária. Nesse contexto, a CRV teve sua instalação formalizada pelo TJPB e pela Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap) em agosto de 2025. A ferramenta de gestão monitora, em tempo real, a capacidade e a ocupação das unidades prisionais, organizando a entrada de pessoas privadas de liberdade de acordo com as vagas reais disponíveis.

A finalidade da CRV é integrar informações sobre a ocupação dos presídios e subsidiar decisões judiciais e administrativas relacionadas aos fluxos de entrada e saída do sistema penitenciário. "O funcionamento desse mecanismo envolve o acompanhamento da disponibilidade de vagas, o intercâmbio de dados entre o Executivo e o Judiciário e a articulação com outros serviços penais, contribuindo para o enfrentamento da superlotação", detalha Dimas.

■ Somente em maio e junho, cerca de 250 egressos foram beneficiados pelo Escritório Social, que facilita o acesso à saúde e ao trabalho



Foto: Evandro Pereira

Por meio do artesanato, o Castelo de Bonecas dá oportunidade de qualificação profissional e de renda para reeducandas

Parcerias fomentam inclusão produtiva

Quanto às alternativas penais, a Paraíba conta com a Central Integrada de Alternativas Penais (Ciap) de João Pessoa, inaugurada em agosto de 2025 e gerida pela Seap. O serviço realiza um acompanhamento multidisciplinar de pessoas encaminhadas pela Justiça para o cumprimento de medidas em regime aberto, promovendo responsabilização e acesso a direitos. As ações abrangem, por exemplo, a responsabilização de homens autores de violência doméstica e a organização de grupos reflexivos, que visam reeducar os agressores e prevenir sua reincidência. "O cenário, portanto, é de uma política com equipamento instalado e ações de qualificação em desenvolvimento, cuja ampliação depende do fortalecimento das equipes, dos fluxos de encaminhamento e da rede de serviços", pontua Roberto Dimas.

Na área da educação prisional, o Plano Pena Justa contempla a escolarização na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), o incentivo à leitura e a formação profissional. Essas iniciativas estão inseridas no Plano Estadual de Educação para Pessoas Privadas de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional 2025–2028. Entre as ações promovidas neste ano, destacam-se a certificação de participantes do Curso de Auxiliar de Cozinha, pelo programa ParaíbaTec Prisional, e a realização de uma formação continuada para profissionais da educação em prisões.

Já quanto às medidas de ressocialização executadas no âmbito do Pena Justa, duas unidades sobressaem-se: a Penitenciária Feminina Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa, e a Colônia Penal Agrícola de Sousa, no Sertão. Realizado na unidade da capital, o programa Castelo de Bonecas — no qual mulheres privadas de liberdade confeccionam brinquedos e acessórios artesanais — vem sendo impulsionado pelo EmpregaLab, projeto do TJPB voltado à inclusão produtiva e à qualificação profissional das reeducandas. Assim, a produção passou a ser estruturada como empreendimento social, com gestão formal e planejamento estratégico, incluindo suporte técnico do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) na elaboração de planos de negócios.

Outro estímulo ao empreendedorismo, aliás, vem do Empreender Mulher — Reintegração Social, linha de crédito oferecida pelo Governo do Estado para estimular a autonomia financeira e a reinserção social de mulheres que cumprem penas nos regimes semiaberto e aberto, estão em livramento condicional ou são egressas do sistema prisional.

Na Colônia Penal Agrícola de Sousa, por sua vez, os programas Pão na Mesa e Terceira Refeição associam capacitação em panificação, educação profissionalizante, trabalho remunerado e remição da pena, fomentando a ressocialização e a reintegração social dos detentos. A produção de alimentos possui, ainda, dimensão comunitária: ela passará a ser destinada a famílias em situação de vulnerabilidade social e ao abastecimento do Presídio de Cajazeiras.

Metas demandam providências conjuntas

O Pena Justa é coordenado, em todo o país, pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e pelo Ministério da Justiça e da Segurança Pública (MJSP). Além de enfrentar a superlotação, o programa visa corrigir problemas das unidades prisionais que afetam também os servidores penais, ao passo que contribui com políticas de segurança pública, uma vez que o fortalecimento da presença do Estado nos presídios enfraquece organizações criminosas que operam dentro e fora das prisões.

Na Paraíba, o cumprimento das metas vem sendo feito com a implementação progressiva de ações voltadas à qualificação da gestão penitenciária, ao fortalecimento das alternativas penais, à garantia de direitos e à ampliação das oportunidades de reintegração social das pessoas privadas de liberdade e egressas. Entre os objetivos, destacam-se, ainda, a qualificação da política de monitoração eletrônica; a adesão à Política Nacional de Atenção à Pessoa Egressa do Sistema Prisional (Pnape); e a qualificação do Escritório Social e dos demais serviços especializados.

"Essas iniciativas demonstram o compromisso da Paraíba com a execução articulada e contínua das metas pactuadas, orientada à superação das deficiências estruturais do sistema prisional, à promoção da dignidade humana e à efetividade das políticas de responsabilização e reintegração social", observa Roberto Dimas.

Conforme o secretário-executivo do Comitê de Políticas Penais da Paraíba, também é decisiva a coordenação entre os órgãos envolvidos — incluindo, além dos Três Poderes, a sociedade civil, a Defensoria Pública e o Ministério Público do estado —, pois muitas metas dependem de providências conjuntas. A organização da atuação interinstitucional, a propósito, fica a cargo do comitê, instituído pela Seap e pelo TJPB.

Mutirão

Em reunião realizada em setembro, na sede do TJPB, em João Pessoa, foram discutidos os avanços do Pena Justa no estado. Os resultados do 2º Mutirão Processual Pena Justa, apresentados pelo órgão judiciário e relacionados ao primeiro semestre de 2026, apontaram para a análise de 233 processos, com foco na revisão de prisões cautelares (que corresponderam a cerca de 85% dos casos), na regularização de registros processuais, na identificação de inconsistências cadastrais e na verificação da legalidade da manutenção de medidas cautelares. As unidades criminais da Comarca de João Pessoa foram responsáveis por 60,5% das análises processuais do mutirão.



Foto: Divulgação/Seap

A Colônia de Sousa mantém capacitação em panificação

CULTURA DE FÃS

Paixão constrói laços e identidade

Para além do entretenimento, relação com artistas e obras alimenta expressão pessoal, amizades e memórias

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

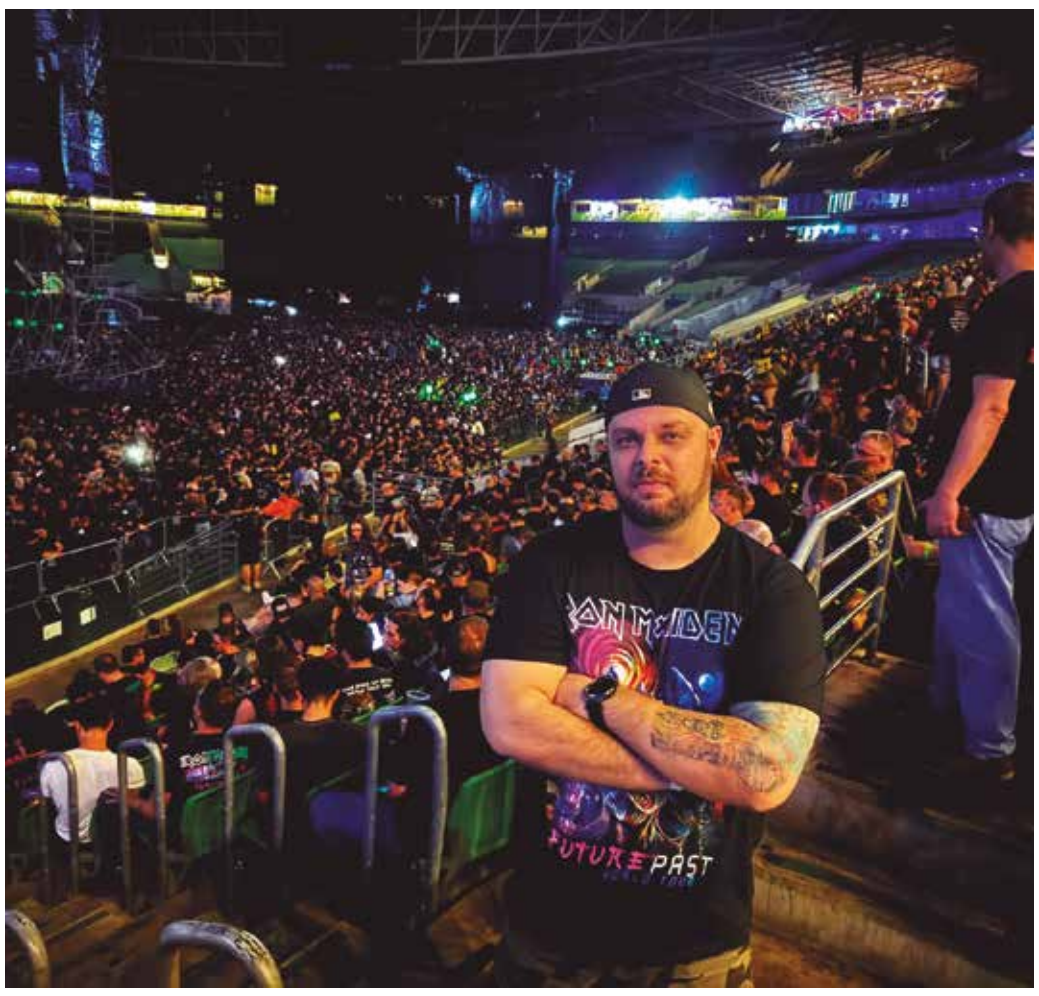


Foto: Bruno Trindade/Arquivo pessoal

Bruno descobriu o Iron Maiden nos anos 1990 e, desde então, já foi a 17 apresentações da banda

Não há um consenso sobre o significado exato de ser fã. Enquanto alguns acreditam que gostar do trabalho de alguém e acompanhar lançamentos ocasionais é o suficiente, outros defendem que um certo investimento — de tempo, energia ou dinheiro — é requisito para merecer o título. Uma coisa, no entanto, é indiscutível: ser fã significa estabelecer conexão. Hoje, o que antes era sinônimo de "fanático" remete a uma forma legítima de identidade, consumo cultural e socialização, que pode fortalecer o senso de pertencimento, proporcionar autoconhecimento e, até mesmo, engajar comunidades em causas sociais, políticas e ambientais.

Para o pessoense Bruno Trindade, o significado de ser fã começou a ser construído na década de 1990, quando uma grande quantidade de jovens vestindo camisetas da banda inglesa de *heavy metal* Iron Maiden chamou sua atenção. Na época, com 14 anos, ele comprou um disco para matar a curiosidade: *Seventh son of a seventh son*, sétimo álbum de estúdio do grupo, e tornou-se um "maidenmaníaco" desde então. "A qualidade e a genialidade musical me deixaram obcecado pela banda, mais do que por outras que eu já curtia. Hoje, tenho tudo o que você puder imaginar de material do Iron Maiden. Meu quarto é um 'santuário' da banda e, no meu braço esquerdo, tenho tatuadas todas as 17 capas de álbuns de estúdio lançados por ela ao longo da carreira".

Formado em publicidade, Bruno, atualmente com 44 anos, também é vocalista da banda de *rock* RetroHollics, que soma 20 anos de estrada. Com repertório autoral, o grupo de João Pessoa também faz tributos a nomes como Led Zeppelin, Pink Floyd e Rolling Stones, além do Iron Maiden. "Comecei cedo na música e a Iron Maiden se tornou minha banda favorita. Já fui para 17 *shows*, inclusive no exterior e, de 2004 para cá, estive em todas as turnês que a banda fez pelo Brasil", revela. Em cada um desses momentos, Bruno enxergou mais que boa música: ele viu coletividade e forjou amizades com quem pôde viajar, criar memórias e compartilhar experiências.

"Para mim, ser fã é muito mais do que gostar das músicas de uma banda. É quando aquilo passa a fazer parte da sua história. É difícil explicar para quem está de fora, mas, quando começam os primeiros acordes de um *show* e você vê aquela multidão cantando junto, parece que todo mundo está falando a mesma língua. Uma das coisas mais bonitas de ser fã é, justamente, perceber que você não está sozinho. Existe uma conexão, comunidade. E acho muito bonito que isso aconteça entre pessoas de idades e lugares completamente diferentes", Bruno discorre.

Conexão

Aos 44 anos, vocalista do grupo pessoense RetroHollics exalta o senso de comunidade e pertencimento que une os fãs, independentemente de idade ou lugar

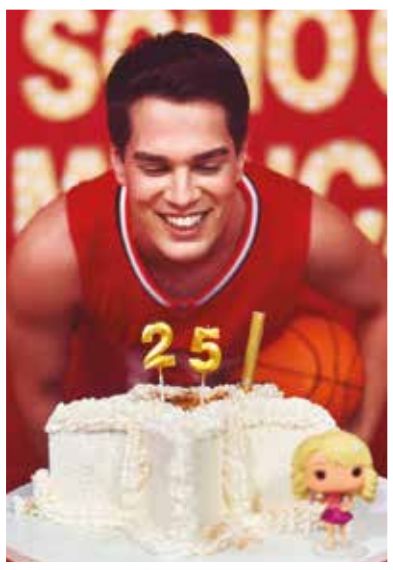
Apesar de todos os *shows*, dos autógrafos que tem da banda, da memorabilia gigante que possui e de ter conhecido pessoalmente ex-integrantes do Iron Maiden, como Blaze Bayley e Paul Di'Anno — que chegou a usar uma camisa da RetroHollics durante uma passagem por João Pessoa —, Bruno confessa que nunca perdeu a emoção que sentiu durante o primeiro contato com o grupo. "A banda faz parte da minha vida, da minha identidade e de várias coisas que vivi ao longo dos anos".

Personagens inspiram sonhos e valores

Ser fã de algo, da infância à vida adulta, também trouxe inspiração, amizades e autoconhecimento para o publicitário, ator e bailarino André Júlio, de 26 anos. Apaixonado desde criança por música e dança, ele conta que sempre nutriu encanto pelo cinema e pelo teatro musical — forma de arte cênica que combina canções, dança e diálogos falados para contar uma história. Esse gosto, no entanto, começou a amadurecer em 2007, quando o segundo filme da franquia *High school musical* (*HSM*) chegou ao Brasil.

Coragem

Para André Júlio, a franquia de *High school musical* tornou-se um símbolo tanto de autoconfiança como de resistência, já que ele era alvo de *bullying* na infância





Fotos: André Júlio/Arquivo pessoal

O publicitário, ator e bailarino de 26 anos já celebrou várias festas temáticas de aniversário com referências à série de filmes musicais

O primeiro contato de André com *HSM* veio por meio de uma amiga, que morava na mesma rua que ele e com quem costumava brincar. Certa vez, ao visitá-la, André a encontrou assistindo ao *DVD* que tinha ganhado e sentou-se para ver junto. A história dos personagens — um grupo de jovens no Ensino Médio, tentando descobrir quem eram, o lugar que ocupavam no mundo e até onde estavam dispostos a ir para realizar um sonho — conversou com ele, que estava passando pelo mesmo processo de entender os próprios interesses e como eles se relacionavam com sua identidade.

"Tenho várias histórias especiais — algumas até um pouco delicadas —, que fazem parte de quem sou e que envolvem a franquia. *HSM* tornou-se um símbolo de acreditar nos meus sonhos, ser autêntico e confiar em mim mesmo, independentemente da forma como as pessoas julgam. Sofri bastante *bullying* na infância, porque *HSM* era um interesse majoritariamente feminino. Fiz de tudo para não deixar isso me afetar, para manter um gosto que significava tanto para mim, então também associei a franquia à resistência", expõe André.

Enquanto a amiga que o apresentou aos filmes colecionava camisetas, André tinha itens de papelaria relacionados a *HSM*, e os dois compartilhavam as mídias sonoras e audiovisuais que conseguiam adquirir. Entretanto, ele lembra com carinho de uma mochila vermelha, com uma imagem do elenco estampada, que fez questão de ter. "Tinha muito *glitter* e isso bastava para fazer as pessoas olharem de um jeito diferente, mas eu não estava nem aí, porque era algo que eu amava".

Apesar do preconceito alheio, ao manter seu interesse, André foi conhecendo pessoas que gostavam de coisas semelhantes e, próximo a elas, descobriu o que era fazer parte de uma comunidade ou *fandom* — uma rede de interação em que fãs dialogam, apoiam-se e criam laços de pertencimento. "Na época da escola, a gente tinha uma caixa de som. Eu levava meus *CDs* de *HSM* e nós meio que fazíamos uma 'discoteca' na sala de aula, durante o intervalo. Era incrível, todo mundo se divertindo e cantando junto. Também fiz uma apresentação no Ensino Médio, em que meu grupo dublou a música *We're all in this together*, do primeiro filme. A partir de *HSM*, fiz amigos que vou levar para o resto da vida", destaca.

Encontro

Durante o Imagineland 2026, evento de cultura *pop* que aconteceu de 25 a 26 de setembro, em Campina Grande, e que celebrou os 20 anos de estreia do primeiro *HSM*, André teve a chance de conhecer parte do elenco e participar de uma exibição *sing-along* — com a plateia cantando junto com os personagens. Uma experiência que remeteu, em grande escala, às discotecas improvisadas no intervalo da escola — e que o André de sete anos pensava ser impossível acontecer.

"Foi algo que me acompanhou durante todo esse tempo e que deixou uma marca em mim. Tanto o meu aniversário de 10 anos como o meu aniversário de 25 anos foram [com o tema] de *HSM* e, hoje, tenho muito orgulho de dizer que sou fã de uma tal coisa, que fiz isso por um determinado artista, que corri atrás de ver tal filme na estreia. São coisas que levo comigo e que posso compartilhar com familiares, amigos e — quem sabe, um dia — até com filhos", conclui.

Para ser saudáveis, vínculos exigem limites

De acordo com a socióloga Geovania Duarte, pertencer a um *fandom* pode ir além de oferecer apoio emocional e senso de comunidade. Ela explica que o desenvolvimento de plataformas *on-line* não alterou apenas a forma como as pessoas interagem umas com as outras, mas também a relação entre entretenimento e sociabilidade: reunidas em volta de um mesmo interesse, elas trocam ideias, analisam obras, criam teorias, estimulam a criatividade e expandem o universo daquilo que é amado.

Tanto para a sociologia como para os estudos em mídia, tal conceito é chamado de "cultura participativa" — um espaço para análises críticas, produção de cultura e desenvolvimento de habilidades intelectuais e artísticas. "O fã passa a fazer parte do mundo daquilo de que gosta, inclusive como um criador. Buscando aproximar os estudos sobre fãs dos Estudos de Recepção — um campo de investigação que desloca o foco da análise do autor ou da obra para quem recebe e interpreta esse conteúdo —, um pesquisador influente dos meios de comunicação, Henry Jenkins, discorre sobre a construção de uma imagem alternativa da cultura de fãs, que veja consumidores de mídia como ativos, criticamente engajados e criativos", disserta Geovania.

Segundo ela, ser fã também pode ser um ato político, na medida em que organiza o coletivo e volta-se para questões reais da sociedade. "Pode ser sobre deparar-se com algo que você deseja, que te motiva ou com que você se identifica. Quando você pesquisa sobre o artista [que acompanha], descobre que ele está associado a uma causa que também pode ser sua. Um personagem, por mais diferente que seja de você, pode ter um traço de personalidade ou um passado que você reconhece em si mesmo. E isso te une a outros indivíduos, que sentem a mesma coisa e querem falar sobre isso com você", explana.

Entretanto, a socióloga também indica que as relações parassociais — conexões unilaterais, normalmente nutridas por fãs, os quais sabem muito sobre a vida de uma figura pública que não os conhece de verdade — podem ter um lado negativo: para proteger o ídolo, o fã passa a manifestar atitudes hostis. "Por vezes, a indústria estimula comportamentos tóxicos, investindo na intensidade dos vínculos emocionais para incentivar o consumo e conseguir mais engajamento para os artistas, que também podem acabar vitimizados. Já vimos inúmeros casos de fãs que acreditam ter direitos sobre a vida pessoal de seus ídolos, perseguindo-os e assediando-os, certos de que a devoção há de ser recíproca".

Para a psicóloga Cássia Monteiro, a admiração e o esforço em prol de um ídolo não é um problema, desde que exista um limite: a intimidade do artista, o bem-estar dos fãs e o bom relacionamento com outras comunidades devem ser mantidos. "Ser fã é muito divertido. O jovem faz amigos, desenvolve habilidades, aprende idiomas, participa de campanhas, sente-se acolhido. O risco aparece quando essa experiência torna-se compulsiva e afeta outras dimensões da vida", alerta.



Imagem: Divulgação/Panini Comics

QUADRINHOS

Quando mundos colidem

Há meio século, a primeira interação entre as editoras concorrentes teve como protagonistas o Homem de Aço e o aracnídeo "amigão da vizinhança"

Brasil promove um revival *de encontros setentistas dos grandes símbolos do universo dos super-heróis: o Superman, pela DC, e o Homem-Aranha, pela Marvel*

Audaci Junior
audaciauniao@gmail.com

Nos dias de hoje, é bem mais fácil explicar o motivo de determinados super-heróis não se encontrarem por aí, pelas ruas da aventura e pelas esquinas da vida. A imensa fábrica exportadora de *comics* (como são denominados os quadrinhos norte-americanos) tem duas grandes editoras a seu serviço: a DC e a Marvel — ambas surgidas nos anos 1930 (antes de amalgamar outras companhias ou ter outros nomes) e atualmente subsidiárias da Warner e Disney, respectivamente.

Principalmente por culpa do cinema e do *streaming*, o público sabe que o seu personagem favorito não cruza com outros nos filmes, animações, séries, HQs e afins por conta de serem de "universos" diferentes. Já nos anos 1970, os jovens leitores não tinham essa ciência, até chegar o primeiro do que viria a ser um *crossover*: o Homem de Aço de Metrópolis encontra o "amigão da vizinhança" nova-iorquina.

Em formatão (26 cm x 34,5 cm), um ano depois de ser lançado nos EUA, chegou ao Brasil *Superman vs. Homem-Aranha* (publicado pela Ebal, no selo *Almanaque dos Heróis 1977*). A aventura reunia nomes de peso: Gerry Conway (roteiro), Ross Andru, John Romita Sr. e Neal Adams (desenhos) e Dick Giordano, Terry Austin e Bob Wiacek (arte-final).

"A batalha do século" saiu mais duas vezes (no "formatinho") pela Abril, em 1986 e 1993. Neste ano, a Panini Comics (detentora das licenças de ambas as editoras gringas por aqui) lançou recentemente nas bancas e nas livrarias a edição comemorativa *50 anos Encontros Clássicos DC e Marvel: Superman vs. Homem-Aranha*, no formatão tabloide de antes.

Samir Naliato, coordenador editorial da Panini e, acima de tudo, um fã de quadrinhos, teve seu primeiro contato com a obra tardiamente, no começo dos anos 1990. "Desde jovem, eu vejo esses encontros como uma grande diversão", aponta. "Encontros de personagens de editoras diferentes é um acontecimento a ser celebrado, é um evento único que permite aos leitores realizar sonhos malucos de ver esses heróis finalmente agindo juntos. É raro e, por isso, especial".

Foto: Arquivo pessoal



Desde jovem, eu vejo esses encontros como uma grande diversão

Samir Naliato

Naliato acrescenta que há muita burocracia envolvida nos bastidores, e nem sempre os dois lados entram em acordo. Após uma enxurrada de *crossovers* nos anos 1990, ambas as editoras "não se bicavam mais" até recentemente, quando essas pérolas foram republicadas e outras inéditas estão sendo lançadas.

Um dos grandes desenhistas do gênero, o veterano paraibano Mike Deodato Jr. trabalhou tanto na DC quanto na Marvel. Antes, nos anos 1970, seu pai — o também quadrinista Deodato Borges (1934–2014) — "contava o dinheiro na carteira" porque o garoto pegava praticamente tudo na banca. "Eu sabia que tinha os heróis, cada um em seu universo, mas não identificava se era Marvel ou DC", relembra. "Achei incrível aquela edição [da Ebal]. Primeiro, porque era no formato grande; depois, por juntar os dois heróis concorrentes... e o principal era os detalhes da arte-final. Aquela capa com todos aqueles prédios... eu nunca tinha visto nada daquele nível antes".

Deodato confessa que nunca foi fã de Ross Andru — o principal desenhista da obra —, mas a arte-final de nomes consagrados deixou o paraibano maravilhado. "Giordano dá beleza às figuras e Terry Austin entrou naqueles detalhezinhos que deixa parecendo que foram feitos mecanicamente e tão perfeito", resume ele. "Emir Ribeiro foi o primeiro que incorporou isso aqui", explica, citando o quadrinista conterrâneo, criador da Velta. "Essa arte-final me influenciou muito em querer colocar aquele nível de detalhes".

Foto: Edson Matos/Arquivo A União



Essa arte-final me influenciou muito em querer colocar aquele nível de detalhes

Mike Deodato Jr.

A parceria deu muito certo. Tanto que, no começo dos anos 1980, Superman e Homem-Aranha encontravam-se de novo, desta vez com Marv Wolfman (argumento) e Jim Shooter (roteiro), John Buscema (desenhos) e arte-final de diversos veteranos, entre eles Austin, Joe Rubinstein e Al Milgrom. Apenas lançada em "formatinho" pela RGE e Abril, a Panini publicou recentemente no formato tabloide. "A ideia foi justamente reproduzir a experiência original, com o formato gigante, para trazer essa sensação de grandiosidade para a história e honrar os autores originais", frisa Samir Naliato.

Na esteira, veio dois grandes encontros: *Batman vs. o incrível Hulk* (Ebal e Abril), seguido de *Os fabulosos X-Men e Os Novos Titãs* (apenas pela Abril). Nunca lançados no formato original, provavelmente poderão aparecer por aqui nessa onda de *revival*. Um indicativo de sucesso inicial foi confirmado por Samir: a primeira edição de *Superman vs. Homem-Aranha* esgotou e a Panini já está reimprimindo uma nova tiragem.

Que novos (e velhos) heróis venham a se cruzar.

Continua na página 11

Imagem: Reprodução/Marvel e DC



Imagem: Divulgação/Panini Comics

■ **Antes do primeiro *crossover***

Em 1975, a primeira cooperação entre Marvel e DC foi, no mínimo, inusitada: uma adaptação do clássico do cinema *O mágico de OZ* (1939) pelas mãos de Roy Thomas (roteiro) e John Buscema (arte), obra que continua inédita no Brasil. Um ano depois veio *Superman vs. Homem-Aranha.*

Imagem: Reprodução/Abril Jovem



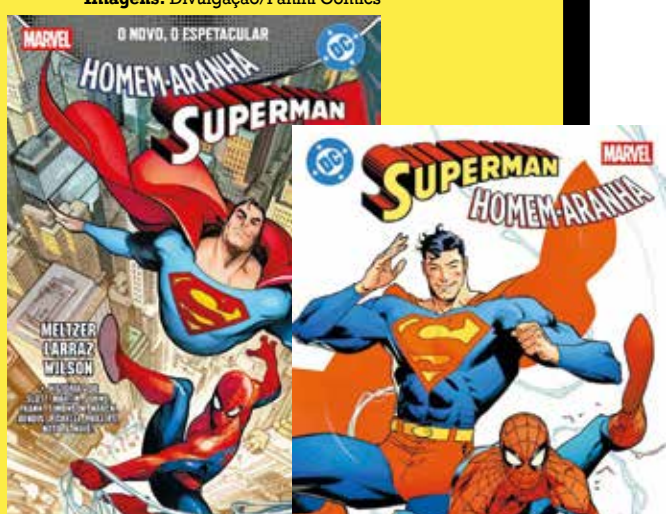
Imagem: Rep./Panini Comics



■ **Verdadeira enxurrada noventista**

Há 30 anos, o auge dos *crossovers* foi a minissérie *DC vs. Marvel*, colocando herói contra herói para decidir o destino dos dois universos, com edição por votação do público de quem ganharia (via cupons nas revistas ou por urnas eletrônicas) e até uma "amálgama" de supers (Wolverine + Batman = Garra das Trevas). Depois de diversas séries, o ápice se deu em 2003, com *LJA/Vingadores*, por Kurt Busiek (roteiro) e George Pérez (arte), que a Panini está republicando neste mês.

Imagens: Divulgação/Panini Comics



■ **Novíssimos encontros depois de décadas**

Hoje em dia, não só de republicações vivem os *crossovers*. Desde 2004, com o fim da minissérie *LJA/Vingadores*, DC e Marvel não "se batiam". No ano passado, acabou a dieta com o lançamento (inusitado) de duas edições de *Batman e Deadpool*, seguido de dois novos encontros de *Superman e Homem-Aranha*. Todas as HQs saíram por aqui, pela Panini.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

A metafísica do azar

Não sei quem inventou que pisar em merda é sinal de sorte! A sensação é tão desagradável que a crença atua como mecanismo de compensação psicológica, ao transformar positivamente o acontecimento atribuindo caráter mágico a ele. O que todos lamentariam passa a ser motivo de comemoração, como se tivéssemos encontrado a moeda número 1 do Tio Patinhas.

Gosto de ouvir histórias sobre lendas e superstições, apesar de ser um cara cético. O imaginário popular é filosoficamente rico e poético. Há muito que aprender com ele. Muitas dessas crenças populares tratam de problemas humanos cruciais e criam regras de comportamento para situações corriqueiras, capazes de evitar os mais diversos infortúnios. Por isso são socialmente importantes.

No município de Conde, aqui na Paraíba, existe uma porção delas. Algumas se aplicam ao mundo noturno. Assoviar à noite, por exemplo, é extremamente perigoso porque se acredita que atrai cobras. Dormir com a cabeça virada para o ventilador causaria tumores no cérebro. É aconselhável também que a cama não esteja em direção à rua, caso não desejemos uma vida de azar.

As superstições que tratam diretamente sobre morte são as mais curiosas. Dizem que, se alguém de uma casa morre, seu vizinho morrerá logo em seguida — a consequência lógica seria o extermínio de todos os moradores da rua. Pensando bem, talvez essa seja a arma mais letal e eficiente já inventada. Não duvido que em breve divulguem a notícia que os Estados Unidos registraram a patente desse invento.

No município de Conde, ter um cão em casa significa mais que um amigo ou segurança contra ladrões; é, antes de tudo, uma maneira engenhosa de fugir da morte — porque ela daria preferência à alma do animal, mais valiosa que a nossa. Ouvir gritos de uma coruja em cima da própria casa é um sinal macabro. Se isso acontecer, o melhor é encaminhar os preparativos para o velório e as papeladas da herança. Caso o bicho seja visto sobrevoando outro lugar, trata-se apenas de mau presságio. Passar por cima de uma pessoa — "enguiçar" — pode significar azar ou nunca mais crescer. Esta última, evidentemente, se aplica a crianças e adolescentes.

Em João Pessoa, conheci pessoas que compartilhavam a mesma crença. Meninos passavam por cima de outros meninos e diziam: "Tá enguiçado!". Ao que seguiam reações desesperadas e pedidos convulsivos de "Me desenguice! Me desenguice!". Numa espécie de síndrome de Peter Pan às avessas. O medo de nunca crescer era realmente pavoroso, justificando assim os pedidos insistentes para quebra do feitiço. A situação podia ficar mais dramática. Desde que os outros meninos gritassem em coro: "Tá enguiçado! Tá enguiçado!". Isso inflamava os ânimos. Presenciei verdadeiros "arranca-rabos".

Como essas, existem outras tantas histórias. Podemos fazer as mais variadas leituras, mas estou interessado nos medos que elas revelam. A vida não é fácil pra ninguém; entre suas diferentes traduções, está a tragédia. As doenças são ameaças constantes e praticamente inevitáveis. Em algum momento seremos abatidos. Temos expectativas que desejamos alcançar, como crianças que imaginam que no futuro serão grandes e fortes. No entanto, estamos limitados pelo tempo.

Afinal, talvez as superstições sejam uma maneira de negociar com aquilo que não podemos controlar. São pequenos acordos com o desconhecido, tentativas de introduzir alguma ordem no mundo e, quem sabe, adiar um pouco a chegada da tragédia. O pensamento supersticioso é uma manifestação da nossa dificuldade em aceitar que nem tudo depende de nós.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Modos gregos na música ocidental

Os modos gregos têm origem na Grécia Antiga e influenciam a compreensão histórica das relações entre música, pensamento filosófico, expressão corporal e organização sociocultural no Ocidente. Na Antiguidade, as práticas musicais apresentavam diferentes organizações de alturas, estruturas melódicas, padrões rítmicos e concepções éticas acerca da influência da música na formação humana. Embora os nomes dos modos estejam associados a povos e regiões do mundo grego, suas configurações históricas não correspondem exatamente às escalas modais utilizadas na teoria musical contemporânea.

Na Grécia Antiga, a música integrava um conjunto de práticas culturais que articulavam a dança, poesia, canto, religião, teatro e educação. Nesse sentido, o conceito de *ethos* musical expressava a concepção de que os sons, os ritmos e as melodias poderiam influenciar as intenções emocionais, o comportamento e o caráter dos cidadãos. A música era compreendida como um instrumento de formação ética, intelectual e social. Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.), filósofo grego, disserta essa questão em seu livro *Política*, especialmente no Livro VIII, ao discutir a função educativa da música para a formação do caráter. Essa tese também se encontra na filosofia do grego Platão (c. 427 a.C.–347 a.C.), particularmente em *A República*, diálogo escrito no século 4 a.C. Nele, o filósofo estabelece relações entre a educação musical, a formação moral e a organização da cidade, considerando que as práticas musicais favorecem a disciplina, a moderação e o desenvolvimento das virtudes necessárias à vida coletiva e ao bem-estar social.

As escalas gregas se originaram de características musicais de diferentes regiões. Os sete modos principais são: jônio, correspondente à escala maior natural; dórico, iniciado no segundo grau da escala maior; frígio, iniciado no terceiro grau; lídio, iniciado no quarto grau; mixolídio, iniciado no quinto grau; eólio, equivalente à escala menor natural e iniciado no sexto grau; e lócrio, iniciado no sétimo grau. Ao longo dos séculos, a teoria musical ocidental incorporava, reinterpretava

Imagem: Reprodução



Dança grega retratada na pintura A dança de Apolo com as musas, *de Baldassarre Peruzzi*

e reorganizava conceitos relacionados aos modos gregos, aos tetracordes — grupos de quatro notas que desempenhavam papel fundamental na organização dos intervalos — e às diferentes estruturas sonoras. Na Idade Média, especialmente entre os séculos 6 e 9, a teoria modal foi desenvolvida no contexto da música litúrgica cristã e do canto gregoriano, estabelecendo um sistema que, embora historicamente relacionado à tradição antiga, apresentava características próprias.

Entre os modos discutidos na tradição filosófica grega, o dórico era frequentemente valorizado por sua associação à firmeza, à moderação e à disciplina. Na perspectiva platônica, determinadas formas de organização musical seriam mais adequadas à formação de indivíduos corajosos e equilibrados. O frígio, por sua vez, aparece associado, em algumas interpretações antigas, à intensidade emocional, à excitação e ao entusiasmo. Aristóteles reconhece que as formas musicais estimulam estados afetivos, relacionando algumas delas à experiência do êxtase. Outras tradições interpretativas associavam o lídio a expressões mais suaves ou melancólicas, enquanto o mixolídio podia ser relacionado à gravidade e à intensidade emocional. Essas classificações variavam de acordo com os autores, os contextos culturais e as concepções filosóficas de cada época. Por isso, devem ser compreendidas como interpretações históricas.

No sistema contemporâneo, os modos jônio e eólio correspondem, respectivamente, à escala maior natural e à escala menor natural, enquanto os demais modos apresentam configurações intervalares específicas que ampliam as possibilidades de organização melódica e harmônica. A organização rítmica dos versos e das melodias intensificam os sentidos da representação, nos quais o ritmo, a métrica poética e a organização musical fortalece a expressão de valores morais e éticos. Desse modo, música e a dança contribuem para a construção do pertencimento, para a preservação das tradições e para o fortalecimento dos vínculos sociais.

Sinta-se convidado para a audição do 591º Domingo Sinfônico, *que ocorrerá hoje, das 22h à meia-noite. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é pela FM 105.5 ou pelo aplicativo da Rádio Tabajara https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante o programa, comentarei as contribuições do* compositor musicólogo, pianista, violista e violinista italiano Ottorino Respighi (1879—1936), destacando como sua obra valoriza as tradições da dança, favorecendo a integração social e o bem-estar de todos.

Kubitschek Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Um glossário de amor

Eu admirava meu irmão William Pinheiro, porque sua cabeça era cheia de vocábulos e conhecimentos — uma botija a céu aberto —, gosto muito dos gêmeos Osmar e Osman, que vieram antes de mim, e das mulheres Vileide e Nazinha. Citei William, que já se foi, por uma questão de felicidade da arte aperfeiçoada, e não preciso citar os outros, que se foram antes dele.

Irmãos são placentas separadas guiadas pelo deus de cada um, por isso irmãos são príncipes, e já fui confundido nas ruas por um deles, e, quando me dizem "Você é a cara de seu irmão Osmar", eu digo: "É a felicidade inevitável". Outro dia o jornalista Abelardo Jurema escreveu sobre sua irmã Rosa, que eu também amava.

Uma coisa linda, o livro *Deus na escuridão*, de Valter Hugo Mãe, narrado por Paulinho, conhecido como Felicíssimo. É o último lançamento do escritor português Valter Hugo Mãe, nome artístico do escritor e editor Valter Hugo Lemos, nascido em 25 de setembro de 1971, autor de vários livros de poesia, contos, romances e literatura infantil.

"A felicidade é para depois de muito custo. Mas que custe é inevitável. É uma obrigação por sermos vulneráveis": essa é uma das centenas de frases ditas pelo personagem criado por Valter Hugo Mãe.

Irmão mais velho de Pouquinho, Felicíssimo tem devoção por seu irmão mais novo, que "nasceu sem as origens", mas o que é nascer sem as origens? "Inteirinho um menino, mas vinha mordido entre as pernas".

É um menino, é um moleque, criança "abreviada" e "infortunada". Após o seu nascimento, que trouxe assombro aos adultos, Felicíssimo, em uma sua ingenuidade, promete cuidar e protegê-lo de tudo, tratando-o como uma criatura divina, um Deus que veio viver entre nós. Um deus entre nós, é demais, né?

Deus na escuridão fala do amor fraterno e do amor de mãe, frequentemente comparados ao amor de Deus pelos seres ou não seres. Um amor que fica na escuridão apenas na nossa imaginação, mas está ali, sempre, sempre.

O autor faz isso de uma forma louvável, numa velocidade secular, abordando a história em tempos distintos, seja logo após o nascimento de Pouquinho, o irmão divino de Felicíssimo, seja duas décadas depois, com Pouquinho já independente e vivendo sua juventude. Tudo isso, na perspectiva de Paulinho, o Felicíssimo, felicíssimo assim mesmo, no superlativo.

Não como todas as crianças, Pouquinho levou muitos dias a abrir os olhos. Talvez nem precisasse. Viveria tateando. Não era normal. Ficou mais de uma semana com os olhos fechados, longe do sol. Era como se ele se olhasse por dentro. Ou pensando no que ele só veria lá dentro. Talvez cegos às avessas. O menino se eternizou. O livro é belo.

Trincas, típicas, territórios, tempo, céu e mar, nunca tarde demais, para quem nasce numa ilha chamada Madeira (onde se passa o romance de Hugo Mãe) e todos os usos de expressões, as que se multiplicam e que são traduzidas, e estamos diante de um glossário de amor — e mais que isso, une os irmãos, além das placentas. *Bye-bye*.

Kapetadas

1 – Enfim, por trás de todo autoritário, há sempre um fedelho que não sabe amarrar os sapatos. São muitos.

2 – Pra você que discorda algo de mim: você está certo! E eu também.

Foto: Divulgação/Biblioteca Azul



Deus na escuridão, *livro de Valter Hugo Mãe*

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Yasmin, uma realizadora paraibana de talento

É uma questão de estirpe. Ou de família, como queiram. Certo mesmo é que ela já nasceu com o sangue e a "visão cinematográfica" do seu bisavô, Severino do Cinema. Yasmin Soares é seu nome e já tem vários trabalhos realizados, inclusive premiados. Normalmente, ela me trata por "tio Alex".

Jornalista profissional, assim como eu, Yasmin é realizadora de alguns audiovisuais e considera-se "indígena paraibana". Daí a lógica de suas obras até então realizadas. Há algum tempo, foi selecionada para participar de laboratório de finalização de curtas-metragens do 1º Festival de Cinema e Cultura Indígena (FeCCI), em Brasília.

Participando do Fest Aruanda, em João Pessoa, em dezembro de 2022, ganhou o prêmio de melhor filme na categoria TCC, na 17ª edição do festival, com seu primeiro filme *Afluências*. Ano seguinte, ganhou menção honrosa para o mesmo audiovisual, no Festival de Curta-Metragem de Taquary, cidade do norte de Pernambuco.

Yasmin Soares considera-se uma pessoa muito feliz por ser aprovada para o mestrado de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Chegando a afirmar: "Este sempre foi um dos meus sonhos, desde a graduação. Com muito trabalho e dedicação, consegui minha vaga e agora poderei aprofundar minhas pesquisas sobre mulheres indígenas no cinema".

Foto: Arquivo pessoal



Jornalista profissional, Yasmin Soares realiza produções que tratam da realidade indígena

Recentemente, Yasmin realizou uma notável obra audiovisual intitulada *Kanhema*, justamente sobre o tema indígena, que bastante lhe fascina. E, conforme sua sinopse: "Existe a paisagem urbana de Santa Rita, Paraíba, que ressoa com uma memória ancestral que se recusa ao silêncio. O filme convida a um olhar atento sobre as entrelinhas do cotidiano, em que velhas e novas existências se entrelaçam em um diálogo sutil entre o visível e o sentido. Uma presença insuspeita pulsa sob o asfalto, revelando a persistência de um espírito que atravessa o tempo e o concreto".

Kanhema tem direção, roteiro e produção de Yasmin Soares; montagem, direção de fotografia, edição e cor de João Kariri; som e trilha de Topázio Aramuru Kariri, de Luana Anjos e João Kariri. A produção terá exibição hoje, às 19h, na sala de projeção audiovisual da Usina Cultural Energisa, no Centro de João Pessoa, com entrada franca. — Mais "Coisas de Cinema", acesse o nosso *blog*: www.alexsantos.com.br.



Edital 11/2026

O conselho diretor da Academia Paraibana de Cinema, presidido pelo professor João de Lima Gomes, baseado no artigo 16 do estatuto da entidade, informa estarem abertas aos seus associados as inscrições das chapas que irão concorrer à eleição da nova diretoria da APC, para o mandato no triênio 2027–2029. Deverão fazer parte da chapa inscrita os postulantes a presidente, vice, secretário, diretor financeiro e diretor administrativo e três adjuntos ao conselho fiscal. O(a) candidato(a) deverá encaminhar sua proposta em envelope lacrado para a presidência da APC, na Fundação Casa de José Américo (FCJA), unidade Tambaú ou pelo WhatsApp da APC, até 5 de dezembro.

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 9

"Não gostaria de fazer nenhum *crossover*"

Audaci Junior
audaciauniao@gmail.com

Estreando no mercado norte-americano de quadrinhos no começo dos anos 1990, com trabalhos de editoras "coadjuvantes" baseado em séries de TV como *Perdidos no espaço* e *A Bela e a Fera* (a versão moderna, com Linda Hamilton no elenco), não demorou muito para que Mike Deodato Jr. fosse notado pela DC Comics, que assumiu o título mensal da Mulher-Maravilha (que terá um encadernado de luxo programado ainda para este ano, pela Panini).

Com um traço e uma narrativa influenciados por artistas da época que estavam bombando, houve um período de hiato até a sua volta, nos anos 2000, com uma pegada mais realista e detalhada, assumindo o título do Hulk na Marvel. Acabou ficando exclusivo da editora por mais de duas décadas, tornando-se um dos principais nomes da "Casa das ideias", assumindo títulos e grandes sagas com Os Vingadores, Homem-Aranha, Thor e X-Men, entre outros.

Nessa época, ele nunca assumiu o lápis de um *crossover* da editora. Em 2019, anunciou a sua saída da Marvel para se dedicar a trabalhos mais autorais. Mas, anos mais tarde, ele faria algum desses novos encontros entre editoras?

"Não, não gostaria de fazer nenhum *crossover*", responde prontamente. "Já fiz muitos eventos que misturam um milhão de personagens, mas é muito trabalhoso. Eu prefiro fazer uma história de Wolverine no deserto, numa cidade-fantasma, enfrentando um lobisomem — que eu já fiz. Você capricha muito mais", explica o quadrinista. "Eu passei a vida inteira fazendo super-herói, né? Agora, eu quero fazer histórias diferentes".



Foto: Edson Matos/Arquivo A União



Imagem: Divulgação/AWA Studios

Entre os novos projetos de Mike Deodato Jr. (acima), há uma reformulação do universo de O mágico de Oz *(ao lado) em 10 volumes*

Houve um momento que "bateu a saudade" e Deodato assumiu alguns números do *Flash*, há três anos. Passou.

No mundo infinito de Oz

Como se fosse para "fechar um ciclo" com o tema da capa desta edição do caderno de *Cultura*, o mais recente trabalho autoral de Deodato remete à primeira parceria entre a Marvel e a DC, em 1975: *O mágico de Oz*.

De longe, não é como a adaptação cinematográfica da Metro-Goldwyn-Mayer (MGM), estrelando Judy Garland. Intitulado *Ultimate Oz universe: Into the outerlands*, o projeto é uma atualização e reformulação da série de obras publicadas.

"O universo dele é como se fosse a Marvel no começo deste século. Tem mais de mil personagens, são 40 livros que o L. Frank Baum escreveu. É uma diversidade", aponta. "Dois volumes já foram publicados, o terceiro está no *Kickstarter* [plataforma de financiamento coletivo] e o quarto já estou produzindo. No total, serão 10 edições de 100 páginas cada. Vou trabalhar até morrer", brinca Deodato.

Mesmo muito ocupado, o veterano está feliz com essa fase. "Posso reformular cada personagem, fazendo *concept designs* diferentes... o Homem de Lata, por exemplo, é quase um Transformer agora".

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Dedicatórias de Guimarães Rosa

Coleciono versos, coleciono poemas, coleciono contos, coleciono crônicas. Também coleciono epígrafes e dedicatórias. Dessas, tantos as impressas quanto as manuscritas me seduzem em particular.

Eduardo Frieiro, autor do delicioso e imprescindível *Os livros, nossos amigos*, recomenda cuidado e discrição no trato do assunto, trazendo à tona tópicos variados, como o apreço aos autores estimados, o vício do filante, a tipologia das dedicatórias, seu valor comercial e um que outro exemplo que possam ilustrar seus argumentos.

De minha parte, procuro apenas exercitar o gosto e a fascinação pelas dedicatórias, convicto de que esses paratextos podem, por um lado, constituir expressões às partes dotadas de autonomia semântica e, por outro, emitir sinais muito ricos de certas configurações da vida literária.

É generosa, por exemplo, segundo o escritor mineiro, a dedicatória que Charles Baudelaire faz a Théophile Gautier, em *As flores do mal*, assim enunciada e impressa no próprio livro:

> *"Ao poeta impecável, ao mágico perfeito em letras francesas, ao meu muito caro e muito venerado mestre e amigo, ThéophileGautier, com os sentimentos da mais profunda humildade, dedico estas flores doentias. C. B.".*

Diria que vejo, na mesma perspectiva, generosa, efusiva, admirativa, as dedicatórias manuscritas que Guimarães Rosa escreveu para José Lins do Rego e para Manuel Bandeira. Àquele, dedicou um exemplar de *Sagarana*, em 27 de novembro de 1956, com estas palavras:

> *"A José Lins do Rego, imenso romancista, pessoa enorme, coração como um boi não tem, pura presença forte, plantador de livros que reflorestam a literatura brasileira; criador mágico; Oh! Homem!! Oh, amigo! Vamos ao abraço, e vamos reler este nosso livro, agora tão bonitamente trajado".*

Ao poeta de *Ritmo dissoluto*, assim se dirigiu, ofertando-lhe um volume de *Corpo de baile*:

> *A Manuel Bandeira, grande como todo o mar e uma gaivota; grande como todo-o--mundo sabe; esta lembrança, esta admiração, esta amizade (agradecendo, agradecendo, agradecendo...) do Miguilim e do Guimarães Rosa (Manuelbandeirantes). Rio, 1958".*

Coisas assim não me parecem acessórias. Move, decerto, as palavras algum elemento espiritual que nos remete para uma esfera acima ou colateral ao espaço da vida ordinária e nos põe no ambiente simbólico da vida literária. Em outra dimensão, aparece, com toda a originalidade estilística, a voz do autor do *Grande sertão: veredas*, esgrimindo as armas criativas no fazer e desfazer o idioma.

Jovem, Guimarães Rosa não se mostrou simpático para com a escrita do autor de *Menino de engenho*, e, a se levar em conta o fato de que o poeta Manuel Bandeira o preteriu em favor de Afonso Arinos de Melo Franco, na disputa por uma vaga na ABL (Academia Brasileira de Letras), posso imaginar o quanto essas dedicatórias significam. Não somente para os três escritores, em suas interrelações afetivas, mas também para a diversidade de seus muitos leitores. Ambas vêm enriquecer o repertório de minha coleção. Ambas, e muitas outras do autor de *Tutameia* podem ser lidas como textos à parte. Dotados de beleza e marcados pela invenção e pela poesia.

Foto: Reprodução/Acervo Dimus



De Rosa a Bandeira: "Grande como todo o mar e uma gaivota"

Colunista colaborador

MÚSICA

Jorge Vercillo canta no Pedra do Reino

JV30, parte 2: mais um final feliz *reafirma a atmofera romântica da carreira do artista na celebração de seus 30 anos de sucesso*

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Ao longo de mais de três décadas, o cantor e compositor Jorge Vercillo encanta plateias do Brasil e do mundo com baladas românticas em MPB que marcaram gerações: músicas como "Que nem maré", "Monalisa" e "Final feliz", presentes nos palcos, rádios e novelas. No ano passado, Vercillo propôs comemorar a trajetória com a turnê *JV30*, agora atualizada como *JV30 II*, de passagem por João Pessoa, hoje, às 19h, no Teatro Pedra do Reino, Polo Turístico Cabo Branco. Os ingressos estão à venda pela *internet* (meaple.com.br), com preços que vão de R$ 110 (mezanino, meia) a R$ 300 (plateia A, inteira).

Em conversa com o jornal **A União**, Vercillo afirma que a atual excursão foi um divisor de águas na sua carreira: "O *JV30 II* foi um aperfeiçoamento em relação à parte um. Já fizemos mais de 20 capitais com os ingressos esgotados e repetindo duas sessões. O público maravilhoso comprou a ideia dos 30 anos de Jorge Vercillo".

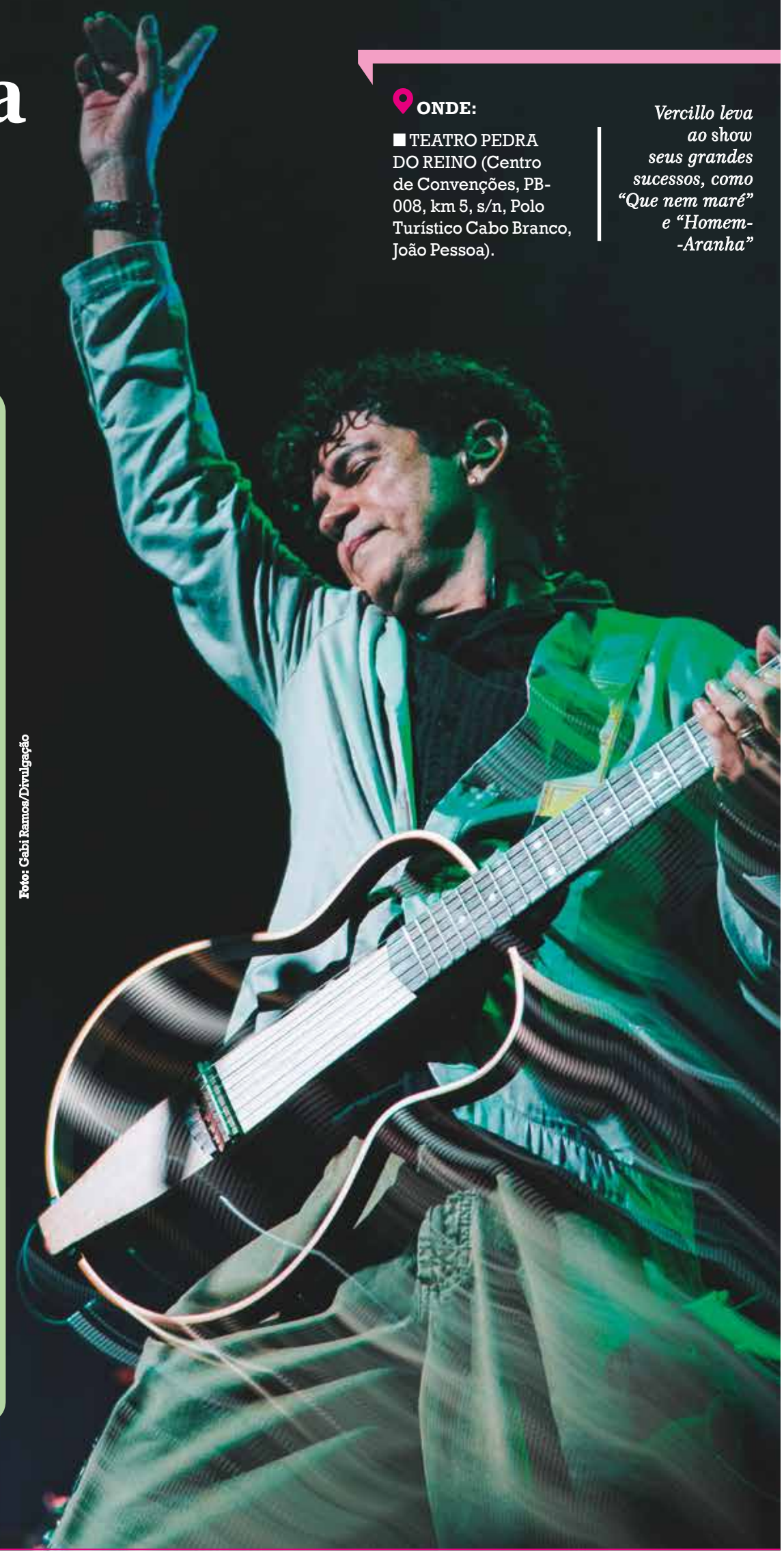
O repertório abraça seus principais sucessos, também deixando margem para alguns *singles* mais recentes, como "Todo sempre", e outras músicas de importância para seu público, como é o caso de "Himalaia", "Avesso" e a abertura de "Oração *yoshua*", "o mantra mouro cantado com tristes arabescos melódicos em homenagem às vítimas da Faixa de Gaza", diz ele.

Não à toa, as pautas políticas e ambientais sempre foram prioridade na arte e na vida do cantor — quando esteve em João Pessoa, no ano passado, Jorge Vercillo fez questão de plantar uma muda de árvore no terreno do Pedra do Reino como forma de contribuição para o meio. Ele lembra, por exemplo, das letras de "Encontro das águas", "Praia nua" ou "O reino das águas claras" como ilustrativas de tal atitude: "Acredito que, quando fazemos conexão energética com o lugar, deixamos algo de nós lá e levamos uma energia daquele lugar conosco. De tempos em tempos, eu volto aos lugares para renovar essa troca energética, como na Chapada Diamantina na Bahia, a ilha de Curaçao no Caribe, as praias de Salvador".

Sua nova música, "Saara no Rio", traduz-se em grito de revolta contra os conflitos atuais no mundo e seus poderosos, que flagelam e subjugam jovens cidadãos a morrerem na guerra. "É um protesto contra Donald Trump, Benjamin Netanyahu e alguns outros fascistas ditadores pelo mundo que promovem guerras para seus próprios interesses financeiros", considera.

As músicas de que mais gosta costumam ser aquelas que está compondo: "O compositor sempre lida com um presente futuro, mas tenho orgulho de todas as músicas que eu fiz, de todos esses estilos que percorri, do *jazz* ao *pop*, do samba ao *reggae*", reflete Jorge, para quem consta dos ritmos africanos da sua paleta sonora uma outra predileção, sobretudo o ijexá baiano.

Depois de *JV30*, Vercillo diz ter preparado o *show Jorge Vercillo íntimo*, especialmente composto para circular pela Europa. "Vamos estrear no interior de Goiás, fazendo três cidades do interior, e outras oportunidades. É um *show* que privilegia meu violão e a maneira pessoal de tocar esse instrumento".



Fotos: Gabi Ramos/Divulgação

ONDE:

■ TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/n, Polo Turístico Cabo Branco, João Pessoa).

Vercillo leva ao show seus grandes sucessos, como "Que nem maré" e "Homem-Aranha"

Em Cartaz

Cinema

Programação de ***29 de outubro a 4 de novembro****, nos cinemas de João Pessoa.*

** Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cinesercla Tambiá, em João Pessoa e Campina Grande, e os cinemas de Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.*

ESTREIAS

O BOSQUE SELVAGEM (*Wildwood*). EUA/ Reino Unido/ Canadá, 2026. Dir.: Travis Knight. Aventura/ animação. Garota se aventura em floresta para encontrar seu irmãos desaparecido. 2h10. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 4*: dub.: 16h; leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 6*: dub.: 13h, 16h, 19h, 22h; *sala 9 (macro-XE)*: dub.: dom.: 12h, 15h, 18h, 21h; seg. a qua.: 15h, 18h, 21h; *sala 10 (VIP)*: leg.: 14h30, 17h30, 20h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 1*: dub.: sáb. e dom.: 12h, 15h, 18h, 21h; seg. a qua.: 15h, 18h, 21h.

100 DIAS. Brasil, 2026. Dir.: Carlos Saldanha. Elenco: Filipe Bragança, Philippine Leroy-Beaulieu. Aventura. Navegador brasileiro Amir Klynk decide atravessar o Oceano Atlântico em um barco a remo. 1h57. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1*: 21h20. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 3*: 12h45, 15h20, 18h, 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2*: dub.: 13h50, 19h15.

AS DEZ VANTAGENS DE MORRER DEPOIS DE VOCÊ. Brasil, 2026. Dir.: Diego Freitas. Elenco: Any Gabrielly, Giulia Be, Regiane Alves. Drama. Após morte de amiga, garota recebe cartas deixadas por ela com recomendações para a vida. 1h47. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1*: 14h, 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 7*: dub.: 13h40, 16h15, 18h50, 21h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 5*: dub.: 13h, 16h, 18h45, 21h40.

RAZÃO E SENSIBILIDADE (*Sense and Sensibility*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Georgia Oakley. Elenco: Daisy Edgar-Jones, Esmé Creed-Miles, George MacKay, Caitríona Balfe. Romance. Na Inglaterra do século 19, duas irmãs que veem o mundo de maneira diferentes enfrentam dificuldades financeiras e as complexidades do amor. 2h12. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 11 (VIP)*: leg.: 13h30, 19h20;

TRÊS HORAS PARA VIVER (*Runner*). Austrália/ EUA/ Reino Unido, 2026. Dir.: Scott Waugh. Elenco: Alan Ritchson, Owen Wilson, Rodrigo Santoro. Policial. Mensageiro leva fígado para transplante de uma menina, mas é atacado por bandidos que querem o órgão. 1h38. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8*: sáb. a seg.: dub.: 19h10; leg.: 21h30; ter.: dub.: 14h, 19h10; leg.: 16h30, 21h30; qua.: dub.: 14h; leg.: 16h30, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 4*: dub.: 16h45, 21h30.

PRÉ-ESTREIAS

FEITO PIPA. Brasil, 2026. Dir.: Allan Deberton. Elenco: Yuri Gomes, Teca Pereira, Lázaro Ramos, Carlos Francisco. Drama. Garoto delicado enfrenta preconceito e tenta esconder a doença da avó, com quem vive, para não ir morar com o pai que não o aceita. Vencedor do Urso de Cristal no Festival de Berlim e de cinco prêmios em Gramado. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 4*: 18h40. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 2*: dub.: 21h15.

O GATOLA DA CARTOLA (*The Cat in the Hat*). EUA, 2026. Dir.: Alessandro Carloni e Erica Rivinoja. Animação/ infantil. Gato esperto faz travessuras na casa de duas crianças. 1h47. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 4*: dub.: sáb. a seg.: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8*: dub.: sáb. a seg.: 13h45, 16h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 3*: dub.: sáb. a seg.: 13h30.

REAPRESENTAÇÃO

CARROS (*Cars*). EUA, 2006. Dir.: John Lasseter. Comédia/ animação. Jovem e arrogante carro de corridas vai parar em cidade do interior, onde aprende a ser mais humilde. 1h56. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 3*: dub.: 15h.

ESPECIAL

BTS WORLD TOUR ARIRANG IN SÃO PAULO (*BTS World Tour Arirang in São Paulo*). Coreia do Sul, 2026. Dir.: Jungjae Ha. Show. Apresentação ao vivo da boy band de k-pop em São Paulo. 3h15. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 5*: leg.: dom.: 18h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2*: dom.: 18h45.

FESTIVAL DE CINEMA FRANCÊS DO BRASIL. Exibições de 18 novos filmes franceses e dois clássicos. ***Domingo, 1/11:*** *Centerplex MAG: 16h – A Casa das Mulheres; 18h10 – A Ilustre Desconhecida; 20h15 – O que É o Amor?; Cinepolis Manaira: 17h30 – Bem–Vindos à la Comédie–Française; 19h10 – De Gaulle: A França Livre – Parte 1; Cine Banguê: 18h – A Ilustre Desconhecida.* ***Segunda, 2/11****: Centerplex MAG: 16h – O Beijo Elétrico; 18h20 – Bem–Vindos à la Comédie–Française; 19h55 – De Gaulle: A França Livre – Parte 1; Cinepolis Manaira: 17h30 – Molière, Cyrano e o Pequeno Rei; 19h50 – O Fantasma da Ópera.* ***Terça, 3/11:*** *Centerplex MAG: 16h – Uma Menina de Ouro; 17h45 – O Fantasma da Ópera; 20h20 – Minha Vida de Sereia; Cinepolis Manaira: 18h – A Busca de Charlie; 19h55 – Duas Pessoas Trocando Saliva (curta) e Bem–Vindos à la Comédie–Française; Cine Banguê: 18h – Minha Vida de Sereia.* ***Quarta, 4/11:*** *Centerplex MAG: 16h – Molière, Cyrano e o Pequeno Rei; 18h15 – A Casa das Mulheres; 20h25 – Victor, Como Hugo; Cinepolis Manaira: 17h30 – De Gaulle: A França Livre – Parte 1; 20h35 – Júpiter; Cine Banguê: 16h20 – A Casa das Mulheres*

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 2*: leg. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1*: leg. CINE BANGUÊ: leg. **Campina Grande:** CINETEATRO SÃO JOSÉ: leg.

MEDLEY. Brasil, 2026. Dir.: Ana LUiza Azevedo. Elenco: Mel Maia, Mariana Nunes, André Ramiro. Drama. Garota que vive relação tensa com a mãe passa férias na cidade do tio, entra para a equipe de natação e lida com a ausência do pai. 1h36. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 2*: ter.: 19h.

RAMMSTEIN LIVE IN MEXICO CITY (*Rammstein Live in Mexico City*). Reino Unido/ Alemanha, 2026. Dir.: Paul Dugdale. Show. Registro das apresentações da banda alemã na Cidade do México. 1h54. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8*: leg.: qua.: 19h.

CONTINUAÇÃO

CARA DE BARRO (*Clayface*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: James Watkins. Elenco: Tom Rhys Harries, Ruby Sear. Terror. Estrela de Hollywood em ascensão se submete a experiência que o transforma em um ser que muda de forma. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 3*: leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 5*: dub.: sáb. e dom.: dub.: 13h10; leg.: 15h50; seg. a qua.: 13h10, 18h30; leg.: 15h50, 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 3*: dub.: sáb. a seg.: 14h30, 17h, 19h30, 22h; ter. e qua.: 17h, 19h30, 22h.

DANIEL E A FORNALHA ARDENTE (*Daniel*). Canadá/ EUA, 2026. Dir.: Daniel Kooman e Matthew Kooman. Elenco: Mena Massoud, Elijah Alexander. Religioso. Judeus enfrentam dificuldades quando o ex´percito da Babilônia invade Jerusalém. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 2*: dub.: 13h30, 16h10.

MINHA MELHOR AMIGA. Brasil, 2026. Dir.: Susana Garcia. Elenco: Ingrid Guimarães, Monica Martelli. Comédia. Amigas resolvem viajar juntas para visitar as filhas no exterior. 2h05. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1*: 12h40, 15h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 4*: 14h.

STREET FIGHTER (*Street Fighter*). EUA/ Japão, 2026. Dir.: Kitao Sakurai. Elenco: Jason Momoa, Callina Liang, David Dastmalchian. Aventura. Dois lutadores enfrentam uma competição oculta ao participar de um campeonato. 1h59. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1*: dub.: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 4*: dub.: 12h50, 15h30, 18h15, 20h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2*: dub.: 16h30, 21h50.

VERITY (*Verity*). EUA, 2026. Dir.: Michael Showalter. Elenco: Anne Hathaway, Dakota Johnson, Josh Hartnett. Drama/ mistério. Escritora é contratada para ser a *ghost writer* de autora *best seller* que não consegue terminar seu romance após um acidente, mas descobre anotações perturbadoras. 1h54. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 2*: leg.: qui. a seg. e qua.: 18h40; *sala 11 (VIP)*: leg.: 16h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 4*: dub.: 19h.

Teatro

HOJE

FESTA NO ARRAIAL: O MUSICAL. Texto: Thereza Falcão e Mariana Mesquita. Direção: Thereza Falcão. Com Cláudia Ohana e grande elenco. 1h30. Livre.

João Pessoa: THEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/nº, Centro). domingo, 1/11, 15h e 18h. Ingressos: de R$ 25 (frisas/ meia) a R$ 120 (plateia/ inteira).

MOANA & GUERREIRAS NO TEATRO. Dois espetáculos, baseados nas animações da Disney e da Netflix.

João Pessoa: SALA JOSÉ SIQUEIRA (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Domingo, 1/11, 16h. Ingressos: R$ 80 (inteira), R$ 60 + 1 kg de alimento (solidário) e R$ 40 (meia), antecxipados na plataforma Olha o Ingresso.

Música

HOJE

JORGE VERCILLO. Cantor apresenta o show *Mais um final feliz*.

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/n, Polo Turístico Cabo Branco). Domingo, 1/11, 19h. Ingressos: de R$ 110 (balcão/ meia) a R$ 300 (plateia A/ inteira), antecipados na plataforma Meaple.

Exposições

CONTINUAÇÃO

CARLOS HALLMANN. Artista expõe pinturas na exposição *Ancestralidade*.

João Pessoa: GALERIA GAMELA (R. Joaquim Hardman, 75, Jaguaribe). Visitação de seg. a sáb., das 9h às 17h, até 10/11. Entrada franca.

LOHANNA OLIVEIRA. Artista expõe fotografias e instalação na exposição *Oráculo seropentina*.

João Pessoa: GALERIA LAVANDEIRA (Centro de Comunicação, Turismo e Artes, UFPB, campus 1). Abertura sexta, 30/10, 16h. Visitação até 30/11. Entrada franca.

VAGAS NA CÂMARA

Regra complexa define distribuição

Trabalho em equipe dos partidos determina o jogo eleitoral muito antes do desempenho individual nas urnas

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

Nas Eleições 2026, a Paraíba elegeu 11 homens e uma mulher para a Câmara Federal. A composição do Legislativo, porém, nem sempre se mantém a mesma ao longo de todo o mandato. É comum que, por arranjos partidários, os titulares licenciem-se, permitindo, assim, a ascensão de suplentes à Casa.

A bancada paraibana deste pleito rendeu 60 suplentes. Essa lista chama a atenção por abrigar candidatos com votações expressivas. Por exemplo, Romero Rodrigues (Podemos) obteve 96.445 votos, enquanto Mersinho Lucena (PSD) e Luiz Couto (PT) registraram 62.981 e 62.212 votos, respectivamente. Apesar da grande quantidade de votos, eles não foram eleitos, ficando no banco de reservas de suas legendas.

Outro caso que chamou atenção foi o de Fábio Tyrone (PSB), que obteve 79.931 votos, não sendo eleito e sequer assumindo a suplência, já que sua sigla não alcançou o mínimo de votos que um partido ou federação precisa para ter acesso a uma cadeira na Câmara.

A explicação para esse fenômeno reside em um importante instrumento do sistema proporcional brasileiro: o quociente eleitoral.

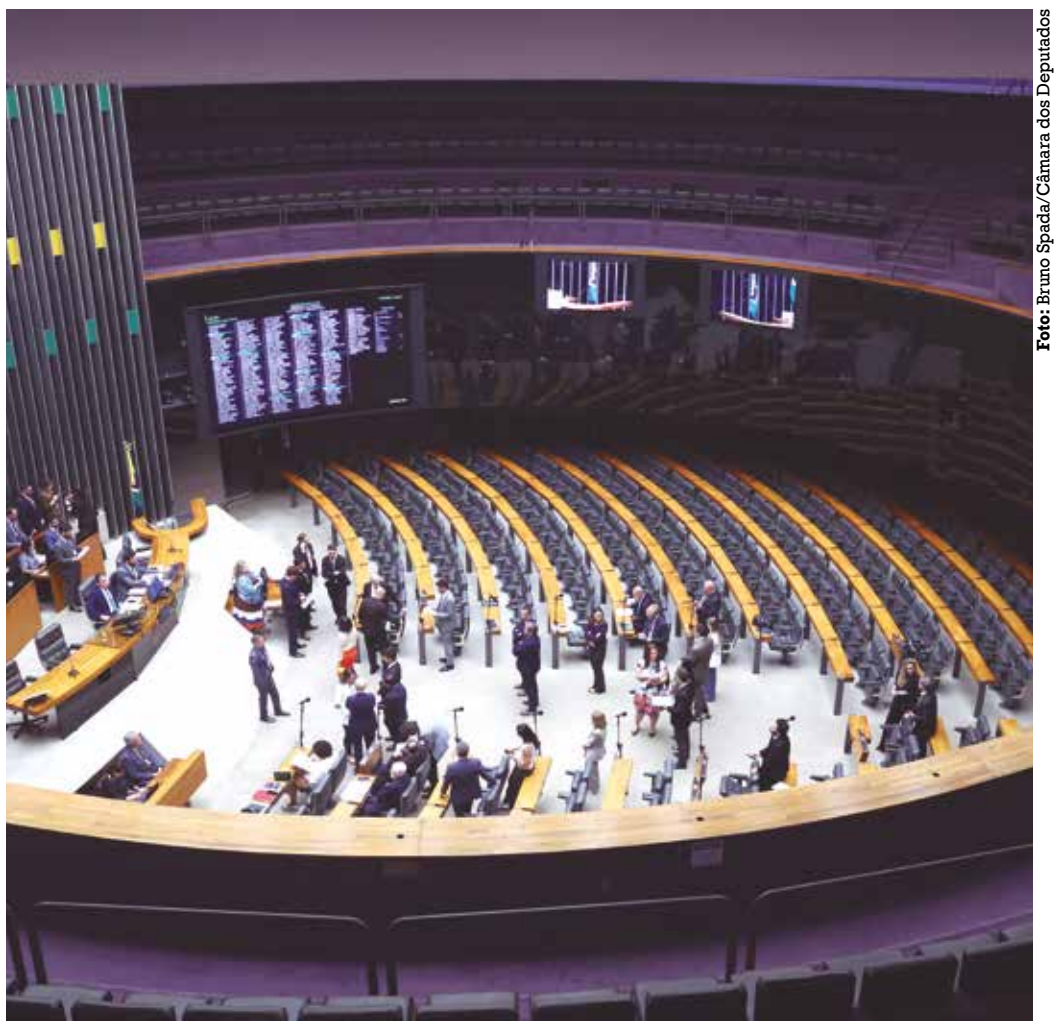


Foto: Bruno Spada/Câmara dos Deputados

Estar entre os mais votados não garante conquista de cadeira no Parlamento federal

A matemática do voto

Diferentemente do que ocorre nas eleições para prefeito, governador, senador ou presidente — nas quais quem recebe mais votos absolutos leva a vaga (sistema majoritário) —, a eleição para deputados e vereadores prioriza o desempenho coletivo do partido ou federação.

Segundo a Justiça Eleitoral, o mandato pertence ao partido, e não ao candidato. Quando um eleitor vota, o cálculo do quociente eleitoral determina quantas cadeiras um partido ou federação terá acesso.

Os candidatos mais votados do partido ou federação assumem essas vagas e todos os demais não eleitos tornam-se, automaticamente, suplentes, ordenados de acordo com o número de votos que receberam, do mais votado para o menos votado.

O quociente eleitoral atua como uma espécie de "nota de corte". Ele é calculado a partir da divisão do número total de votos válidos no estado pela quantidade de cadeiras em disputa.

Neste ano, com 2.399.949 votos válidos contabilizados, a Justiça Eleitoral fixou em 199.996 votos o quociente eleitoral para a Paraíba. Assim, essa foi a quantidade necessária para que um partido ou federação garantisse uma vaga direta no Congresso Nacional.

O rateio das cadeiras exigiu que as siglas não apenas alcançassem esse patamar mínimo, mas também disputassem o chamado "sistema de sobras" para definir os últimos eleitos. Ao fim da contagem, oito vagas foram preenchidas de forma direta e quatro dependeram do cálculo de médias.

Quociente partidário

Na etapa inicial da distribuição de vagas, regida pelo chamado "quociente partidário", o total de votos recebidos por cada legenda foi dividido pelo quociente eleitoral de 199.996. O número inteiro resultante dessa conta determinou os eleitos imediatos. Foi nessa fase que a maior parte da bancada paraibana formou-se:

• o Republicanos liderou a contagem com 528.678 votos, garantindo duas vagas diretas;

• a Federação União Progressista (União Brasil/Progressistas) veio logo atrás, com 406.613 votos, também assegurando duas vagas diretas;

• o PL (com 383.137 votos), a Federação Brasil da Esperança — formada por PT, PCdoB e PV — (363.456 votos), o Podemos (261.346 votos) e o PSD (210.087 votos) ultrapassaram o quociente e garantiram uma vaga direta cada um.

Com isso, oito das 12 cadeiras foram ocupadas de imediato.

Legendas que não alcançaram a marca de 199.996 votos ficaram de fora dessa primeira rodada de distribuição.

Disputa pelas sobras

Para preencher as quatro vagas restantes, a legislação exige o acionamento do sistema de médias, no qual apenas as legendas que atingiram 80% do quociente (159.997 votos) podem concorrer. A cada rodada, divide-se a votação total do partido pelo número de cadeiras que ele já conquistou, somando-se o número 1 ao divisor. Com isso, a sigla com o maior resultado na divisão fica com a vaga.

A primeira sobra (nona cadeira geral) ficou com o PL, que apresentou a maior média (191.568,5), garantindo seu segundo representante na bancada.

A segunda (10ª cadeira geral) foi para a Federação Brasil da Esperança, que alcançou uma média de 181.728 e também consolidou sua segunda cadeira.

O Republicanos levou a terceira sobra (11ª cadeira geral). Com uma média superior de 176.226, o partido conquistou sua terceira cadeira.

A quarta e última sobra (12ª cadeira geral) foi decidida em favor da Federação União Progressista. Atingindo a média de 135.537,66, a federação fechou o rateio estadual, garantindo a sua terceira vaga.

O resultado desenha a configuração final da bancada federal paraibana em Brasília para a legislatura 2027–2030, com o Republicanos e a Federação União Progressista ocupando os maiores espaços na Câmara (três vagas cada um), seguidos por PL e Federação Brasil da Esperança (duas vagas cada um), e Podemos e PSD (uma vaga cada um). Partidos que não alcançaram médias suficientes ficaram sem representação pelo estado.

Dança das cadeiras

Apenas após definir quantas vagas cada partido tem direito é que as cadeiras são distribuídas aos candidatos mais votados dentro da própria sigla. Isso explica as distorções que deixam candidatos bem votados na suplência.

Um candidato pode ter uma votação expressiva, mas se o total de votos de seu partido ou federação não atingir o quociente eleitoral ou não for bem-sucedido na regra das sobras, a chapa inteira fica de fora.

Esse foi o caso do candidato Fábio Tyrone (PSB) — o mais votado na sigla —, que não foi eleito porque o partido não alcançou a nota de corte de pleito. A legenda registrou 128.506 votos.

Regra dos 10%

Segundo a legislação eleitoral, existe, ainda, uma cláusula de barreira individual para que um candidato possa ocupar uma vaga conquistada pelo seu partido. Para ser eleito, ele precisa ter obtido, no mínimo, votos equivalentes a 10% do quociente eleitoral.

Na Paraíba, em 2026, essa exigência mínima ficou em torno de 20.000 votos individuais. A regra aplica-se somente aos candidatos eleitos, deixando os suplentes fora desse parâmetro.

Olhando para a lista de suplentes, nomes como Romero Rodrigues (Podemos), Mersinho Lucena (PSD), Luiz Couto (PT) e Tião Gomes (Republicanos) superaram essa exigência com imensa folga — eles receberam, respectivamente 96.445, 62.981, 62.212 e 45.380 votos.

Contudo, o fato de terem ficado na suplência evidencia que a verdadeira barreira foi a competição para que as chapas atingissem o teto de 199.996 votos, demonstrando que, no sistema proporcional, o trabalho em equipe do partido define o jogo eleitoral muito antes do desempenho individual nas urnas.

Junção de siglas

A Resolução nº 23.670/2021, editada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), determina que partidos federados atuarão "em todos os níveis, de forma unificada". Como o sistema proporcional define que os suplentes devem ser convocados estritamente pela "ordem da votação recebida" na sua respectiva legenda, e a federação atua legalmente como se fosse uma agremiação única, a Justiça Eleitoral diploma os eleitos e a fila de suplentes mesclando todos os candidatos dos partidos federados de acordo com o total de votos de cada um.

> Quando um eleitor vota, o cálculo do quociente eleitoral estabelece quantas vagas uma sigla ou federação terá acesso

Saiba Mais

Em caso de ausência dos deputados federais eleitos em 2026, são suplentes, nesta ordem de prioridade:

Federação União Progressista (União Brasil/Progressistas)

Nome do suplente	Número de votos
Guga Pet (PP)	25.543
Eliza Virgínia (PP)	21.140
Julian Lemos (PP)	17.306
Dr. Emerson Panta (PP)	12.726
Cicinha (PP)	8.789
Tarcísio Jardim (PP)	8.519
Hemerson Caminhoneiro (PP)	5.355
Marília Dantas (União)	672
Sergio Rafael (União)	289

Republicanos

Nome do suplente	Número de votos
Tião Gomes	45.380
Raniery Paulino	24.114
Capitã Rebeca	23.589
Renan da Resenha	15.029
Valdir Trindade	14.355
Maísa Cartaxo	7.419
Nilson Lacerda	5.647
Silvia Benjamin	3.248
Janny Milanes	2.439
Policial Caio	1.767

Federação Brasil da Esperança (PT/PCdoB/PV)

Nome do suplente	Número de votos
Luiz Couto (PT)	62.212
Gabi Benvenutty (PT)	26.634
Pedro Matias (PT)	5.358
Enfermeira Mary Priscila (PT)	3.557
Percival Henriques (PCdoB)	1.827
Rosi Cruz (PCdoB)	1.591
Álex Andrade (PT)	1.536
Saulo Dantas (PT)	546

Partido Liberal

Nome do suplente	Número de votos
André Amaral	14.039
Munique Marinho	9.969
Carol Gomes	9.942
Alexandre do Sindicato	5.194
Daniel Conhece	4.649
Gerana Gouveia	4.498
Deda Claudino	3.373
Arley Moura	3.222
Alexandre Coco Seco	1.681
Nágila Santana	1.177
Tia Mila	797

Podemos

Nome do suplente	Número de votos
Romero Rodrigues	96.445
Léo Gadelha	25.558
Jacó Maciel	10.830
Silvia da Pesca	9.674
Nelson Gomes	5.173
Amanda CSI	4.137
Ciloca Barrozo	3.858
Sandra Marrocos	1.645
Miguel Pimenta	1.050
Line Markinna	91

PSD

Nome do suplente	Número de votos
Mersinho Lucena	62.981
Doutor Jhony	30.524
Raoni Mendes	11.523
Samuka	7.070
João dos Santos	5.547
Helena Holanda	1.846
Professora Leila Fonseca	1.817
Netto Lima	1.650
Lana Dantas	1.157
Jullyana Ribeiro	643
Germana Wanderley	621
Júlia Venerando	289

EDIÇÃO: Amanda Gabriel
EDITORAÇÃO: Luiza Fonseca



Foto: Geraldo Magela/Agência Senado

Lideranças cobraram proteção às comunidades yanomamis, ampliação do acesso à água potável e continuidade das políticas públicas

TERRITÓRIOS INDÍGENAS

Governo recuperará terras prejudicadas pelo garimpo

Previsão é que mais de R$ 37 milhões sejam investidos nos próximos anos

Da Redação
com Agência Senado

O Governo do Brasil deve investir, nos próximos cinco anos, R$ 37,3 milhões em ações de recuperação de áreas indígenas degradadas pelo garimpo. A meta foi apresentada pela presidente da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), Lúcia Alberta Baré, na última semana, durante audiência da Subcomissão Permanente dos Povos Indígenas Yanomami, ligada à Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado Federal. Na ocasião, lideranças indígenas cobraram proteção às comunidades yanomamis, ampliação do acesso à água potável e continuidade das políticas públicas.

O diretor da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, Edson Baré, defendeu o fortalecimento das parcerias institucionais para garantir a continuidade das iniciativas nas comunidades. Segundo ele, a falta de recursos financeiros compromete a manutenção de projetos, que também dependem do diálogo entre instituições e do envolvimento das prefeituras. Baré reconheceu avanços em áreas como educação, mas apontou a necessidade de ampliar o acesso à água potável e alertou para os efeitos do garimpo sobre os recursos naturais.

"De modo concreto, temos avanços, sim, mas a gente vem buscando métodos para levar todas as políticas a quem mais precisa. Uma preocupação premente é conseguirmos levar água potável a muitas das nossas regiões, uma vez que a existência de muita garimpagem acaba prejudicando a qualidade dos nossos recursos naturais", argumentou.

O presidente da Urihi Associação Yanomami, Waihiri Hekurari Yanomami, pediu proteção às comunidades, especialmente às crianças, e maior diálogo entre os povos indígenas e os órgãos governamentais. Ele afirmou que o Congresso Nacional deve apoiar as medidas de proteção previstas na Constituição.

"Precisamos, com certeza, do apoio do Congresso Nacional para sermos protegidos. Somente com o diálogo, vamos conseguir nossos objetivos. Garantir segurança alimentar, proteção de crianças e mulheres, ações em saúde nas comunidades são exemplos de áreas que efetivamente precisamos [de apoio]", sustentou.

Presidente da subcomissão e da CDH, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) afirmou que o colegiado observa avanços nas tratativas realizadas durante as audiências públicas e nas diligências. A senadora elogiou as iniciativas apresentadas e informou que fará um levantamento dos investimentos destinados pelos órgãos responsáveis à recuperação ambiental.

"Esta subcomissão criou um grupo de trabalho que está se reunindo e em pleno funcionamento. Além dessas audiências, temos nos reunido na busca de dados, informações, relatórios", afirmou.

Recuperação ambiental

Lúcia Baré apresentou dados sobre a degradação ambiental causada pelo garimpo na região. Segundo ela, de 2016 a 2024, foram identificados 63,66 km² de florestas e cursos d'água degradados. O impacto teria atingido, aproximadamente, 63,1% das comunidades indígenas da região, o equivalente a 256 das 406 comunidades consideradas no estudo.

De acordo com a presidente da Funai, o plano de recuperação prevê intervenções em 356,7 hectares nos próximos cinco anos, com investimentos estimados em R$ 37,3 milhões no período. A meta de longo prazo é recuperar até 1.057,8 hectares de áreas degradadas em 10 anos.

"Todas as ações seguem sendo executadas na Terra Indígena Yanomami com muito compromisso, seriedade e diálogo com os povos indígenas. Em novembro, faremos uma oficina de prestação de contas para todas as lideranças da terra indígena, para que eles entendam a situação de cada um desses projetos", informou.

Lúcia Baré comentou que o órgão estabeleceu parceria com a Universidade de Brasília (UnB) para desenvolver ações de recuperação ambiental que considerem a interculturalidade e o diálogo com os povos indígenas. A iniciativa resultou no Plano de Recuperação Ambiental Yanomami Ye'kwana, elaborado com a participação de lideranças e pajés.

"Trata-se de uma construção coletiva, feita com a participação de pajés, de lideranças. E, nesse documento, temos o diagnóstico de todas essas áreas que foram degradadas pelo garimpo e resultaram em problemas como o desaparecimento de caças e de peixes, porque o rio ficou poluído por mercúrio. Ademais, o barulho dessas máquinas espantou esses animais, contribuindo com a insegurança alimentar. E o tempo para se efetivar esse plano está previsto em 10 anos, porque recuperar áreas degradadas requer um tempo muito grande", explicou.

Assistência social

A coordenadora-geral de Relação do Sistema Único de Assistência Social (Suas) com os Sistemas de Justiça e Garantia de Direitos, do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, Mônica Alves Silva, apresentou ações da pasta voltadas à proteção da vida e da saúde, ao combate ao garimpo ilegal e ao atendimento de comunidades em situação de emergência de saúde pública.

Entre as iniciativas, estão a contratação de 25 educadores sociais indígenas, todos Yanomami, para integrar as equipes de referência do Suas nos estados, e a emissão de 204 certificados de participação em oficinas temáticas promovidas pelo ministério junto às comunidades. Ela afirmou que, apesar da complexidade dos desafios enfrentados pelo povo Yanomami, essas experiências favorecem a participação, a organização comunitária e a melhoria dos serviços.

O coordenador-geral de Equidade Étnico-Racial e Combate às Discriminações do Departamento de Proteção Social Básica do mesmo ministério, Alex Sandro Lopes Cordeiro, destacou as ações interculturais desenvolvidas pelo governo. Segundo ele, o objetivo é ampliar a participação indígena na elaboração e na execução das políticas públicas.

■

De acordo com a Funai, meta de longo prazo é restaurar, em 10 anos, até 1.057,8 hectares de áreas degradadas

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (64)

O folheto *A peleja de Fábio Mozart com Sander Lee na feira de Itabaiana* inspirou o artigo *Memórias, lembranças e resistências: a feira livre de Itabaiana-PB*, do professor e pesquisador Flaviano Batista.

"Um dia após a virada histórica de Lula, defendi este artigo no programa de Pós-Graduação (*lato sensu)* em Educação Patrimonial: escolas, museus e comunidades, pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Sempre fui aluno de universidades públicas, por isso defendo uma educação de qualidade para todos" (Flaviano Batista).

O objetivo do artigo foi analisar a importância da feira e por que ela se tornou patrimônio cultural e imaterial (Feira Livre e de Mangaio de Itabaiana).

***A Peleja de Fábio Mozart e Sander Lee na feira de Itabaiana* contém poemas escritos por Fábio Mozart e Sander Lee, estruturados em estrofes de 10 versos (decassílabos). Os versos rimados organizam-se em formato de desafio como nas antigas cantorias ou pelejas que aconteciam nas feiras de todo Nordeste.**

"O cordel de Fábio Mozart e Sander Lee foi fundamental e me serviu como referência", afirmou o professor Flaviano.

O livro está à venda no Hotel Globo, em João Pessoa, e no Celeiro Espaço Criativo.

No dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, estarei lançando cordel de um líder negro paraibano, seu Chiquinho do Sindicato, um senhor que liderou as lutas dos trabalhadores rurais de Pilar nos anos 1970 e 1980.

Em 5 de novembro, receberei os exemplares do meu livro *Uma abordagem da História de Bananeiras na pancada do ganzá cordelístico* (Prêmio Literário José Lins do Rego – Edições Funesc 2025, na categoria Cordel). O evento será realizado na Academia Paraibana de Letras, às 17h.

Promovido pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), o prêmio incentiva a produção literária paraibana e reconhece escritores, contribuindo para a publicação e a circulação de novas obras.

O Centro Internacional de Computação Quântica da Paraíba (Ciquanta-PB) é o primeiro centro internacional voltado à computação quântica operacional na América Latina, instalado na Estação das Artes (Estação Cabo Branco), em João Pessoa, Paraíba.

Os sulistas acham que a gente só sabe comer calango com farinha e votar no Lula.

No dia 8 de novembro, teremos partida de futebol entre os veteranos do Santos de Pilar e da Associação Cultural e Desportiva Causos e Lendas. Será no estádio Vieirão, em Pilar.

Um dos craques do passado: Dedé Amarelo, ídolo do Santos de Pilar e do Vila Nova de Itabaiana. Não sei se serei convocado, porque fui ídolo do Mangueira Futebol e Cachaça de Entroncamento, lugarejo vizinho a Pilar.

O técnico dos veteranos de Pilar é Evanio Teixeira, funcionando ainda como anfitrião. Será servido churrasco após o jogo.

Aos 71 anos, a pessoa começa a ter a noção de que sofre de uma doença terminal e incurável chamada "vida".

"Fábio Mozart é igual a uísque envelhecido nos barris de carvalho do Zé Pinheiro, em Campina Grande: quanto mais o tempo passa, mais o bicho fica ruim!" (Dalmo de Xangô).

Estando eu no outono, não comemoro mais primaveras.

Colunista colaborador

MEDIDAS DE LULA

Instituto vê impacto fiscal de R$ 40 bi

Relatório de um órgão consultivo vinculado ao Senado aponta pressão com Bolsa Família, bets *e MEI*

Wellton Máximo
Agência Brasil



Foto: Antônio Cruz/Agência Brasil

Documento também alerta para a necessidade de ajuste fiscal para estabilizar a dívida pública

As medidas anunciadas durante a campanha eleitoral à reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva podem ter impacto fiscal de R$ 40 bilhões sem previsão no Orçamento deste ano e no ano de 2027, estima a Instituição Fiscal Independente (IFI), órgão consultivo vinculado ao Senado Federal.

O cálculo considera mudanças no Bolsa Família, a perda de arrecadação relacionada à *bets* e um pacote de medidas voltado aos microempreendedores individuais (MEI).

A estimativa consta no *Relatório de Acompanhamento Fiscal (RAF)* de outubro, divulgado na última quinta-feira (29). Segundo a instituição, o valor não inclui outras propostas apresentadas durante a campanha, como a ampliação do programa Pé-de-Meia para estudantes do Ensino Superior e a gratuidade do transporte coletivo nos fins de semana.

O relatório também alerta para a necessidade de um ajuste fiscal para estabilizar a dívida pública e aponta perspectivas de déficit primário neste ano e em 2027.

Contas

Os R$ 40 bilhões estimados pela IFI estão associados a três frentes de medidas anunciadas durante a campanha: Bolsa Família, com reajuste dos benefícios do programa social; *Bets*, com a perda de arrecadação relacionada ao fim das apostas de quota fixa; e MEI, com as medidas de ampliação de benefícios para microempreendedores individuais.

O impacto fiscal poderá ser maior caso outras propostas sejam implementadas.

A instituição ressalta que o cálculo não contempla o Pé-de-Meia Universitário nem a isenção de tarifas de transporte coletivo aos fins de semana.

A IFI projeta déficit primário de 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB, soma dos bens e serviços produzidos no país) neste ano. Para 2027, a avaliação apresentada na abertura do relatório indica que os novos compromissos, somados às divergências entre as estimativas da instituição e os números do Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA), podem elevar o déficit primário efetivo potencial a 1% do PIB.

O déficit primário ocorre quando as despesas do governo superam as receitas, desconsiderando o pagamento dos juros da dívida pública.

A instituição calcula que seria necessário alcançar um superávit primário de 2,1% do PIB para estabilizar a relação entre a dívida pública e o tamanho da economia.

"Considerando que a IFI estima ser necessário um superávit primário de 2,1% do PIB para estabilizar a relação dívida pública/PIB, esse quadro indica a necessidade de um ajuste fiscal equivalente a algo como 3 p.p. [pontos percentuais] do PIB", afirmaram os diretores Marcus Pestana e Alexandre Andrade na apresentação do relatório.

Juros

O relatório também destaca que a elevação das estimativas para a taxa de juros real neutra — aquela que, em tese, não estimula nem desacelera a atividade econômica — aumenta o esforço necessário para estabilizar o endividamento público.

A mediana das estimativas de juro neutro chegou a 6,1% ao ano no terceiro trimestre deste ano, acima dos 5% utilizados anteriormente como referência pela IFI.

Nesse cenário, o superávit primário necessário para estabilizar a dívida subiria de 2,1% para 2,9% do PIB, mantidas as demais hipóteses do exercício apresentado no relatório.

A instituição também calcula que a probabilidade de a dívida bruta superar 90% do PIB até 2030 aumenta de 78,9% para 81,6% quando considerada a incerteza sobre o juro neutro.

Crédito público

Outro ponto abordado no relatório são as operações de crédito realizadas pela União com recursos do Orçamento, classificadas como despesas financeiras e que não entram diretamente no cálculo da meta de resultado primário.

Segundo a IFI, os pagamentos relacionados a créditos concedidos com recursos orçamentários passaram de R$ 71,7 bilhões em 2023 para R$ 220,3 bilhões acumulados até outubro deste ano.

Descontados os retornos ao Tesouro Nacional, as saídas líquidas chegaram a R$ 147,7 bilhões em 2025 e a R$ 180,5 bilhões nos 10 primeiros meses deste ano.

Embora essas operações não comprometam formalmente o cumprimento das metas fiscais, a instituição avalia que elas têm impacto efetivo sobre a trajetória da dívida pública.

Previdência e BPC

A IFI também identificou pontos de atenção nas projeções orçamentárias para o Regime Geral de Previdência Social (RGPS) e o Benefício de Prestação Continuada (BPC).

No caso da Previdência, o relatório aponta que o Projeto de Lei Orçamentária de 2027 não contabiliza o impacto de uma decisão do Supremo Tribunal Federal sobre aposentadoria especial, estimado em R$ 13 bilhões.

Em relação ao BPC, a instituição observa divergências entre as projeções do governo e os dados disponíveis até agosto deste ano. Enquanto a estimativa governamental pressupõe redução do número de beneficiários no segundo semestre do ano e aumento das cessações em 2027, os registros indicavam expansão no total de benefícios emitidos.

Plano fiscal

Sobre a condução da política econômica após a reeleição de Lula, a instituição não prevê mudanças bruscas. A expectativa é a continuidade da estratégia gradualista de ajuste fiscal, com correções pontuais.

Os diretores da IFI, no entanto, defendem medidas consistentes para enfrentar o desequilíbrio das contas públicas e criar condições para a retomada dos investimentos.

"Sem um ajuste fiscal consistente não haverá retomada relevante dos investimentos estratégicos, crescimento acelerado, criação de empregos de qualidade, incremento da renda e dinheiro para financiar políticas públicas essenciais", avalia Marcus Pestana.

O relatório também recomenda a apresentação de um plano fiscal para os próximos quatro anos e a definição do comando do Ministério da Fazenda, em meio às incertezas dos mercados financeiros.

Para a instituição, o desafio é conciliar o controle do endividamento, o financiamento de políticas públicas e a abertura de espaço no Orçamento para investimentos capazes de estimular o crescimento econômico.

Remanejamento

Na semana passada, o Ministério do Planejamento e Orçamento informou que pretende remanejar R$ 20 bilhões do Orçamento de 2027 para fazer frente aos novos gastos. A pasta não divulgou o impacto total das medidas anunciadas durante a campanha eleitoral. Apenas informou que o restante da diferença seria coberto pela revisão para baixo de estimativas de gastos obrigatórios no projeto de lei do Orçamento do próximo ano.

A mensagem de alteração do Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA) de 2027 será encaminhada ao Congresso Nacional assim que for designado o relator do projeto.

Para este ano, a pasta informou que os impactos serão residuais porque a maior parte das medidas anunciadas só começam efetivamente a valer no próximo ano.

EM 2027

Conselho Curador do FGTS aprova R$ 169 bi para investimentos

Agência Gov

O Conselho Curador do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) aprovou, na última quinta-feira (29), o orçamento de R$ 169 bilhões para investimentos em habitação, saneamento básico, infraestrutura urbana e saúde em 2027. Na mesma reunião, o colegiado prorrogou até 31 de março de 2027 a regra de transição que permite aos trabalhadores utilizar até cinco saques-aniversário futuros como garantia em operações de crédito.

Do total aprovado, R$ 144,5 bilhões serão destinados à habitação, R$ 8 bilhões ao saneamento básico, R$ 8 bilhões à infraestrutura urbana e R$ 8,5 bilhões à saúde.

Para o ministro do Trabalho e Emprego, Luiz Marinho, as ações propostas estão completamente alinhadas com um dos principais objetivos do Fundo: o financiamento de políticas sociais que beneficiem o trabalhador e a população de baixa renda com habitação, saneamento básico e infraestrutura urbana.

Saque-aniversário

A prorrogação aprovada pelo Conselho mantém, até 31 de março de 2027, a regra de transição que permite a alienação de até cinco saques-aniversário anuais futuros como garantia em operações de crédito.

A regra foi estabelecida por resolução publicada em outubro de 2025, que também definiu limites para as operações. Entre as medidas previstas, estão a redução do número de saques futuros que podem ser alienados para três, a partir de 1º de novembro de 2026, e a fixação de valores mínimo de R$ 100 e máximo de R$ 500 por saque anual cedido ou alienado.

Desde a criação da modalidade, foram movimentados R$ 242,5 bilhões por meio do saque-aniversário. Desse total, R$ 94,2 bilhões (39%) foram recebidos diretamente pelos trabalhadores, enquanto R$ 148,3 bilhões (61%) foram destinados às instituições financeiras para o pagamento de empréstimos garantidos por esses recursos.



Foto: Tirza Bras/MTE

Para Marinho (E), as ações propostas estão completamente alinhadas com objetivos do Fundo

Levantamento aponta que a redução do limite de alienação para três saques-aniversário anuais futuros pode impactar 12,2 milhões de trabalhadores. Desse grupo, 92% recebem até quatro salários mínimos.

FGTS Digital

O Conselho também aprovou R$ 173,1 milhões para custear os serviços de implantação, sustentação, manutenção e evolução da Plataforma FGTS Digital, desenvolvida sob a gestão da Secretaria de Inspeção do Trabalho do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Empregos

A Caixa Econômica Federal, agente operador do FGTS, apresentou uma metodologia para estimar os empregos associados aos recursos destinados à habitação, ao saneamento e à infraestrutura. Em 2024, foram 1.198,4 milhão, principalmente, pela habitação. Já, em 2025, foram R$ 1.318,4 milhão.

■ Conselho aprovou R$ 173,1 milhões para custear a implantação, sustentação, manutenção e evolução do FGTS Digital

PARAÍBA

Seleções somam 266 vagas no estado

Editais do TJPB e das prefeituras de Itapororoca e Serra Grande têm oportunidades com salários de até R$ 10 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com



Foto: Divulgação/Prefeitura de Itapororoca

A Prefeitura de Itapororoca tem 175 vagas no total, distribuídas entre dezenas de cargos com salários que chegam a R$ 10 mil

Se fosse possível pedir uma aprovação em concurso público de presente de Natal, não faltariam cartinhas endereçadas ao Papai Noel. Mas, como esse tipo de "mimo" não chega por trenó, o melhor é aproveitar as oportunidades que estão abertas neste início de novembro. Ao todo, são 266 vagas na Paraíba, voltadas para candidatos de todos os níveis de escolaridade. Só a Prefeitura de Itapororoca oferece 175 postos, enquanto a administração municipal de Serra Grande reúne outros 41. Já o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) abriu 50 vagas para analistas judiciários, em diversas especialidades.

Maior oferta

Entre os três concursos, o da Prefeitura de Itapororoca, localizada a 66 km da capital, é o mais robusto. São 175 vagas no total, distribuídas entre dezenas de cargos, com exigências que vão do Ensino Fundamental ao Superior. O destaque fica para as funções de auxiliar de serviços gerais e serviços educacionais, com mais de 30 postos abertos para cada uma. Há, também, oportunidades para agentes de limpeza, merendeiras, pedreiros, enfermeiros, médicos, professores, psicólogos e guardas municipais, entre outros especialistas.

Os salários iniciais variam de R$ 1,6 mil a R$ 10 mil, conforme o cargo, com jornadas de oito a 40 horas semanais, além da possibilidade de atuar em regime de plantão — no caso de médicos. Se você ficou interessado, realize a inscrição até 20 de novembro, pelo *site* da Facet Concursos, responsável pela organização do certame. As taxas cobradas são de R$ 80 para nível fundamental, R$ 95 para médio/técnico e R$ 115 para superior.

Quanto à avaliação, todos os candidatos farão uma prova objetiva, prevista para 20 de dezembro, a ser realizada no município de Itapororoca. Mas, para alguns cargos, a seleção não termina aí. Motoristas e operadores de máquinas pesadas também terão provas práticas, enquanto os professores passarão por análise de títulos. Já para a função de guarda municipal, haverá outras etapas complementares, como teste de aptidão física, avaliação psicotécnica, investigação social e curso de formação.

Diversas áreas

No Alto Sertão paraibano, por sua vez, são 41 vagas para profissionais de níveis fundamental, médio, técnico e superior na Prefeitura de Serra Grande. Entre os destaques, estão oportunidades para agente de limpeza urbana, técnico de enfermagem, agente administrativo, enfermeiro, bibliotecário, fisioterapeuta, farmacêutico, nutricionista, psicólogo, odontólogo e professores de diferentes disciplinas.

De acordo com o edital, os vencimentos vão de R$ 1,6 mil a R$ 3,6 mil, para jornadas de 30 a 40 horas semanais. As inscrições seguem abertas até 29 de novembro, pelo *site* da Comissão Permanente de Concursos da Universidade Estadual da Paraíba (CPCon/UEPB), responsável pela organização do concurso. Para participar, é necessário pagar uma taxa de R$ 75 para cargos de nível fundamental, R$ 95 para médio/técnico ou R$ 115 para superior.

Sobre a seleção dos candidatos, a primeira etapa será uma prova objetiva, marcada para 14 de fevereiro de 2027, em Serra Grande. Mas atenção: caso o número de inscritos ultrapasse a capacidade local disponível, a avaliação poderá ser aplicada em cidades próximas, em um raio de até 100 km. E mais: para os cargos de professor, haverá ainda uma etapa adicional de análise de títulos, de caráter classificatório.

Carreira no Judiciário

Já para quem tem Ensino Superior, o concurso do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) oferece 50 vagas para o cargo de analista judiciário, além de formação de cadastro de reserva. Metade das oportunidades é destinada à área judiciária, que exige graduação em Direito. As outras 25 estão distribuídas entre Contabilidade e diferentes especialidades ligadas à área de Tecnologia da Informação (TI), como desenvolvimento de sistemas, banco de dados, segurança da informação, inteligência artificial e análise de dados.

Com jornadas de 40 horas semanais, todos os cargos têm em comum a remuneração inicial de R$ 7,5 mil. Além do salário, o edital prevê alguns benefícios, como auxílio-alimentação, no valor de R$ 2,2 mil, e auxílio-saúde, de R$ 1,8 mil. Os interessados no certame podem realizar a inscrição até 18 de novembro, pelo *site* da Fundação Getulio Vargas (FGV), que está à frente da organização do concurso. A taxa custa R$ 120.

Diferentemente das seleções municipais, que contam com avaliações específicas para alguns cargos, o concurso do TJPB terá uma única etapa para todos os candidatos, composta por provas objetivas e discursiva. As duas avaliações ocorrerão em 24 de janeiro de 2027, em João Pessoa. Na prática, os candidatos a analista judiciário responderão a 60 questões objetivas de conhecimentos gerais e específicos, além de elaborarem uma redação de até 30 linhas com base em uma pergunta temática.

Use o *QR Code* para acessar o edital da Prefeitura de Itapororoca

Use o *QR Code* para acessar o edital da Prefeitura de Serra Grande

Use o *QR Code* para acessar o edital do TJPB

Intérpretes de Libras garantem que comunicação chegue a todos

Imagine acompanhar uma palestra inteira sem compreender o que o orador está explicando ou ir ao médico e não conseguir entender as orientações por falta de acessibilidade. Para pessoas surdas que se comunicam em Língua Brasileira de Sinais (Libras), situações como essas mostram como a comunicação nem sempre é tão inclusiva quanto deveria ser. E é justamente para superar essas barreiras que entra em cena o intérprete de Libras, profissional responsável por fazer a ponte entre a língua de sinais e o português.

Karinne Rodrigues da Costa, tradutora e intérprete de Libras-português, conhece bem essa responsabilidade e sabe que dominar as duas línguas é apenas uma parte do desafio. Para além das mãos em movimento, o trabalho exige conhecimento linguístico, compreensão de diferentes contextos, empatia e, sobretudo, cuidado para que as informações importantes não se percam pelo caminho. Não por acaso, o trabalho dela começa bem antes de qualquer sinal, longe dos olhos do público.

Contexto e sentido

Segundo Karinne, quando a interpretação envolve uma palestra, por exemplo, é comum que o profissional receba com antecedência o material que será apresentado para que possa estudá-lo a fundo. Assim, ele consegue compreender melhor os conceitos e pesquisar sinais específicos daquela área. Isso também vale para trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. "A partir dessa pesquisa, nós nos dedicamos previamente à demanda, realizando estudo de conteúdos, conceitos e sinalários", afirma. É assim que o conteúdo ganha contexto e passa a ser transmitido com maior assertividade e sentido.

Foi no ambiente religioso que Karinne começou a perceber a importância da acessibilidade linguística no dia a dia, principalmente diante da necessidade de tornar cultos e seminários acessíveis às pessoas surdas. O interesse pela Libras, porém, veio mais tarde, quando teve a oportunidade de estudar ao lado de alunos surdos acompanhados por intérpretes. Como destaca a profissional, essa experiência a fez enxergar a atividade como uma possibilidade de carreira. "A partir daí, comecei a me qualificar. Fiz curso na Associação de Surdos de Campina Grande (ASCG), em instituições federais e estaduais, além de uma especialização como Tilsp [Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa]", detalha.

Mercado e habilidades

Mas engana-se quem pensa que o trabalho desse profissional limita-se a salas de aulas ou eventos públicos. De acordo com a especialista, o intérprete pode atuar em diferentes ambientes, incluindo hospitais, tribunais, espaços culturais e veículos de comunicação. "O principal objetivo dele é promover a acessibilidade linguística para as pessoas surdas", reforça. Inclusive, ela lembra que a acessibilidade deve ser assegurada mesmo quando não há confirmação prévia da presença de pessoas surdas no espaço.

Diante dessa versatilidade, fica mais fácil entender por que conhecer os sinais não é suficiente para exercer a profissão. Segundo Karinne, além de ter fluência em Libras, o intérprete precisa estar disposto a estudar continuamente. Outro ponto importante é manter contato com a comunidade surda, uma convivência que, na avaliação dela, ajuda o profissional a compreender as particularidades de quem utiliza a língua de sinais. Por isso, para aqueles que pretendem seguir carreira na área, a orientação é não se limitar aos cursos, embora sejam indispensáveis para garantir a destreza linguística necessária. "É importante se aperfeiçoar e, ao mesmo tempo, conviver com os usuários da língua, vivenciando sua cultura e as diversas identidades", observa.

Entretanto, os desafios do intérprete não se resumem aos estudos. Mesmo com a profissão regulamentada por lei, Karinne conta que ainda encontra resistência em determinados ambientes. Em algumas situações, aliás, o simples fato de precisar ficar à frente do público causa estranhamento. "Nossa atuação ainda é vista com estranheza. Alguns têm o pensamento de que vamos 'roubar a cena' da pessoa responsável pelo discurso", afirma. Uma percepção bastante equivocada, já que a presença do intérprete tem como finalidade garantir um direito que deveria ser respeitado por todos: o devido acesso à comunicação. "As pessoas precisam conhecer mais sobre a nossa profissão para que, assim, possam respeitar a nossa atuação ao acessarmos os diversos espaços da sociedade", finaliza Karinne.

Oportunidade

Na Paraíba, para quem deseja ingressar no serviço público, há uma oportunidade aberta na Prefeitura de Itapororoca. O cargo exige Ensino Médio completo e curso de formação em interpretação de Libras. Já o salário inicial é de R$ 1,6 mil por 40 horas semanais.

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 16 de setembro de 2026	R$ 1.621	+1,05%	+1,12%	+1,35%
13,75%		R$ 5,444	R$ 6,08	R$ 7,296

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Setembro/2026	0,82
Agosto/2026	-0,32
Julho/2026	0,07
Junho/2026	0,16
Maio/2026	0,58

Ibovespa
169.186,42 pt
-0,75%

PELA PRIMEIRA VEZ

Produção de abacaxi gera mais de R$ 1 bilhão na PB

Fruta deve superar a cana-de-açúcar no valor da produção, prevê IBGE

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A Paraíba manteve, em 2025, a liderança nacional na produção de abacaxi pelo segundo ano consecutivo. Foram colhidos 331,9 milhões de frutos, volume 10,3% superior aos 300,9 milhões registrados em 2024 e o maior desde 2018, quando a produção chegou a 334,9 milhões. O desempenho também fez o valor da produção do abacaxi ultrapassar, pela primeira vez, a marca de R$ 1 bilhão no estado, crescimento de 49,6%.

O Pará aparece em segundo lugar no *ranking* nacional, com 314,9 milhões de frutos, seguido por Rio de Janeiro, com 169,6 milhões, e Minas Gerais, com 149,5 milhões. Na Paraíba, a expansão da produção ocorreu em um cenário de aumento também da área destinada à cultura, mas em ritmo menor que o crescimento do valor gerado pela atividade.

Para o engenheiro agrônomo José Otávio, gerente de produção agrícola da Secretaria de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (Sedap-PB), a posição ocupada pela Paraíba mantém uma tradição de décadas na produção da fruta e reúne características que favorecem a atividade.

"Nós temos um solo aqui, na região do Litoral, com um índice pluviométrico razoável e temos um sol que faz com que o Brix, que é o teor de açúcar da terra, se eleve. Com isso dá uma qualidade diferenciada ao nosso produto", destaca o especialista.

A maior parte da produção paraibana é formada pelo abacaxi Pérola, variedade destinada principalmente ao consumo de mesa. De acordo com José Otávio, as características de doçura da fruta têm relação com as condições encontradas na Zona da Mata.

Entre os municípios, Pedras de Fogo aparece como o maior produtor do estado, com 88 milhões de frutos em 2025. Na sequência, estão Itapororoca, com 64,4 milhões; Araçagi, com 45 milhões; Santa Rita, com 31,5 milhões; e Cuité de Mamanguape, com 13,5 milhões. A irrigação também passou a influenciar o ritmo de produção. Para o especialista, novas práticas de manejo da terra permitiram reduzir o período necessário para a colheita.

"Antigamente, colhia-se abacaxi com 18 meses. Hoje, através de irrigação e adubação, nós conseguimos produzir abacaxi com 14 ou 15 meses. Então, a gente reduz muito os custos", disse. A irrigação também permite ao produtor estabelecer períodos de colheita de acordo com as condições de mercado. Com isso, a produção pode ser distribuída ao longo do ano, em vez de ficar restrita ao período tradicional de safra, que teve início em setembro.

Indústria processa 60 toneladas por ano

O consumo do abacaxi *in natura* continua sendo o principal destino da produção paraibana. A atividade, porém, também abastece a indústria de processamento, que transforma a fruta em produtos como sucos, doces e compotas.

Localizada no Distrito Industrial de João Pessoa, a Intrafrut é, hoje, a maior processadora de suco concentrado de abacaxi do país. A indústria processa aproximadamente 60 mil toneladas de abacaxi por ano, sendo cerca de 80% da matéria-prima proveniente de municípios paraibanos, como Santa Rita e Itapororoca. A empresa atende a grandes clientes em diferentes países e mantém a operação em plena capacidade.

O gerente comercial da empresa, Cláudio Carvalho Filho, afirma que a expectativa para 2026 é processar cerca de 54 mil toneladas. Segundo ele, os dados do IBGE sobre a produção de abacaxi, neste ano, devem apontar uma redução considerável em comparação a 2025. "Mesmo o ano passado tendo sido bem aquecido, neste ano o preço diminuiu bastante. O preço do suco tem baixa de 35% no mercado internacional. Mas, mesmo assim, a gente continua trabalhando bastante e vendendo", afirmou.

O suco de frutas é o terceiro principal produto exportado pela Paraíba. No ano passado, as vendas externas somaram US$ 38,1 milhões. No mercado norte-americano, o segmento chegou a responder por cerca de 60% das exportações paraibanas aos Estados Unidos em 2026.

A Europa é o principal mercado do suco concentrado produzido pela Intrafrut, respondendo por 65% das vendas. Os Estados Unidos representam 20%, enquanto os demais mercados, incluindo o Brasil, correspondem aos 15% restantes. "Estou na Itália trabalhando, exatamente vendendo suco de abacaxi concentrado, depois irei para Espanha e França, vamos participar do Salão Internacional da Alimentação, em Paris. Estávamos na ICBC, na Flórida, no mês passado", disse.


Foto: Carla Miranda

Suco é o terceiro produto mais exportado pelo estado, somando US$ 38,1 milhões em vendas

Comparação

O crescimento do abacaxi alterou de forma significativa a composição do valor da produção agrícola da Paraíba. Em 2024, a cana-de-açúcar representava 40,2% do valor total da produção agrícola estadual, enquanto o abacaxi respondia por 22,2%. A diferença era de 18 pontos percentuais.

Em 2025, a participação da cana caiu para 29,7%, enquanto a do abacaxi subiu para 28%. A distância entre as duas culturas passou, assim, para apenas 1,7 ponto percentual. Com esse movimento, o próprio IBGE aponta como concreta a possibilidade de o abacaxi ultrapassar a cana-de-açúcar nos próximos levantamentos.

A mudança ocorre em um contexto de dificuldades para a cadeia da cana. Segundo gerente de produção agrícola da Sedap-PB, José Otávio, a produção de etanol de milho no Centro-Oeste aumentou a concorrência com o etanol produzido a partir da cana-de-açúcar. Ao mesmo tempo, o setor enfrentou períodos de preços baixos e aumento dos custos dos fertilizantes.

"Em um hectare de abacaxi, você pode ter um faturamento em torno de R$ 70 mil. E, com a cana-de-açúcar, em torno de R$ 10 mil. A diferença é grande. Tivemos ultimamente um preço muito baixo da cana de açúcar, e agora ele vem se recuperando", conclui o engenheiro agrônomo.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O dinheiro está caro, e a conta chega para todos

Tem conta que a gente prefere não abrir. A dos juros da dívida pública é uma delas. Mas chegou a hora de abrir, porque o assunto saiu faz tempo dos gabinetes de Brasília e das mesas de operação do mercado e foi parar, por caminhos que nem sempre se veem, no bolso de cada um.

Os números do Banco Central falam por si. Nos 12 meses até setembro de 2026, o setor público gastou R$ 1,205 trilhão só com juros. Isso dá 8,99% do PIB, o maior percentual desde janeiro de 2016. Só em setembro, foram R$ 107,5 bilhões. No mesmo mês, o déficit primário, que é a diferença entre o que se arrecada e o que se gasta antes de pagar juros, ficou em R$ 5,5 bilhões. O buraco do dia a dia é pequeno perto do que se paga para carregar a dívida. O problema fiscal brasileiro, hoje, mora em boa parte aí.

Quando se colocam os juros na conta, o resultado nominal chega a R$ 1,275 trilhão em 12 meses, ou 9,51% do PIB. E a dívida bruta do governo geral já bate R$ 11,1 trilhões, 82,9% de tudo o que o país produz. Uma coisa puxa a outra. Déficit precisa ser financiado, o financiamento engorda a dívida, e dívida gorda deixa o investidor desconfiado.

Agora, cuidado com a explicação de botequim. Juro alto não é culpa de um homem só, nem apenas do Banco Central. A Selic, hoje em 13,75% ao ano, existe para segurar a inflação. Só que o custo que o Tesouro paga para se financiar depende de mais coisas: do que o mercado espera para a dívida, da inflação projetada, da confiança em quem conduz a economia e da disposição real do governo de arrumar a casa. Bateu a dúvida sobre as contas, quem empresta ao país cobra mais caro.

> **"Nenhum país se desenvolve vendo uma fatia cada vez maior da sua riqueza escorrer pelo ralo dos juros**

E, aí, o Brasil entra numa ciranda que não tem nada de festiva. Dívida grande empurra o juro para cima, juro alto encarece a rolagem da dívida, e a despesa financeira vai comendo o espaço do resto do orçamento. Escola, posto de saúde, estrada, saneamento, pesquisa, tudo isso disputa dinheiro com uma conta que, sozinha, não levanta um tijolo nem contrata um professor.

Ninguém sério está propondo calote. Juro se paga, compromisso se honra. Sem uma dívida estável, o Estado perde fôlego para investir e o crédito fica salgado para todo mundo. O empresário engaveta o projeto, a família que sonhava em reformar a casa desiste diante da prestação e a economia anda de freio de mão puxado. Aqui, na Paraíba, onde o pequeno negócio e o investimento público pesam tanto no emprego, esse freio sente-se rápido.

A saída passa por uma política fiscal em que as pessoas acreditem e que dure mais que um mandato. Meta no papel o Brasil já teve muitas. Falta mostrar como cumpri-las, gastar melhor, tornar as políticas públicas mais eficientes e fazer a arrecadação crescer, porque a economia cresce, e não só porque se aperta o contribuinte. Falta também coragem para discutir prioridades, sem jogar o ajuste todo nas costas do investimento, que costuma ser o primeiro a ir para a tesoura.

Responsabilidade fiscal e desenvolvimento social não são inimigos. Um sustenta o outro. A pergunta que vale fazer é quanto do nosso futuro já está empenhado no aluguel do dinheiro. Nenhum país se desenvolve vendo uma fatia cada vez maior da sua riqueza escorrer pelo ralo dos juros.

FINANÇAS NACIONAIS

Economistas analisam dívida pública

Enquanto o mercado cobra corte nas despesas do Estado, especialistas apontam outros caminhos para equilíbrio fiscal

Lucas Pordeus León
Agência Brasil



Foto: Rafa Neddermeyer/Agência Brasil

Especialistas considerados heterodoxos ou desenvolvimentistas consideram os altos juros praticados pelo Banco Central o principal problema do país

A trajetória da dívida pública brasileira, que saiu de 71,7% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2022 para cerca de 82,9% em agosto de 2026, vem sendo apontada, pelo mercado financeiro e por economistas considerados "liberais" ou "ortodoxos", como o maior problema do próximo governo, que colocaria em risco a economia brasileira. Para essa ala, reduzir gastos é o principal caminho para manter o equilíbrio fiscal.

De outro lado, há economistas de outras correntes de pensamento, consideradas "heterodoxas" ou "desenvolvimentistas", que apontam essa proposta do mercado financeiro como prejudicial à população por tirar recursos de áreas fundamentais, como saúde, educação, previdência e assistência social.

Para esses especialistas, são os juros altos praticados pelo Banco Central (BC) o principal problema econômico do país que pressiona a dívida pública. Já o BC tem condicionado a redução dos juros à realização de superávits primários pela União, que é quando as receitas superam as despesas, excluindo os gastos da dívida.

A revista *Forbes*, especializada em finanças e com sede nos Estados Unidos (EUA), publicou artigo sugerindo um corte de até R$ 450 bilhões para estabilizar a dívida pública brasileira, usando como base estudos do Instituto Fiscal Independente (IFI), ligado ao Senado.

Durante a campanha presidencial, a promessa de corte de magnitude menor, de R$ 250 bilhões, foi atribuído ao candidato Flávio Bolsonaro (PL) a partir de revelações da imprensa. A proposta foi atacada pelo candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que acusou Flávio de preparar um "tesouraço" nos benefícios sociais.

Consultados pela reportagem, economistas rejeitaram a tese dominante veiculada na imprensa de que a trajetória da dívida brasileira deve ser combatida com corte de gastos primários, ou seja, aqueles usados para prestação dos serviços públicos.

Calote e inflação

A professora do Instituto de Economia da Unicamp Simone Deos afirma que não há risco de calote da dívida ou de aumento da inflação, como alertam os economistas liberais, em função do aumento do endividamento bruto nos últimos anos.

"Isso não tem maiores consequências, porque a dívida pública é em reais, não em moeda estrangeira. A história não mostra nenhum país que não tenha conseguido pagar a sua dívida interna, em moeda nacional, por falta de recursos. Haveria risco se a dívida fosse em dólares", avalia.

O professor de Economia Fernando Henrique Lemos Rodrigues, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), afirmou à reportagem que a dívida ainda não preocupa como os economistas liberais têm alertado.

"A dívida enquanto proporção do PIB não é uma preocupação prioritária. A dívida está dentro dos parâmetros internacionais considerando a complexidade do Brasil e o peso da dívida interna. São níveis aceitáveis ainda, mesmo com o crescimento dos últimos anos", afirma.

O doutor em Teoria Econômica critica ainda a comparação, comum no noticiário econômico, do Estado brasileiro com uma família ao argumentar que o governo não poder gastar mais do que arrecada.

"Nós não estamos falando de uma dona de casa, nem de uma dona de padaria. Estamos falando de um país com capacidade de arrecadação, de alongar o seu endividamento e de conseguir receitas das suas estatais", explicou Fernando.

Comparação internacional

A pesquisadora Simone Deos, que atua no Centro de Estudos de Relações Econômicas Internacionais (Ceri) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), acrescenta que muitos países têm nível de dívida superior ou similar ao Brasil.

Japão (236% do PIB), Estados Unidos (120% do PIB), Reino Unido (101% do PIB), Itália (135%), Índia (81,2%) e Canadá (110% do PIB) são países que registram dívidas públicas maiores ou semelhantes às do Brasil, segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI) de 2024.

Para Simone, o problema do aumento da dívida ocorre porque uma parcela maior do orçamento público fica comprometido com pagamento de juros para os mais ricos. "O que está causando essa trajetória de aumento é o pagamento de juros. E o problema dela é que uma parcela cada vez maior do PIB está sendo transferida para rentistas [pessoas ou empresas que obtém renda por meio de aplicações financeiras]", acrescenta.

Panorama

Enquanto a dívida brasileira chegou a 82,9% do PIB, outros países apresentam percentuais mais elevados, como Japão (236%), Itália (135%) e Estados Unidos (120%)

Brasil gastou mais de R$ 1 trilhão em juros nos últimos 12 meses

A taxa de juros real no Brasil de 8,45%, a maior do mundo segundo levantamento da consultoria Moneyou, é o principal fator para o crescimento da dívida pública, conforme dados do Banco Central (BC).

Nos últimos 12 meses, o Brasil gastou R$ 1,1 trilhão em juros, o que representa 8,86% do PIB, calcula o BC. Ao longo de 2026, o principal fator para o crescimento de 4,2 pontos percentuais (p.p) da dívida/PIB foram os juros nominais.

O professor Fernando Henrique argumenta que a pressão por redução dos gastos públicos no Brasil é uma "chantagem" do mercado financeiro com objetivo de manter os juros elevados. Isso porque o BC tem condicionado a redução dos juros aos superávits primários.

De acordo com o professor, como o governo não pode fazer o ajuste fiscal que o mercado pede sem reduzir os direitos sociais da população, a pressão por cortes funciona para justificar a manutenção das altas taxas de juros.

"O mercado sabe que o governo não vai cortar. Existe um conluio para manter a taxa de juros alta. Um fundo de aplicação financeira tem cerca de 90% da rentabilidade vindo da dívida pública", explicou Rodrigues.

O professor da UFRRJ argumenta que o Brasil está com a inflação "bastante controlada", havendo espaço para uma redução maior da taxa de juros. "Acontece que o BC brasileiro é refém, sobretudo, das instituições financeiras de maior poder de fogo, grandes bancos e grandes corretoras, que é o pessoal da Faria Lima", explicou.

■ Segundo o BC, gastos primários acima da arrecadação pressionam a inflação

Outro motivo apontado para reduzir os juros no Brasil é o fato de os juros serem baixos nos países desenvolvidos, o que cria uma pressão do mercado financeiro para manter os juros altos em países como Brasil, México, Rússia, Turquia e Indonésia.

O Banco Central justifica os juros elevados, entre outros motivos, às pressões inflacionárias e aos déficits fiscais primários nas contas públicas. Segundo a autoridade monetária, os gastos primários acima da arrecadação pressionam a inflação.

Intervir na política de câmbio e fortalecer estatais são alternativas

A professora da Unicamp Simone Deos pondera, por outro lado, que é válido um debate sobre a eficiência e a qualidade dos gastos públicos, mas defende que mudanças não podem prejudicar políticas sociais.

A pesquisadora do Cire argumenta que a doutrina econômica adotada pelo BC não tem funcionado para o Brasil. "Tem que mudar a cartilha do BC para ele agir de outra forma".

Segundo a especialista, é possível reduzir os juros no Brasil e, com isso, equilibrar a dívida pública de forma coordenada e planejada por meio da intervenção no mercado de câmbio, um dos principais fatores de inflação no Brasil. Para isso, o BC teria que fazer uso dos US$ 350 bilhões de reservas em dólar.

"Uma redução dos juros é mais do que suficiente para a dívida estabilizar. Para isso, precisa de uma ação coordenada com a questão cambial do BC. No mais, a gente tem que discutir qualidade do gasto", comentou.

O professor da UFRRJ Fernando Henrique Rodrigues, por sua vez, defende que o Estado precisa fortalecer seu orçamento social e de investimentos em estatais para perseguir algum desenvolvimento econômico.

"Se um gasto público, num primeiro momento, tem um impacto que se diria negativo sobre as contas públicas, em um segundo momento, ele gera renda, emprego e novos investimentos. Isso volta na forma de arrecadação", comentou.



Foto: Arquivo pessoal

"Se um gasto público tem um impacto negativo sobre as contas públicas, em um segundo momento, gera renda e novos investimentos

Fernando Henrique Lemos

ÉTICA E TECNOLOGIA

Quem responde quando a IA erra e causa danos?

Novas ferramentas levantam questões sobre privacidade e segurança jurídica

Deyse Ponciano
Ascom Secties-PB



Foto: Arthur Vasconcelos/Secties

IA pode reproduzir e até ampliar desigualdades e preconceitos, alerta professora

Responsabilidade por prejuízos vai além dos desenvolvedores

Pedir a um assistente de inteligência artificial (IA) que resuma um contrato, escreva um *e-mail*, tire uma dúvida de saúde ou explique o conteúdo da escola virou rotina para milhões de brasileiros. A facilidade, porém, esconde perguntas que quase ninguém faz na hora de enviar o comando: de onde veio aquela resposta? Para onde vão os dados informados? Quem responde se algo der errado?

Para Thaís Gaudêncio, professora e especialista em Inteligência Artificial da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o primeiro passo é entender o que a ferramenta, realmente, faz. Os assistentes de conversa são modelos de linguagem que, durante o treinamento, analisam grandes quantidades de conteúdo e aprendem padrões da linguagem. "Ao receber uma pergunta, o sistema divide o texto em pequenas unidades, chamadas *tokens*, que podem ser palavras ou partes delas. A partir da pergunta, do contexto da conversa e do que aprendeu, eles calculam as possibilidades para a continuação da resposta", explica. Algumas ferramentas também consultam documentos, pesquisam na *internet* e realizam cálculos.

É nesse ponto que mora o risco. Uma resposta bem escrita pode estar errada, e o modelo pode misturar informações, criar relações equivocadas ou inventar uma referência com aparência de real, fenômeno conhecido como "alucinação". "O tom seguro da resposta não significa que o conteúdo tenha sido verificado", esclarece Thaís. Por isso, ela defende um hábito simples: perguntar de onde veio a informação e como conferi-la.

A professora considera a confiança excessiva um dos riscos mais subestimados, ao lado do compartilhamento de dados pessoais e documentos sigilosos sem conhecer as condições de uso da ferramenta. Na educação, a docente alerta para outro perigo: o de terceirizar o próprio esforço de aprender, já que formular uma pergunta, errar e rever uma ideia fazem parte da construção do conhecimento. Daí a defesa do letramento em IA: saber escrever um comando é apenas uma parte do aprendizado.

Thaís também chama atenção para os vieses. Os dados carregam as marcas da sociedade que os produziu, com suas desigualdades e preconceitos, e a IA pode reproduzi-los e até ampliá--los. Ela cita o exemplo de uma ferramenta de seleção treinada com o histórico de uma instituição que contratou mais homens para cargos de liderança, o que pode levar o sistema a prejudicar mulheres igualmente qualificadas. Olhar só para a taxa geral de acerto, segundo a pesquisadora, pode esconder falhas com os grupos menos representados.

Se a tecnologia é nova, a responsabilidade nem tanto. O advogado especialista em direito digital, Gustavo Rabay, avalia que o Brasil está parcialmente preparado e avança rápido no tema. Constituição, Código Civil, Código de Defesa do Consumidor, Marco Civil da Internet e Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) já permitem enfrentar muitos danos associados à IA generativa. "A ausência de uma lei geral específica sobre IA não significa ausência de responsabilidade", afirma. Há, ainda, normas que tratam expressamente sobre usos criminosos: a Lei nº 15.123/2025 aumentou a pena da violência psicológica contra a mulher quando praticada com IA ou manipulação tecnológica de imagem ou som; a Lei nº 15.487/2026 reforçou a repressão à violência sexual contra crianças e adolescentes, contemplando montagens com IA e *deepfakes* usados para aliciamento; e a Lei nº 14.811/2024 criminalizou o *cyberbullying*. Para o advogado, o desafio está em aplicar essas bases a sistemas complexos, pouco transparentes e que operam em grande escala.

Rabay explica que, quando a ferramenta causa prejuízo, desenvolvedor, empresa e usuário podem ser responsabilizados conforme a participação no dano. O fornecedor responde por defeitos ou por informações insuficientes sobre riscos, a empresa que incorpora a IA ao serviço responde pela forma como a utiliza e o usuário responde quando a emprega para fraudar ou ofender. Nas relações de consumo, a responsabilidade do fornecedor é, em regra, independente de culpa, o que não significa indenização automática para qualquer resposta errada. Uma empresa que usa *chatbot* no atendimento, por exemplo, não pode encerrar a discussão dizendo que a resposta foi da IA. "'Foi a IA' é uma descrição do que aconteceu, não uma conclusão sobre quem deve responder", resume. O que pesa, segundo ele, é a capacidade de demonstrar o razoável dever de cuidado.

No âmbito da privacidade, o advogado aponta como riscos a coleta excessiva, o uso de dados para finalidades diferentes das informadas, a exposição de documentos confidenciais e a criação de perfis que favorecem discriminações. Inserir contratos, prontuários ou informações de clientes em uma plataforma sem conhecer as regras de armazenamento e treinamento é um risco cotidiano. Dados disponíveis na *internet* também seguem sujeitos à lei e o consentimento é apenas uma das bases legais possíveis, podendo ser revogado a qualquer tempo.

No caso das *deepfakes*, o especialista defende prevenção, reação rápida e responsabilização, com preservação de provas e identificação dos responsáveis. Na propaganda eleitoral, o Tribunal Superior Eleitoral já estabelece regras e proíbe o uso nos termos de sua regulamentação. O advogado alerta, ainda, que o combate precisa preservar a liberdade de expressão, distinguindo fraude de criação artística e sátira, e proteger também a confiança nas provas verdadeiras, já que, quando tudo pode ser falseado, surge a tentação de negar até registros autênticos.

Sobre a necessidade de regras específicas, Rabay é favorável a uma regulação com deveres proporcionais ao risco, que ofereça proteção e previsibilidade sem barrar a pesquisa e o desenvolvimento nacional. O PL nº 2.338/2023, que propõe o marco geral da IA, tramita na Câmara, e aguarda parecer na comissão especial. O texto ainda deve passar por mais uma rodada no Senado antes da sanção.

Enquanto isso, a LGPD já garante direitos que o cidadão pode exercer: confirmar o tratamento de seus dados, acessá-los, corrigi-los e saber com quem foram compartilhados, além de pedir eliminação, bloqueio ou anonimização nas hipóteses legais e solicitar revisão de decisões tomadas unicamente de forma automatizada. Rabay lembra que o artigo 20 não garante, expressamente, que a revisão seja feita por uma pessoa, ponto que considera necessário definir melhor. A recomendação prática é guardar protocolos e respostas, procurar o canal responsável e, se preciso, recorrer aos órgãos competentes. "Ninguém deveria precisar dominar programação para conseguir questionar uma decisão que afeta sua vida", conclui.

Além da legislação e da responsabilização por eventuais danos, a educação digital é parte fundamental da solução. Na Paraíba, o Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties-PB), desenvolve iniciativas voltadas à formação e à ampliação do acesso ao conhecimento em IA. Entre elas, está o Keep Chat, projeto realizado em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), voltado à capacitação e ao desenvolvimento de competências em inteligência artificial generativa. Outra iniciativa é a formação de mil professores da rede pública estadual em IA, desenvolvida em parceria com o Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM) e a Ilum Escola de Ciência. Já o Projeto Caminhos Digitais, também realizado em parceria com a Fapesq-PB, oferece cursos gratuitos em áreas como inteligência artificial, programação e segurança digital. As iniciativas ampliam as oportunidades de formação tecnológica no estado, contribuindo para preparar a população para os desafios e as responsabilidades do uso da inteligência artificial.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Seis tempos (II)

"Seis tempos" é uma série de seis crônicas sobre o tempo e a responsabilidade de pensar. Cada uma parte de uma canção e de um filósofo.

2. O tempo político
O tempo, o pêndulo e o fascismo

"*Time*" começa com um susto. Antes de qualquer acorde, dezenas de relógios disparam ao mesmo tempo: despertadores, carrilhões, tique-taques sobrepostos. Pink Floyd gravou isso em 1973, em *The Dark Side of the Moon*, e, até hoje, quem ouve, pela primeira vez, tem um sobressalto. É a melhor imagem que conheço do tempo moderno: não um rio que corre, mas um alarme que toca quando já é tarde.

A letra de Roger Waters fala de alguém que passa a juventude esperando. Esperando que alguém lhe diga quando começar, matando as horas numa cidade parada, até descobrir que 10 anos se foram e ninguém avisou que a corrida tinha começado. O sol continua girando igual, mas você está mais velho, com menos fôlego, mais perto da morte. Waters tinha 29 anos quando escreveu isso. Já sentia o pêndulo.

Pêndulo é a palavra de Schopenhauer. Para o filósofo alemão, a vida humana oscila entre a dor e o tédio. Quando desejamos algo e não temos, sofremos. Quando conseguimos, o desejo esgota-se e vem o vazio, até que um novo desejo nos empurre de volta à dor. Por trás de tudo, dizia ele, há uma vontade cega, sem propósito, que se manifesta em cada ser vivo e nos faz querer, querer, querer, sem nunca nos satisfazer.

Há algo de físico nisso que me agrada Schopenhauer, segundo Kant, achava que o tempo e o espaço não são coisas lá fora, mas formas pelas quais percebemos o mundo. São as lentes que nos separam em indivíduos: eu aqui, você ali, ontem e amanhã. Um século depois, a relatividade mostraria que o tempo não é absoluto, que depende de quem mede. Schopenhauer não antecipou Einstein, mas intuiu algo desconfortável: a separação entre nós é, em parte, uma ilusão da perspectiva.

E é dessa ilusão que nasce sua ética. Se o tempo e o espaço nos dividem só na aparência, então no fundo o sofrimento do outro é o meu sofrimento. A compaixão, para Schopenhauer, é o momento em que enxergamos através do véu e reconhecemos no outro a mesma Vontade que pulsa em nós. Não é sentimentalismo. É lucidez.

O fascismo é exatamente o contrário disso. É a engenharia de engrossar o véu. Transformar o outro em inimigo, em praga, em número, em ameaça. O fascismo vive de convencer as pessoas de que a dor delas é causada por alguém diferente, e que esse alguém não sente dor como nós. Toda política fascista começa negando ao outro a mesma humanidade que reivindica para si.

Roger Waters sabia disso na pele. Seu pai morreu em 1944, em Anzio, na Itália, lutando contra os fascistas, quando Roger tinha cinco meses. Essa ausência atravessa toda a obra do Pink Floyd e explode em *The Wall*, de 1979, álbum em que o protagonista, isolado atrás de seu muro de traumas, alucina que se tornou um líder fascista diante de uma multidão. A mensagem é brutal: o fascismo não vem de fora. Ele cresce dentro de quem se isola, de quem perdeu a capacidade de se reconhecer no outro.

Aqui, o tempo volta à cena. O fascismo prospera entre aqueles que, como o personagem de "*Time*", passaram a vida esperando. Esperando que alguém diga o que fazer, quem odiar, quando começar. Gente sem tempo para pensar, empurrada pelo pêndulo entre a frustração e o tédio, pronta para entregar o próprio juízo a quem prometa acabar com os dois. A pressa e o vazio são os fermentos preferidos dos autoritários.

Vale uma honestidade: Schopenhauer, o homem, não foi nenhum herói político. Era conservador, desconfiava das massas e torceu contra as revoluções de 1848. Mas filosofias, às vezes, são mais generosas que seus autores. A ideia de que a compaixão é o fundamento da moral continua sendo uma das armas mais sólidas contra qualquer projeto que pretenda dividir a humanidade entre os que merecem e os que não merecem viver.

Os relógios de "*Time*" ainda tocam todo dia, agora no formato de notificações. E a cada toque, somos lembrados de que o tempo passa, mas raramente de que podemos usá-lo para outra coisa além de correr. Lutar contra o fascismo começa aí: recusar a espera passiva, recusar o muro, recusar a ideia de que o sofrimento alheio é problema de outro.

O Sol vai continuar girando igual. A questão é se, quando os relógios tocarem pela última vez, teremos passado o tempo erguendo muros ou atravessando véus.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

EDIÇÃO: Camilla Barbosa
EDITORAÇÃO: Iago Ribeiro

MORCEGOS

Animais são cruciais para o equilíbrio de ecossistemas

Regeneração da vegetação nativa é um dos benefícios da atuação

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Polinização, dispersão de sementes e controle de insetos estão entre os principais papéis ecológicos desempenhados pelos morcegos. Embora ainda despertem medo em parte da população, esses mamíferos voadores são essenciais para a manutenção dos ecossistemas. Segundo a lista de 2024 da Sociedade Brasileira para o Estudo de Quirópteros, o Brasil possui 186 espécies registradas, distribuídas em nove famílias e 68 gêneros. Desse total, apenas três alimentam-se de sangue.

De acordo com o biólogo e pesquisador Giuseppe Barreto, aproximadamente 70 espécies de morcegos já foram registradas na Paraíba. A diversidade também manifesta-se na alimentação. Há espécies insectívoras, frugívoras, nectarívoras, carnívoras, hematófagas e piscívoras, com representantes de todos esses grupos no estado.

"Mais da metade são insetívoras, mas também temos uma grande diversidade de espécies frugívoras no estado. Morcegos nectarívoros são diversos na Paraíba, principalmente na Caatinga, e também temos registros de carnívoros, hematófagos e até mesmo morcegos que se alimentam de peixes, como o *Noctilio leporinus*", detalhou Giuseppe.

Medicina

Compostos presentes na saliva desses animais são estudados por seu potencial para o desenvolvimento de tratamentos relacionados à formação de coágulos

Como explica o biólogo, os morcegos são os únicos mamíferos capazes de realizar voo verdadeiro, característica que permite percorrer grandes distâncias. Para se orientar, localizar alimentos e desviar de obstáculos, utilizam a ecolocalização, um sistema que funciona como uma espécie de sonar, por meio da emissão de sons e da percepção dos ecos.

Essa habilidade, no entanto, não substitui a visão. "Ao contrário do que pensam, os morcegos não são cegos, eles possuem ótima visão e também a utilizam em conjunto com a ecolocalização para se orientarem e encontrar alimentos", afirmou o pesquisador.

Predominantemente noturnos, esses animais encontram na escuridão condições que ajudam a reduzir a competição por alimento com espécies diurnas, como as aves, e a exposição a predadores que dependem da visão para caçar. Durante o dia, refugiam-se em abrigos variados, entre eles ocos de árvores, folhagens, cavernas, fendas de rochas, telhados e forros de casas.

Benefícios ecossistêmicos

Os diferentes hábitos alimentares ajudam a compreender a contribuição de tais mamíferos para o ambiente. Ao consumir insetos, por exemplo, eles participam do controle de populações que podem incluir pragas agrícolas e vetores de doenças.

Conforme Giuseppe, grandes colônias de morcegos insetívoros podem consumir, em conjunto, toneladas de insetos em uma noite. Entre suas presas, estão mariposas associadas a pragas da cana-de-açúcar, uma das principais culturas agrícolas paraibanas. Esse controle natural pode reduzir prejuízos nas plantações e contribuir para diminuir a necessidade de inseticidas.

Nas cidades, algumas espécies também encontram condições favoráveis à alimentação, aproveitando a concentração de insetos atraídos pela iluminação dos postes. Assim, mesmo em ambientes modificados pela presença humana, continuam desempenhando funções ecológicas.



Brasil possui 186 espécies de morcegos registradas, distribuídas em nove famílias e 68 gêneros

Foto: Isabella Miranda/Arquivo pessoal

Já os frugívoros contribuem para a regeneração da vegetação nativa, tanto na Caatinga quanto na Mata Atlântica. "Ao se alimentar de frutos de plantas nativas da região, acabam levando sementes para novos ambientes através de suas fezes e, assim, vão plantando novas árvores", detalhou o biólogo. Em alguns casos, a passagem pelo trato digestivo também pode facilitar a germinação.

Os nectarívoros, por sua vez, atuam na polinização. Enquanto se alimentam do néctar, transportam pólen entre as flores, contribuindo para a reprodução vegetal. Para o pesquisador, esse papel destaca-se na Caatinga, onde esses animais visitam plantas com flores que se abrem à noite, incluindo cactáceas, como o mandacaru e o xique-xique.

Adaptações

A variedade de alimentos explorados pelos morcegos está relacionada a adaptações de seu corpo e comportamento. Entre as estruturas presentes em muitas espécies, está a folha nasal, uma projeção na região do focinho que auxilia no direcionamento dos sons utilizados na ecolocalização, funcionando como uma ferramenta de alta precisão para a caça e o forrageamento, isto é, a procura por comida.

Nos hematófagos, outras características permitem localizar as presas e obter o sangue. Giuseppe esclarece que esses animais possuem sensores de calor na região nasal, capazes de ajudar na identificação de áreas com vasos sanguíneos superficiais. Com os dentes incisivos, fazem um pequeno corte na pele e, em seguida, lambem o sangue. Substâncias anticoagulantes presentes na saliva mantém o fluxo durante a alimentação.

Na Paraíba, há registros das três espécies hematófagas: *Desmodus rotundus*, *Diaemus youngi* e *Diphylla ecaudata*. A primeira é a mais comum e costuma ser encontrada em áreas rurais, onde se alimenta do sangue de mamíferos, incluindo o gado.

Além das adaptações alimentares, a vida em grupo chama a atenção. Conforme o biólogo, os hematófagos podem formar colônias com centenas de indivíduos e apresentar comportamentos de cooperação. Quando um deles não consegue se alimentar, outro pode compartilhar parte do sangue ingerido por meio da regurgitação.

Essas particularidades também despertam o interesse científico. Compostos presentes na saliva desses animais são estudados por seu potencial para o desenvolvimento de tratamentos relacionados à formação de coágulos, como em casos de trombose e acidente vascular cerebral.

Ao mesmo tempo, a relação da espécie *Desmodus rotundus* com a transmissão da raiva exige atenção sanitária. Segundo o especialista, o desmatamento e a expansão da pecuária estão entre os fatores que favorecem a aproximação dessa espécie dos animais de criação, evidenciando como as mudanças no uso do solo podem interferir nas relações entre fauna silvestre, animais domésticos e pessoas.

Desinformação e perda de hábitat ameaçam sobrevivência

Apesar dos serviços ambientais que oferecem, os morcegos enfrentam pressões que comprometem sua sobrevivência. O biólogo e pesquisador Jeanneson Sales destaca duas espécies ameaçadas de extinção com ocorrência na Paraíba: *Furipterus horrens* e *Natalus macrourus*, ambas associadas a ambientes cavernícolas.

"As principais ameaças aos morcegos, de forma geral, estão relacionadas à perda de hábitat, à destruição de abrigos, à mineração e à perseguição por desinformação", explicou.

Diferentemente daqueles que conseguem ocupar telhados e outras estruturas urbanas, os morcegos associados às cavernas podem depender das condições específicas desses ambientes. A mineração, a destruição de cavidades, o turismo desordenado e a visitação sem controle provocam perturbações que podem comprometer os abrigos e reduzir as populações.

Por isso, Jeanneson ressalta que a conservação dessas espécies exige tanto a proteção da vegetação ao redor das cavernas quanto a preservação da estrutura física e das condições ambientais de seu interior.

Fora das cavidades, o desmatamento, as queimadas e a fragmentação florestal também reduzem a oferta de alimentos e abrigos, isolam populações e dificultam o deslocamento e a reprodução. Enquanto algumas espécies conseguem persistir em áreas alteradas, outras dependem de ambientes mais preservados.

Essa diferença ajuda a compreender a presença desses mamíferos nas cidades. Em João Pessoa e Campina Grande, insetos atraídos pela iluminação, árvores frutíferas e edificações oferecem recursos que podem ser utilizados por parte das espécies.

Na capital paraibana, *Molossus molossus, Molossus rufus e Artibeus planirostris* estão entre as que apresentam boa adaptação ao ambiente urbano. Entretanto, outras precisam de fragmentos de vegetação nativa para sobreviver. Dessa forma, a presença de muitos indivíduos na cidade não significa, necessariamente, que toda a diversidade local esteja sendo conservada.



Foto: Arquivo pessoal

Giuseppe Barreto exibe morcego Phyllostomus hastatus, *uma das maiores espécies da PB*

Cuidados

A proximidade com as áreas urbanas torna a informação essencial para proteger tanto as pessoas quanto os animais. Segundo Jeanneson, a principal orientação ao encontrar um morcego é não tocá-lo, mesmo que esteja imóvel ou pareça morto.

Indivíduos caídos no chão, expostos durante o dia ou com comportamento incomum podem estar debilitados e precisam ser avaliados pelo serviço responsável. Essas condições não confirmam a presença de raiva, mas exigem cautela.

Nessas situações, é necessário afastar crianças e animais domésticos e acionar a Vigilância Ambiental, o Centro de Controle de Zoonoses ou o órgão municipal competente. A orientação é não tentar pegar, alimentar, transportar ou soltar o morcego, nem manipulá-lo com vassouras, pás ou outros objetos.

Se o animal entrar em casa e estiver voando, a orientação é manter pessoas e animais afastados e, quando for seguro, fechar o acesso aos demais cômodos e abrir uma saída para o exterior. Caso esteja pousado, caído ou não consiga sair, deve-se solicitar orientação profissional, evitando tentativas de captura com as mãos, panos ou redes improvisadas.

Quando houver mordida ou arranhão, o local deve ser lavado imediatamente com bastante água e sabão, seguido da procura por atendimento de saúde. A avaliação também é necessária quando houver contato direto ou possibilidade de contato durante o sono, mesmo sem uma lesão evidente. Não se deve esperar o aparecimento de sintomas para buscar assistência.

Se um cão ou gato tiver contato com o morcego, o tutor deve procurar orientação veterinária e da Vigilância de Zoonoses. Manter a vacinação antirrábica desses animais em dia e comunicar ocorrências suspeitas são medidas fundamentais de prevenção.

Jeanneson reforça que os cuidados sanitários devem caminhar junto à conservação, sem justificar o abate indiscriminado. Nesse esforço, as universidades podem contribuir com pesquisas, monitoramento acústico e ações de educação ambiental. À população, cabe preservar áreas verdes, apoiar a recuperação de hábitats, combater informações falsas e encaminhar as ocorrências aos profissionais capacitados. "Conservar os morcegos significa proteger a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos que eles oferecem, conciliando educação ambiental, preservação dos habitats e prevenção responsável da raiva", finalizou o pesquisador.

> Principal orientação ao encontrar um morcego é não tocá-lo, mesmo que esteja imóvel ou pareça morto



Foto: Reprodução/Instagram @claudinhasilva5

Além de abrir portas em escolas e universidades, o futsal também ajudou Claudinha financeiramente e permitiu-lhe conhecer o mundo

FUTSAL

Da Paraíba à Seleção Brasileira

Nascida em Cruz do Espírito Santo, atleta começou a jogar aos nove anos, construiu carreira no Brasil e na Europa e agora mira novos desafios representando o Brasil na modalidade

Elisa Marinho
elisabmjornalista@gmail.com

A cidade de Cruz do Espírito Santo é conhecida por ser uma terra de fé, e foi nesse território que nasceu Claudinha, jogadora de futsal convocada para a Seleção Brasileira. Mas tudo começou há muito tempo, quando ela tinha nove anos e entrou pela primeira vez em uma quadra, de onde nunca mais saiu.

"Minha história no futsal começou na escolinha do professor Ninho, lá de Cruz do Espírito Santo. Comecei a praticar futsal, ele me viu jogando ali, me apresentou, me falou sobre a escolinha dele, e eu comecei a participar. Depois da escolinha, fui chamada para disputar uma edição dos Jogos Escolares pela Escola Rosa de Saron, de Tibiri II, em Santa Rita. A partir daí, ganhei uma bolsa de estudos 100% e passei a jogar por essa escola", relembrou.

O caminho de Claudinha foi este: todas as escolas que a viam jogar chamavam-na e ofereciam bolsas de estudo. Ela confessa que, no início, via o futsal apenas como algo que abria portas para ela.

"No início, eu não enxergava o futsal como uma prioridade. Era mesmo a questão de ganhar uma bolsa de estudos em uma escola que me desse um bom ensino. Então eu seguia assim, sempre conciliando os estudos com o futsal", destacou.

Isso mudou quando Claudinha percebeu que o futsal, além de abrir portas em escolas e universidades, também poderia lhe dar um retorno financeiro e permitir que conhecesse o mundo. E permitiu. Da Paraíba, Claudinha foi jogar em outras quadras do Brasil e do exterior.

"Saí da Paraíba e fui para o Ceará. Foi em 2016 que fui morar lá, quando recebi a proposta da Unifor [Universidade de Fortaleza]. Passei cinco anos morando em Fortaleza. Depois que me formei em Educação Física na Unifor, fui para São Paulo. Joguei um ano em São Paulo, no São José. Depois do São José, vim para Portugal. Passei aqui duas temporadas e meia. Depois dessa temporada, joguei uma temporada na Espanha. Passei um ano na Espanha, voltei para Portugal na temporada passada e, nesta temporada, estou em Portugal outra vez", disse.

Tanta experiência e talento chamaram a atenção da Seleção Brasileira. Algo que Claudinha não acreditava muito que pudesse acontecer.

"No início, eu achava um sonho muito, muito distante. Em conversas com as minhas companheiras e tudo, fui abrindo a mente e pensando: 'Não, isso pode ser possível. Se eu me dedicar, se eu trabalhar para isso, se eu focar muito, uma hora, dependendo do que eu fizer, pode acontecer'", contou.

Aconteceu. E não apenas uma vez. Claudinha lembra bem de cada uma das convocações, inclusive a primeira, em 2018.

"Acredito que foi no final de 2018, para um amistoso contra a Seleção Cearense e outro amistoso contra a Seleção Argentina, que foi lá em Fortaleza. Essa foi a minha primeira convocação. No ano seguinte, em 2019, participei de uma competição, o Grand Prix, lá em Xanxerê. Depois, tive uma convocação em 2023 para a Copa América. A Seleção foi campeã, na Argentina. Tive uma convocação aqui em Portugal também, para participar de um torneio contra Japão, Portugal e Espanha. Recentemente, fui convocada novamente. Agora fui convocada para dois amistosos contra o Japão, lá em Maringá, no Paraná", falou.

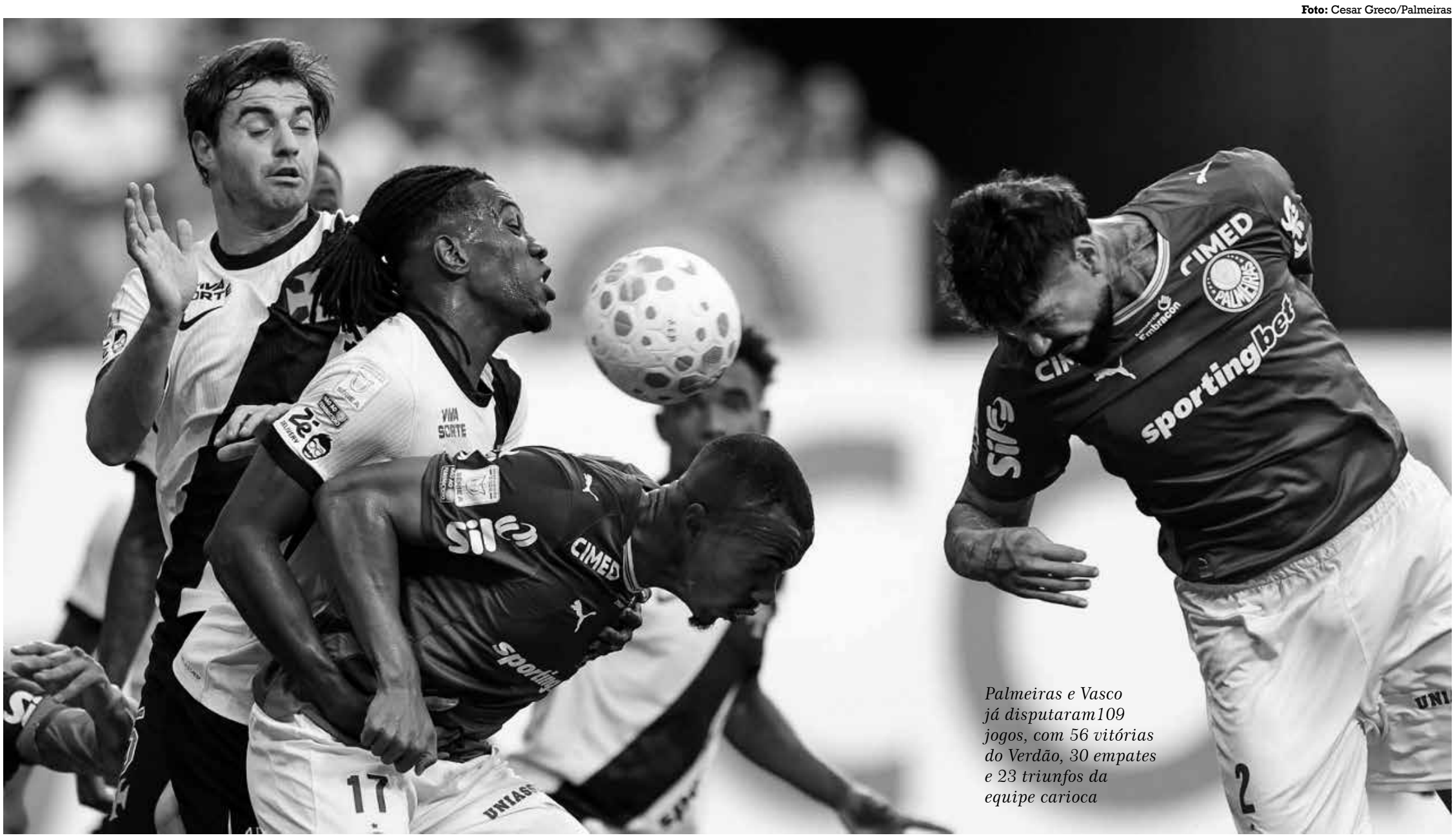
Para quem não sonhava em ser convocada, hoje Claudinha não apenas sonha com novas convocações, mas também tem planos maiores com a camisa da Seleção.

"Eu gostaria de participar e viver a experiência de jogar o Mundial, porque, recentemente, teve o Mundial e o Brasil se consagrou campeão mundial. Eu gostaria de viver essa experiência", comentou.

O próximo Mundial será em 2029, e Claudinha continuará trabalhando para estar entre as selecionadas. Até lá, ela segue sabendo que seu maior sonho já foi realizado: viver do futsal.

"Eu acredito que vivo o meu sonho todos os dias. Só em jogar futsal, para mim, já é um sonho, porque sou apaixonada pelo futsal. Sou mesmo muito grata por viver do futsal, por trabalhar com o que gosto. Então o meu sonho é continuar vivendo do futsal até onde eu puder e ser muito feliz no futsal. É competir, viver grandes experiências, conhecer pessoas, novas culturas. Então acho que esse já é um dos meus sonhos no futsal, e eu o realizo. Tenho esse privilégio de realizá-lo todos os dias. Para mim, o futsal é onde sou feliz", finalizou.

Foto: Cesar Greco/Palmeiras



Palmeiras e Vasco já disputaram109 jogos, com 56 vitórias do Verdão, 30 empates e 23 triunfos da equipe carioca

COPA DO BRASIL

Dois jogos abrem as semifinais hoje

Em São Paulo, o Palmeiras recebe o Vasco, às 16h; e, em Porto Alegre, o Grêmio enfrenta o Atlético-MG, às 18h30

Da Redação

As partidas de ida das semifinais da Copa do Brasil acontecem hoje, mobilizando o futebol nacional por envolver grandes torcidas: no Nubank Parque, em São Paulo, o Palmeiras recebe o Vasco, às 16h, com transmissão da TV Globo; e, na Arena do Grêmio, o Tricolor Imortal enfrenta o Atlético-MG, às 18h30, com transmissão do SporTV e do Prime Video.

Para chegar à fase prévia à grande final, o Grêmio derrotou o Internacional por 3 a 1, no agregado. O Atlético-MG passou pelo Cruzeiro com um empate por 1 a 1 e uma vitória por 2 a 1. O Vasco avançou ao eliminar o Vitória, com triunfos por 1 a 0 em São Januário e 2 a 0 em Salvador. O Palmeiras não teve dificuldades para bater o Santos, com agregado de 3 a 0.

A última vez que a Copa do Brasil contou com quatro representantes de estados diferentes nas semifinais foi em 2021, quando Atlético-MG, Athletico, Flamengo e Fortaleza alcançaram essa fase. Os jogos de volta dos confrontos que definirão os finalistas do torneio de 2026 acontecem no próximo sábado (7), Galo e Grêmio, e no domingo (8), Vasco e Palmeiras.

Palmeiras x Vasco

Conforme o *site* ogol.com.br, em todas as competições, foram disputados 109 jogos entre as duas equipes, com 56 vitórias do Palmeiras, 30 empates e 23 triunfos do Vasco. Em São Paulo, houve 58 jogos, o Alviverde tem 34 vitórias, há o registro de 17 empates e sete triunfos do clube carioca. No Rio de Janeiro, foram 50 jogos, com 22 vitórias palmeirense, 12 empates e 16 triunfos do Cruz-Maltino.

O Palmeiras chega pressionado para a partida desta tarde. O Alviverde viu o Flamengo abrir três pontos de vantagem na liderança do Brasileirão, num momento em que as atuações da equipe não têm convencido o torcedor. Mesmo finalista da Libertadores, a equipe tem dificuldades na criação de jogadas e apoia-se no bom sistema defensivo. Hoje, o treinador não poderá contar com os atacantes Ramón Sosa e Paulinho, que estão machucados. Uma possível escalação tem: Carlos Miguel; Murilo, Gómez e Barboza; Giay, Marlon Freitas, Lucas Evangelista, Andreas Pereira e Piquerez; Jhon Arias e Flaco López.

Já o Vasco vive seu pior momento desde a chegada de Pedro Emanuel. O time carioca vai enfrentar o Palmeiras pela Copa do Brasil pressionado pela posição da tabela de classificação da Série A, bem como por ter sido goleado (4 a 1) pelo rival Flamengo na última quinta-feira (29). Ainda pesa a traumática eliminação da semifinal na Copa Sul-Americana para o Boca Juniors. Uma possível escalação para hoje tem: Léo Jardim; Paulo Henrique, Saldivia, Robert Renan e Cuiabano; Sosa, Thiago Mendes e Lescano; Andrés Gómez, Bruno Duarte e Colidio.

Palmeiras e Vasco já protagonizaram grandes partidas ao longo da história, mas, em mata-mata, o torcedor não esquece do confronto da Copa Mercosul de 2000. A vitória do time carioca por 4 a 3, que valeu o título do torneio, pelo contexto, ainda é lembrada tanto por vencedores como por perdedores.

Na decisão, o Vasco de Romário, Euller, Juninho Paulista e Juninho Pernambucano foi para o intervalo perdendo por 3 a 0. O título do Palmeiras era certo entre atletas e torcedores. No entanto, na segunda etapa, Romário (três vezes) e Juninho Paulista marcaram os gols da épica virada em pleno Estádio Palestra Itália. O enfrentamento foi eleito o maior jogo da história entre os grandes clubes brasileiros, em enquete do portal Globo Esporte.

Grêmio x Atlético

Gaúchos e mineiros estiveram frente a frente pela última vez em um mata-mata na final da Copa do Brasil de 2016. Naquele ano, o Tricolor levou a melhor, vencendo por 3 a 1 em pleno Mineirão e empatando por 1 a 1 na volta, em Porto Alegre. Contabilizando todas as competições, foram disputados 83 jogos entre os clubes, segundo o *site* ogol.com.br.

No geral, há o registro de 28 vitórias do Atlético-MG, 21 empates e 34 triunfos do Grêmio. Em Belo Horizonte, com 44 jogos realizados, o Galo tem 22 vitórias; o Tricolor, 11 triunfos; e ainda houve 11 empates. No Sul, ocorreram 39 jogos, tendo 23 triunfos dos gaúchos, seis vitórias dos mineiros, além de 10 empates.

Ambos os clubes iniciaram a Copa do Brasil 2026 na quinta fase. O Grêmio chegou às semifinais eliminando o Confiança, o Mirassol nas oitavas e o Internacional nas quartas. O Atlético-MG passou por Ceará, nos pênaltis; pelo Juventude nas oitavas; e pelo arquirrival Cruzeiro nas quartas.

Premiação da final

Disputada desde 1989, a Copa do Brasil terá pela primeira vez uma final realizada em jogo único, repetindo o modelo adotado pela Uefa, com a Champions League, e pela Conmebol, com Libertadores e Sul-Americana. O Mané Garrincha, em Brasília, será o palco do duelo marcado para o dia 6 de dezembro. O estádio da capital do país superou a concorrência de outras praças por não ter clubes nas semifinais.

Quem avançar de Palmeiras, Vasco, Atlético Mineiro e Grêmio pode ganhar R$ 78 milhões, caso seja o campeão, e R$ 34 milhões, se for o vice. Os semifinalistas já acumularam R$ 18 milhões em premiação cada um. Além disso, uma das novidades da atual edição do torneio é a classificação do vice-campeão à Libertadores. Quem ficar em segundo lugar garante vaga na fase preliminar da competição continental e pode herdar a vaga direta caso o campeão já esteja garantido na fase de grupos.



Foto: Pedro Souza/Atlético-MG

Gaúchos e mineiros estiveram frente a frente pela última vez em um mata-mata na final da Copa do Brasil de 2016, tendo o Tricolor sido campeão

PROJETO SOCIAL

Do vôlei à formação de cidadãos

Escolinha usa o esporte para mudar a vida de crianças e adolescentes no Castelo Branco, em João Pessoa

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com



Fotos: Arquivo pessoal/Alisson Vale de Melo

Quadra da Praça Tenente Lucena ganha vida nas quartas-feiras, das 18h às 19h, e nos sábados e domingos, das 15h às 16h

Na Praça Tenente Lucena, no bairro do Castelo Branco, em João Pessoa, a quadra da praça ganha vida nas quartas-feiras, das 18h às 19h, e nos fins de semana (sábados e domingos), das 15h às 16h. Quem chega cedo encontra meninos e meninas de seis a 14 anos aquecendo, ajustando o uniforme e se cumprimentando como velhos conhecidos. Ali funciona a Escolinha Top de Vôlei, projeto social que atende, atualmente, 63 crianças e adolescentes, gratuitamente. À frente do projeto, está Alisson Vale de Melo, de 29 anos, engenheiro civil e ex-atleta profissional de vôlei. Idealizador da escolinha, Alisson, há dois anos, sonha e trabalha para levar para os seus alunos, através do esporte, oportunidades como as que também mudaram a vida dele.

Trajetória e títulos

Alisson pratica vôlei há 16 anos. Cresceu no Castelo Branco, onde começou a jogar e passou a se destacar no esporte escolar. Foi com o desempenho em quadra que conquistou bolsa de estudos no Polígono, colégio que, segundo ele, mudou o rumo da sua vida e que é umas das principais referências da modalidade, na capital paraibana, há pelo menos uma década.

Ao longo da trajetória, somou títulos nos Jogos Escolares Estaduais e defendeu a Seleção Paraibana por quatro anos. Em 2015, conquistou o título da Segunda Divisão dos Jogos Escolares Brasileiros. Depois se profissionalizou e atuou pelo São Caetano, no ABC Paulista, e participou de seletivas para a Seleção Brasileira de voleibol.

"Eu tive uma trajetória de atleta e sei bem o quanto o esporte é importante na formação de uma pessoa. Por isso decidi transformar essa experiência em um projeto social", conta Alisson.

Hoje, com o diploma de engenheiro civil conquistado — na sua própria avaliação, graças às oportunidades educacionais que o esporte lhe proporcionou —, ele faz questão de trabalhar para retribuir o que o esporte lhe trouxe, buscando proporcionar chances similares para crianças e adolescentes do seu bairro.

"Eu sou prova disso. O esporte pode abrir portas importantes para a educação. Sem ele, eu não teria tido a mesma oportunidade de estudo e de qualidade de ensino que eu tive e que foram fundamentais para a minha vida", explicou.

Mais do que ensinar a jogar

A escolinha nasceu há dois anos com um objetivo claro: oferecer aulas gratuitas de vôlei para crianças da comunidade. Mas o projeto vai além dos fundamentos técnicos. Os treinos trabalham coordenação motora, convivência, disciplina e trabalho em equipe, tudo isso vinculado com a garantia do estudo para os alunos. A condição para continuar participando do projeto é clara e inequívoca: os alunos precisam estar matriculados na escola, ter boas notas e manter a frequência nas aulas.

"Eu acredito que o esporte precisa caminhar junto com a educação e o apoio familiar. Não adianta a criança jogar bem se não estiver estudando, e por isso a gente também estimula a participação das famílias no projeto", resume Alisson.

A Escolinha Top de Vôlei também promove jogos, torneios, atividades de integração e campanhas solidárias, sempre com a participação das famílias. Para Alisson, a relação com os pais é parte central do trabalho. Ele observa que a permanência das crianças no projeto depende do incentivo em casa tanto quanto do treino na quadra.

A escolinha, atualmente, atende mais meninos, que formam o maior grupo de participantes, mas 40% dos atletas são meninas, o que já é uma proporção importante, sobretudo para um projeto que está construindo seus primeiros anos de história. Dentro desse conjunto de alunos, há desde crianças que têm o primeiro contato com o vôlei até outras que já demonstram interesse em competições e que já se destacam, com potencial para se tornarem, de fato, atletas da modalidade.



Copinha de vôlei reuniu partidas nas categorias Masculina, Feminina e Infantil Misto

Ação solidária

Um dos momentos mais marcantes do projeto foi a Copinha Maria de Fátima de vôlei solidário, realizada na Praça Tenente Lucena no dia 17 de outubro. O evento reuniu partidas nas categorias Masculina, Feminina e Infantil Misto, com momentos de confraternização e reconhecimento dos atletas que se destacaram e receberam premiações individuais. Porém o torneio teve, na realidade, outro propósito. No evento, além dos jogos realizados, foi organizada uma campanha de arrecadação de aveia e maizena destinada ao Nosso Lar, lar de idosos localizado também no Castelo Branco.

"A proposta foi mostrar para as crianças que elas também podem fazer a diferença na vida de outras pessoas. Enquanto competiam, estavam ajudando idosos que também precisam do nosso apoio", afirmou Alisson.

> **"Eu acredito que o esporte precisa caminhar junto com a educação e o apoio familiar**
>
> Alisson Vale de Melo

Além dos alunos e seus familiares, o evento contou com a adesão da comunidade, com moradores ajudando na limpeza da praça e da quadra antes do evento, além de contribuírem com doações para a campanha de suporte ao lar de idosos do bairro. Para Alisson, esse gesto resumiu o espírito do projeto.

"Queremos que cada atleta compreenda que ser campeão significa ter respeito, empatia e compromisso com o próximo também. O mais importante não foi apenas descobrir quem venceu, mas ver o envolvimento das famílias e transformar um evento esportivo em um assunto de solidariedade", analisou.

Conquistas e desafios

A maior conquista da escolinha até hoje foi a obtenção de três bolsas de estudo para atletas. Nem todas puderam ser aproveitadas. Custos adicionais como transporte, material e uniforme escolar pesaram para uma das famílias, mesmo com a bolsa de 100% — uma perspectiva que reforçou a necessidade do projeto agregar e buscar novos parceiros, pois a falta de recursos é o principal obstáculo. Segundo Alisson, o projeto precisa de ajuda para praticamente tudo: materiais, estrutura para eventos e apoio financeiro para despesas que, em alguns casos, impedem os alunos de aproveitar as oportunidades conquistadas.

No entanto, mesmo diante dos desafios, os planos do projeto são ambiciosos, mas concretos. Alisson quer melhorar a estrutura de treinos, oferecer materiais e uniformes de melhor qualidade e firmar parcerias com empresas e instituições. Também pretende criar uma rede de apoio que permita ampliar as bolsas de estudo e as oportunidades para os atletas da comunidade.

"Meu sonho é que a Escolinha Top de Vôlei cresça e se torne referência em formação esportiva. A nossa maior vitória não é apenas formar bons jogadores, mas ajudar a formar bons cidadãos".

Foto: Divulgação/CBF



FUTEBOL FEMININO

Programa incentiva alunas em escolas

Craques de décadas passadas contam histórias de motivação e curiosidades às alunas da rede pública de ensino do Rio

Ex-jogadoras da Seleção Brasileira visitam instituições de ensino do Rio de Janeiro para difundir o esporte

Na escola municipal Juan Antonio Samaranch, em Santa Teresa, região central do Rio de Janeiro, o campo de futebol estava ocupado apenas por garotas, na tarde do último dia 21. Eram quatro times disputando um minitorneio, sob olhares de ex-jogadoras da Seleção Brasileira. Meninos, só na arquibancada.

A atividade fez parte da abertura do programa Pioneiras nas Escolas, que leva craques de décadas passadas para escolas da rede pública de ensino da cidade.

Antes da disputa no campo, mais de 100 alunas lotaram um auditório para ouvir, fazer perguntas e tirar fotos com as ex-jogadoras Marisa Pires, Maria Lúcia Lima e Marilza Martins; ou, como elas ficaram conhecidas, Caju, Fia e Pelezinha.

Além de ouvir histórias de motivação e curiosidades, as alunas ficaram sabendo de dificuldades, como o machismo e preconceito enfrentados pelas ex-jogadoras, que alcançaram o feito de vestir a camisa amarelinha da Seleção poucos anos depois de o esporte deixar de ser proibido para mulheres.

De 1941 a 1979, o futebol era vetado às garotas, com base no Decreto-Lei nº 3.199, que restringia a participação de mulheres em esportes considerados incompatíveis com sua natureza, proibição que surpreende a estudante Nicoly Melo, de 12 anos. "Por que não podiam?", perguntou ela, sem parecer acreditar.

Liberado em 1979, o esporte foi regulamentado apenas em 1983. A primeira Seleção Brasileira só viria a disputar uma competição experimental em 1988, na China.

A primeira Copa do Mundo feminina aconteceu três anos depois, também na China. Nas Olimpíadas, o esporte disputado pelas mulheres estreou em 1996, em Atlanta, nos Estados Unidos.

Preconceito

Fia, hoje com 62 anos, contou que havia muito machismo na época e que enfrentava o preconceito confiando na própria habilidade. "Sempre joguei com menino. Tinha talento. Não queria saber de machismo", relatou às alunas a ex-atleta. Fia ficou cinco anos na Seleção, foi tricampeã continental e disputou a primeira Copa e a primeira olimpíada.

A ex-zagueira Caju, de 60 anos, ficou na Seleção de 1988 a 1999, com um retrospecto de 43 jogos e 34 vitórias. Respondendo a uma das alunas sobre os "maiores absurdos que ouviu", ela relembrou que recebeu provocações machistas enquanto estava em campo. "Vários torcedores diziam que mulher não servia para jogar futebol", reproduziu. "Aquelas palavras mexiam com nosso ego, e a gente queria, mais e mais, mostrar que mulher sabe jogar futebol", completou a atual árbitra de partidas.

O Pioneiras nas Escolas é coordenado pela também ex-jogadora da Seleção Duda Luizelli, que vestiu ainda a camisa do Internacional, de Porto Alegre, e de Milan e Verona, times da Itália.

Para ela, o projeto mostra que mulheres devem acreditar em suas capacidades, sempre com foco nos estudos. "O estudo é muito importante porque, mesmo quem for ser atleta, jogadora de futebol, de vôlei, de basquete, terá uma carreira muito curta. Com 38, 39 anos, acabou a nossa carreira, e nós temos que dar uma continuidade", disse a bicampeã sul-americana.

Educação e esporte

A Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro é parceira do projeto. A coordenadora de Projetos Integradores da SME, Caroline Guedes, destaca que o Pioneiras nas Escolas tem relação com a preparação do Rio de Janeiro para ser uma das oito cidades-sedes da Copa do Mundo feminina, que ocorrerá em junho e julho de 2027.

"É muito importante que a gente já esteja se preparando para esse momento e, mais do que isso, se preparando dentro do nosso primeiro ginásio olímpico, que é muito importante para nossa rede".

Aluna do 9º ano, Letícia Pereira, de 15 anos, diz que é "um privilégio" receber as ex-jogadoras na própria escola. "É meio caminho andado para as alunas por mostrar que o esporte também dá futuro, sim".

Gráfica
A UNIÃO
Excelência além da primeira impressão.



Com um moderno parque gráfico, a Gráfica A União garante a qualidade de impressos nos mais diversos formatos.

Solicite seu orçamento!

Contato
Telefone: (83) 3218-6525
E-mail: daf.auniaograficapb@gmail.com

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

ARTE CÊNICA

Ventriloquismo é a magia ilusória brincante do falar calado

Considerada Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Iphan, técnica pode estar com os seus dias contados



Foto: Arquivo pessoal

Mestre Clébio (E) promove a arte do ventriloquismo dialogando com dois bonecos: Cacimiro e Dona Rosa; já o Mestre Toba (abaixo) tem como parceiro de espetáculo o boneco Chicão

Foto: Antônio Régis

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A mágica do teatro de bonecos tem no ventriloquismo uma de suas mais potentes linguagens de entretenimento no Nordeste brasileiro. Na Paraíba, conta-se nos dedos os "brincantes" como preferem ser chamados, aqueles que levam adiante essa forma artística que animou a infância de muitas gerações.

Clébio Bezerra, mais conhecido como "Mestre Clébio de Guarabira (PB)", e Severino de Castro, conhecido como "Mestre Toba de Sapé (PB)", são dois dos que insistem em colocar seus bonecos nos palcos e nas praças. Autodidatas, aprenderam a arte de manipular bonecos de ventriloquismo a partir da curiosidade: queriam descobrir o segredo por trás de um boneco que falava, sem ninguém perceber como o bonequeiro fazia isso.

A principal técnica para falar sem que o público perceba consiste em manter os lábios quase parados e a mandíbula em uma posição fixa e semiaberta. "A mágica da ventriloquia é falar sem abrir a boca. Você não pode falar três letras: M, P e B. Se você falar essas três letras, você vai mexer os lábios. Aí, quando o boneco for dizer banana, eu digo 'anana'", explica Mestre Clébio.

Para reforçar o entendimento do público, ele repete a palavra correta. Esse alternar da voz é também outro desafio, que para Clébio torna-se ainda maior porque no seu espetáculo ele dialoga com dois bonecos ao mesmo tempo. O macete que encontrou foi associar a mão esquerda aos bonecos convidados e a voz mais fina; enquanto na mão direita deixa o personagem principal, que tem a voz mais grossa.

Outra estratégia consiste em desviar a atenção do bonequeiro e fazer com que a plateia se concentre no boneco. Para isso, é fundamental uma fisionomia com traços exagerados e figurino chamativo. "Eu começo o *show* tentando esconder do público, cobrindo o boneco com um capuz. Quando eu tiro o capuz, só pela visão deles, o povo já acha engraçado", afirma.

A apresentação do Mestre Clébio envolve ventriloquismo e também babau, como é popularmente conhecido na Paraíba o teatro de bonecos, que em outras regiões é chamado de mamulengo ou João Redondo, linguagem artística que, juntamente com o ventriloquismo, é considerada Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Por cerca de meia hora, ele coloca em cena até quatro personagens, que dialogam com ele e também com o público.

Cacimiro é o boneco que guia o espetáculo: "Ele se acha o mais esperto e inteligente do *show* e não quer perder para ninguém. É aquele que quer ser o sabidão.", descreve. Birino é o boneco afeminado que sofre *bullying* de Cacimiro por ter a voz fina, momento em que Clébio aproveita para falar sobre preconceito e homofobia. Ventania, um boneco negro que disputa a sabedoria com Cacimiro, e Dona Rosa, a única mulher do *show*, completa o quadro de personagens, todos baseados no ventríloquo professor Chaves, sua grande inspiração.

Atenção do público

A construção dos personagens precisa atentar para a confecção dos bonecos. Cacimiro e Birino foram doação de seu irmão, Mestre Clóvis, que além de bonequeiro de babau, é também fazedor de bonecos. Ventania e Dona Rosa foram feitos pelo próprio Clébio, usando madeiras leves, como mulungu, tamboril ou até umburana, e papel machê. "O Casemiro, que o meu irmão me doou, é feito todo de palmeira de buriti, por isso a cabeça dele é bem levezinha", completa.

Ao longo da apresentação, Clébio faz seus bonecos contarem piadas, recitarem poesias e contarem histórias. A interação com o público é outra marca frequente, com uma ou outra pergunta da plateia, mas é preciso muita atenção para não sair do roteiro. Mestre Toba (Severino), com seu boneco Chicão, explora ainda mais essas possibilidades de participação, já utiliza o ventriloquismo para vender suas garrafadas de plantas medicinais.

> **A ventriloquia é um pouco mais difícil do que o boneco de luva, porque tem o jogo da voz, da ilusão de que o público não pode ver o bonequeiro gesticulando**
>
> Artur Leonardo

Para isso, costuma criar conversas que atraiam as pessoas que estão por perto, utilizando piadas ou charadas. "Eu fico mexendo com o povo, e digo: 'Aquele véio aí está doido para comprar uma garrafada para levantar, não é meu véio?' ou 'Aquela véia está solteira, se ela tomar essa garrafada, ela vai arranjar um casamento'. Aí, começo a tirar onda e tal. Então meu jeito de trabalhar é jogando o boneco para cima da pessoa", revela, admitindo que quando tem crianças por perto, diminuo a agressividade das piadas.

O ventriloquia camelô também conta que, em razão de um acidente, não consegue mais falar com a boca fechada. Ainda assim, faz o público prestar mais atenção no boneco do que nele, seja virando para o lado, seja fazendo movimentos rápidos, utilizando técnicas de palhaçaria que aprendeu quando trabalhava no universo circense.

Clébio e Severino compartilham a mesma inspiração, o ventríloquo professor Chaves, assim como dos mesmos desafios para continuar praticando essa linguagem artística. Alegram-se com os poucos convites que surgem para se apresentar, mas não sabem dizer qual será o futuro, já que praticamente nenhum jovem se interessa por aprender. Para Severino, a manipulação de bonecos é bem mais difícil do que o babau. Clébio costuma receber mais convites para apresentações no mês de outubro, por causa das festas das crianças, e já teve um projeto financiado pela Lei Paulo Gustavo que permitiu realizar alguns *shows*, mas se queixa da falta de incentivo para continuar. Ainda assim, sonha com a possibilidade de um festival nacional de ventríloquos que pudesse reunir esses artistas.

Processo de extinção

O diretor da companhia Boca de Cena, Artur Leonardo, participou do processo de registro de reconhecimento do teatro de bonecos como patrimônio imaterial na Paraíba e conseguiu identificar quatro bonequeiros que se arriscam a fazer ventriloquia. A constatação de que essa linguagem pode se acabar é inevitável, já que boa parte dos brincantes já possuem idade avançada. Segundo o pesquisador, ao contrário do babau, o ventriloquismo é uma técnica mais exigente.

"A ventriloquia é um pouco mais difícil do que o boneco de luva, porque tem o jogo, da voz, da ilusão de que o público não pode ver o bonequeiro gesticulando, o jogo de pergunta e resposta entre o manipulador e o boneco que tem que ter um ritmo muito preciso dentro da mesma respiração… Então, é uma técnica um pouco complicada para se fazer e não existe uma formação ou curso específico", argumenta Artur Leonardo.

Não há também registros ou pesquisas em torno dessas e outras técnicas específicas. A transmissão dos saberes entre as gerações tem ocorrido pela oralidade e observação, incorrendo no grande perigo de que, com esses poucos mestres, essa linguagem desapareça por completo, perca-se uma significativa parte da memória do entretenimento popular, sobretudo no Nordeste.

"Todo adulto, hoje, tem uma lembrança de ter visto um boneco fazendo ventriloquia e isso marca a vida de qualquer um. Estamos vendo esses bonequeiros indo embora sem surgir novos, e isso é bem complicado. Até mesmo os trabalhos de TV, que marcaram muita gente, têm deixado de acontecer. Infelizmente, é um processo muito vertiginoso de extinção", admite o diretor do Boca de Cena, grupo voltado para pesquisa, documentação, salvaguarda e produção de teatro de bonecos, com destaque para o babau.

O incentivo à continuidade dessa forma de entretenimento passa pelo fortalecimento de políticas públicas de apoio aos mestres e bonequeiros e pelo estímulo à transmissão dos saberes tradicionais às novas gerações, por meio de oficinas e cursos. Para isso, é preciso haver parcerias entre instituições culturais, universidades, governos municipais e grupos artísticos, de modo a valorizar e ampliar a inserção do teatro de bonecos nas atividades culturais dos municípios, promover apresentações e assegurar condições de produção e renovação dessa tradição popular tão importante.



Ari foi um dos primeiros locutores da Rádio Espinharas, além de trabalhar em emissoras como Cariri e Borborema; ele foi idealizador da primeira associação de radialistas de Patos, no Sertão paraibano

Ari Rodrigues

Um dos grandes nomes da rádio paraibana

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Nascido em Patos, no Sertão da Paraíba, aos 3 de setembro de 1929, José de Arimatéia Rodrigues Amorim tornou-se conhecido como "Ari Rodrigues", radialista, político e advogado que trilhou boa parte de sua trajetória profissional em Campina Grande, para onde se transferiu ainda jovem, depois de uma rápida passagem por Fortaleza (CE). De acordo com o filho mais novo, Ary César Rodrigues, foi a voz forte a boa dicção, aliada a boa disposição para a conversa, que o levou para o mundo radiofônico.

O jornalista e historiador Damião Lucena, seu conterrâneo, registra no livro *Patos de todos os tempos*, que Ari foi um dos primeiros locutores da Rádio Espinharas, inaugurada em 1950. "Ari Rodrigues comandava os programas de auditório: *Festival de música*, às quartas e aos sábados à noite, *Domingo alegre*, pela manhã, tendo como auxiliar seu irmão Zé Rodrigues, que fazia parte dos calouros", escreveu Damião, que destaca a participação do locutor como principal atração da área jornalística da emissora e como idealizador da primeira associação de radialistas de Patos, fundada em 1961.

Gilson Souto Maior, jornalista e memorialista, confirma que a família de Ari era formada de radialistas, e cita, além de Zé Rodrigues, o irmão mais velho chamado Luiz Rodrigues, que foi operador de áudio e locutor. Gilson atuou ao lado de Ari em Campina Grande, nas rádios Cariri e Borborema, do grupo Diários Associados (DA). "Ele era não apenas um excelente locutor, mas um bom noticiarista, apresentador de programas de auditório e radioator, sendo considerado um dos bons valores da equipe de radioteatro da emissora", recorda.

Na Rádio Borborema, Ari participou de produções de peso como *As aventuras do Flama*, de Deodato Borges, protagonizando por muitos anos o personagem Cicatriz, o maior inimigo do grande herói da garotada, assim como em algumas das disputas de pastoril que ocorreriam nos meses de novembro e de dezembro, e era uma das atrações diárias da programação noturna de auditório.

O escritor Rômulo Nóbrega entrevistou Ari Rodrigues para o livro-biografia *Andanças de Rosil Cavalcanti – Pra dançar e xaxar na Paraíba*, a fim de destacar a parceria entre o ator e compositor pernambucano com o radialista paraibano. Dos programas que fizeram na Rádio Borborema, ele destaca *Escolinha do professor Nicolau*, atração de comédia inspirada no formato radiofônico humorístico originalmente criado para a Rádio Mayrink Veiga, que posteriormente se popularizou na televisão com Chico Anysio. Outro destaque estrelado por Rossil e no qual Ari Rodrigues fazia um quadro foi o programa *O forró de Zé Lagoa*.

Nóbrega explica que Rossil se trajava de capitão e Ari do soldado Jaca-Dura, que sempre aparecia no palco dizendo que havia um sujeito na praça, bagunçando e querendo entrar à força. O capitão mandava o soldado prender o "mau elemento", que normalmente era uma personalidade política local. "Numa das vezes, lá vem Ari segurando preso pelos braços Ronaldo Cunha Lima. Depois da confusão armada, o capitão entrevistava o político no palco do programa, que tinha plateia e era transmitido ao vivo", conta Rômulo Nóbrega.

Com a inauguração oficial da TV Borborema, em março de 1966, Ari, como parte do *casting* dos DA, também foi impelido a manter um programa na emissora. O professor de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Rômulo Azevedo, que pesquisou esse processo em seu trabalho de mestrado, descreve um pouco daquilo que conseguiu colher de Ari Rodrigues ao longo daquela que provavelmente foi sua última entrevista.

O docente começa pontuando que as condições dos que faziam parte do grupo de mídia eram precárias e havia uma fórmula muito sutil de exploração dos funcionários, estimulada por um espírito de que "eram todos uma família". Nesse sentido, os jornalistas não recebiam a mais por escrever uma coluna para o jornal ou participar de algum programa televisivo.

As maiores dificuldades relatadas por Ari, daquele período, aliavam a inexperiência com a linguagem e as limitações técnicas, que deixavam, por exemplo, a imagem sem som por alguma questão com microfone ou na transmissão do áudio. "Quando a televisão, chegou foi um alvoroço. Todo mundo curioso para ver como aquilo funcionava. Vieram os técnicos da Tupi e do canal 6, do Recife", narrou o próprio Ari na entrevista ao professor.

Azevedo destaca a voz marcante de características radiofônicas de Ari e seu jeito polêmico adotado tanto no rádio quanto no programa televisivo *Se a cidade contasse*, veiculado na TV Borborema, no qual fazia denúncias sobre o esgoto ou o calçamento que não havia sido feito, cobrando dos poderes públicos. "Era programa simples, que consistia numa câmera ligada diante da qual ele fazia comentários sobre algum fato de repercussão na cidade durante o dia. Era tudo ao vivo, pois naquele tempo ainda não tinha *videoteipe*", acrescenta.

A experiência no rádio e na televisão aproximou Ari do meio político, já que as emissoras eram espaços eleitorais controlados por agentes políticos, como Pereira Lima, na Rádio Espinharas, e Assis Chateaubriand, detentor dos DA. A compra de espaço nas emissoras de rádio pelos partidos para a transmissão de passeatas e comícios ou para a programação em estúdio com candidatos era outra estratégia, como informou o próprio Ary em depoimentos aos pesquisadores do livro *História da mídia regional – O rádio em Campina Grande*.

Nesse cenário, o radialista costumava ser convidado para participar das campanhas

Foto: Reprodução/Acervo Maria de Lourdes Coura Brito



Soldado Jaca-Dura (E) e capitão Zé Lagoa (D) "prendendo" Ronaldo Cunha Lima (C)

como locutor de palanque, comandando de passeatas ou entrevistando políticos. A primeira delas foi em 1954, em Patos. No ano seguinte, Ari comandou a campanha de Chateaubriand para o Senado da República nas cidades da região de Campina Grande, e, em 1959, para Newton Rique, que disputou o governo municipal com Severino Cabral. "Nós fazíamos tudo! Eu tinha horário à minha disposição para fazer a pregação de Newton Rique, na Rádio Borborema, e outros companheiros meus, como Palmeira Guimarães, por exemplo, tinham horário para fazer a campanha de Cabral", relatou Ari.

Nesse meio, Ari foi estimulado a disputar o cargo de vereador de Campina Grande, elegendo-se com a maior votação para a legislatura de 1968 pela Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido político oficial de sustentação da Ditadura Militar no Brasil. No pleito de 1972, conseguiu se reeleger para um segundo mandato. Ainda nesse período, chegou a se candidatar para a Assembleia Legislativa, mas não obteve sucesso.

Entre os campinenses, o parlamentar ganhou o espirituoso atributo de "vereador dos urubus", em razão da preocupação com o desaparecimento dessas aves. Conforme registra uma publicação da época, Ari teria observado a redução dos urubus e defendido a adoção de medidas para preservar a espécie, misturando humor para chamar atenção das autoridades sobre as condições sanitárias da cidade.

O filho mais novo de Ari conta que o pai foi, no início da carreira, funcionário dos Correios e depois dos mandatos legislativos, tendo concluído o curso de Direito na Faculdade de Direito de Campina Grande da antiga Universidade Regional do Nordeste (URNe), que depois se tornaria a atual UEPB. Pouco tempo depois ingressou na advocacia pública, atuando na área criminalista até sua aposentadoria. "Ele tinha uma eloquência e uma oratória muito boa, e uma grande experiência no tribunal do júri. Eu ainda cheguei a fazer uns quatro ou cinco júris com ele", relembra o filho Ari Rodrigues, que enveredou pela área criminal por influência do pai.

O companheiro de tribunal, Dinart Freire, refere-se a Ari como um advogado corajoso e muito dinâmico. Lembra, por exemplo, de uma de suas atuações que o levou à prisão. "Ele desafiou a juíza num júri e ela se sentiu ofendida e o prendeu em flagrante. Isso gerou uma polêmica muito grande entre classe de advogados e a própria OAB chegou a se manifestar", relata Freire.

Fora dos microfones e das tribunas, Ari dedicava seu tempo à prática da pesca e da caça desportiva, sendo um dos fundadores do Clube dos Caçadores de Campina Grande. Esse gosto pela caça e pesca era compartilhado com o próprio Dinart, assim como com o ex-vereador campinense João Dantas. "Íamos pescar aos fins de semana no Açude Boqueirão e também em fazendas e propriedades rurais de outros municípios para caçadas e pescarias. Era um convívio muito próximo, humano e sólido", recordou o ex-parlamentar.

Para o filho Ary César, o pai sabia conciliar a visão concreta exigida pela política com uma forte veia popular, que se expressava, nos últimos anos, numa coluna com causos e anedotas chamada *Histórias de Caçador e outros mentirosos*. "Como bom sertanejo, ele sempre teve uma personalidade muito forte, tanto que a gente brincava que ele era pequenino, mas impunha respeito a homens muito maiores do que ele, mas sempre prezando pelas amizades e pela família", ressalta.

José de Arimatéia Rodrigues Amorim faleceu em 30 de agosto de 2016, em Campina Grande. Em sua homenagem, a Câmara Municipal de Campina Grande denominou Rua Vereador Ary Rodrigues, no bairro Três Irmãs.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Uma lufada de ar fresco no Brasil e no mundo

Lula foi eleito para seu quarto mandato como presidente do Brasil, às vésperas de completar 81 anos de idade. Com vigor físico e cognitivo surpreendentes, venceu não apenas o candidato bolsonarista, mas também um sistema econômico e político pesado e bruto. Lula venceu a interferência estrangeira de Donald Trump, as *big techs* e o Senhor Mercado. Venceu o etarismo e o capacitismo.

Lula derrotou Flávio Fujão Falsário Bolsonaro com mais de 4,4 milhões de votos de diferença e está a caminho de tornar-se, de verdade, uma lenda. O movimento de fazer o "L" com a mão vem se propagando mundo afora como um sinal de liberdade e de luta. O gesto de apoio ao candidato petista transformou-se em um símbolo mundial de enfrentamento à extrema direita e ao fascismo.

Nas redes sociais e nos veículos de comunicação, populares, ativistas e lideranças internacionais têm destacado a vitória do presidente do Brasil. A presidenta do México, Claudia Sheinbaum, disse que a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva é uma "lufada de ar fresco" para a América Latina e o Caribe. O primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, afirmou que o que aconteceu no Brasil também ocorrerá na Espanha. "A virada do progressismo global acaba de começar", declarou.

Já a presidenta da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, exaltou a conquista do candidato de esquerda. "Parabéns ao amigo Lula, pela sua vitória eleitoral. A democracia e o multilateralismo venceram no Brasil". E o prefeito de Nova York, Zohran Mamdani, mandou um recado para o presidente reeleito do Brasil: "O povo unido jamais será vencido! Parabéns, presidente Lula".

Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil



Eleito pela quarta vez, presidente Lula discursa na Av. Paulista com a Constituição na mão

Com o auxílio de jovens e idosos, de povos indígenas, de pessoas de todas as regiões e, inclusive, de brasileiros no exterior, a campanha de Lula cresceu e atingiu o que, para a oposição, parecia impossível: provocou a virada no segundo turno. De forma presencial — com ações de vira-voto e grandes atos nas ruas impulsionados por estudantes e trabalhadores — ou de modo virtual, com intenso ativismo nas redes sociais, a mobilização gerou uma onda vermelha intensa e poderosa. E provou que todo mundo estava, sim, de olho no Brasil.

Na minha linha do tempo do Instagram, toda hora aparecem postagens de argentinos, chilenos, peruanos, palestinos, canadenses, estadunidenses, indianos, espanhóis, franceses... manifestando-se sobre o resultado das eleições em nosso país e, como era de se esperar, sobre o método do deputado federal André Janones, que levou o presidente à vitória.

Criador do canal Exército de Lula, que conquistou mais de 10 milhões de seguidores em tempo recorde, Janones foi fundamental na arrancada da militância antibolsonarista no universo digital. Com regras objetivas, ele levou as pessoas a tornarem-se soldados digitais, com atuação praticamente ininterrupta.

Ensinou aos membros do Exército de Lula a como se portar no cenário digital para ampliar o alcance de suas mensagens nas redes sociais. Adotou uma estratégia de confronto e mobilização digital, inclusive mobilizando recursos emocionais de seus soldados/seguidores. A dinâmica consistia em atribuir tarefas aos integrantes, estimulando-os a divulgar postagens, engajar novos adeptos e expandir o alcance de materiais políticos. E o chamado vinha com uma frase que gerou vários memes: "Pessoal, urgente!".

Até agora, fico emocionada ao ver ou rever vídeos nas redes sociais, retratando jovens, pessoas idosas ou estrangeiros, em dias anteriores ou posteriores ao dia 25 de outubro de 2026. Gente de todas as cores e credos. Gente de todos os cantos. Gente que decidiu fazer o "L" por um Brasil e um mundo melhores.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Em música, também se vive do passado

Vivemos tempos em que os audiófilos, algumas vezes induzidos por programadores musicais — radialistas, por exemplo —, estão priorizando os chamados "ritmos modernos", como *funks*, piseiros, arrochas, *traps*, *raps*, sertanejos universitários, entre tantos outros desconhecidos, em detrimento da autêntica música popular. Poucos jovens, hoje, talvez conheçam ou identifiquem uma valsa, o ritmo cultivado pelos Strauss, e tão celebrado, festejado e dançado em salões europeus — e por que não? — que "caiu nas graças" do universo musical na nossa MPB.

Essas considerações vêm no momento em que estou reouvindo algumas valsas cujas gravações nos foram deixadas por Carlello Carlos Guagliardi, ou simplesmente Carlos Galhardo (Buenos Aires, Argentina, 1913–Rio de Janeiro, 1985). Os pais eram italianos e vieram morar no Brasil, de onde foram, posteriormente, tentar a vida no país dos *hermanos*, onde ele nasceu. No regresso ao Brasil, o casal, por algum tempo, foi residir em São Paulo e retornou depois ao Rio. Explica-se por que, quando indagado sobre sua nacionalidade, ele afirmava convicto: "Sou um paulista, gerado no Rio". O casal Guagliardi gerou quatro filhos: dois, nascidos na Itália; Carlos, na Argentina, e uma irmã, carioca, filha de um segundo casamento do pai, quando viúvo.



Imagem: Reprodução/Revivendo Discos

Álbum do selo Revivendo Discos que promove um resgate histórico da música nacional

Como Carlos Galhardo foi criado no bairro Estácio de Sá, afeiçoou-se desde criança, aos ritmos das escolas de samba, porém nunca abandonou as canções italianas que ouvia em casa. Francisco Alves que esteve em casa do garoto, durante um evento familiar, foi quem o estimulou a se profissionalizar. Apresentado a Mister Evans, um poderoso engenheiro e produtor musical da RCA Victor, este foi quem o levou a participar de uma primeira gravação, fazendo parte, inicialmente, de um grupo de *backing* vocal. Iniciava-se, ali, a carreira, de quem chegaria a ser considerado "O cantor que dispensa adjetivos" e o "Rei da Valsa".

Chegamos, então, ao estilo que o consagrou em definitivo, dono de uma das vozes mais belas e expressivas de nossa MPB, vivenciando uma carreira profissional que duraria cerca de cinco décadas, cujo marco inicial seria a gravação, em 1932, do seu sexto disco (rpm) — *Boas festas*, do baiano Assis Valente: "Anoiteceu / o sino gemeu / a gente ficou feliz a cantar..." Era o início do ciclo de músicas natalinas no cancioneiro da MPB.

Como o tema é valsa, lembramos agora duas delas, que nos cativam. São composições em que os criadores — Paulo Barbosa (Rio de Janeiro, 1900–1955) e Oswaldo Santiago (Recife, PE, 1902–Rio de Janeiro, 1976) — pegam um fio para falar de personagem "históricos" — "Madame Pompadour" e "Salambô".

A primeira — "Madame Pompadour" — fala de Jeanne Antoinette Poisson, a Marquesa de Pompadour (1721–1764), cortesã francesa que era a favorita e amante de Luís XV, rei da França (1721–1764). Ela exerceu sobre ele e seu governo uma enorme influência, nem sempre no bom sentido. Tanto é que era chamada, ironicamente, de *La Reinette* ("rainhazinha"). Para os que conhecem a música, é bom relembrá-la: "Conta a história que o rei Luiz / por um amor se fez grande e feliz. [...] Madame Pompadour / *mon amour*, *pour toujours* / será teu meu coração...".

A segunda valsa — "Salambô" — foi baseada em uma personagem criada pelo romancista francês Goustave Flaubert (Rouen, France, 1821–Croisset, Rouen, França, 1880). O cenário, no entanto, nos conduz à reconstituição de vida na antiga Cartago, sendo recebido pela crítica como um romance de características históricas, no qual se entrelaçam a ficção e a realidade histórica. Salambô seria filha de um célebre conquistador caretaginês. As ações se passam durante as primeiras Guerras Púnicas (foram três), travadas entre a República de Roma e a cidade de Cartago (atual Tunísia), em função do domínio sobre as águas do Mar Mediterrâneo. Relembrando um pouco da letra: "Na tenda do guerreiro / as tochas alumiam / as sombras a dançar / Sitiando a cidadela / seu vulto se ergue / estranho a clamar: / Salambô, ô, ô, ô / escravo teu eu sou".

A quem quiser saber mais, recomendo ouvir a valsa e ler o romance.

TECNOLOGIA

IA pode ajudar a reduzir o desperdício de comida

Segundo pesquisa, 61% dos brasileiros sentem-se confortáveis em utilizar o recurso

Dalila Santana
Agência Estado

Com a ascensão da inteligência artificial (IA), mais pessoas têm recorrido à tecnologia para planejar refeições, aproveitar ingredientes e evitar que alimentos acabem no lixo. Segundo a pesquisa *Voz do Consumidor 2025*, da consultoria PwC, 61% dos brasileiros sentem-se confortáveis em utilizar a IA para auxiliar no orçamento de refeições e compras de alimentos e 56% estão abertos ao uso da tecnologia para planejar cardápios e organizar listas de compras.

Esse interesse está atrelado à preocupação com o desperdício. O mesmo levantamento apontou que 75% dos entrevistados estão dispostos a comprar apenas a quantidade necessária de alimentos para reduzir o descarte. Segundo Giovanna Fioravante, nutricionista do Hospital São Camilo (SP), quando utilizada corretamente, a IA pode se tornar aliada no aproveitamento integral. "Além de pesquisar receitas que utilizem partes alimentares que muitas vezes são descartadas, essas ferramentas podem favorecer a criatividade na hora de cozinhar, a economia doméstica e uma alimentação mais sustentável".

Como usar

Existem diversas ferramentas de IA que podem ajudar a aproveitar melhor os alimentos, entre elas ChatGPT, Gemini e Claude. Essas plataformas oferecem versões gratuitas, com algumas limitações de uso. Para utilizá-las, basta informar quais ingredientes estão disponíveis em casa ou enviar uma foto para que a IA identifique os alimentos e sugira receitas.

O processo é simples e pode ser feito em poucos passos: escolha a ferramenta; informe os ingredientes; verifique se a IA identificou corretamente os elementos e acrescente detalhes; e peça sugestões. Vale informar o tempo disponível, o número de pessoas e possíveis restrições alimentares. Você também pode pedir que a IA priorize os alimentos que precisam ser consumidos.

Além de ajudar a reduzir o desperdício, a IA pode ser utilizada para planejar cardápios semanais e organizar listas de compras. Segundo Giovanna, essas ferramentas podem ajudar a diversificar as refeições, interpretar rótulos e compreender melhor as informações nutricionais dos produtos.

Cuidados

Antes de escolher uma plataforma, é importante verificar como ela utiliza e armazena os dados pessoais dos usuários. Segundo Wellington Silva, gerente técnico de contas da CyTracks Soluções Cibernéticas, o cuidado é necessário porque o uso inadequado ou o vazamento de informações pode trazer problemas. Por isso o especialista recomenda não compartilhar dados como CPF, RG, endereço, renda e informações bancárias. A orientação também vale para fotografias que possam revelar detalhes da residência ou a localização do usuário. "Isso é informação demais, que não é recomendado inserir em nenhuma plataforma de inteligência artificial".

Também é preciso ter atenção ao interpretar as respostas geradas pela inteligência artificial, sempre sujeitas a erros. Silva destaca ainda que essas plataformas não têm capacidade para avaliar todas as necessidades de uma pessoa. "Por mais avançada e detalhada que seja, não vai considerar detalhes que seriam identificados por exame ou consultas com um profissional".

Giovanna reforça o alerta, lembrando que é o nutricionista quem possui conhecimento técnico-científico para avaliar a qualidade nutricional dos alimentos, as condições de segurança e as necessidades específicas de cada um. "A tecnologia deve funcionar como uma ferramenta para complementar a atuação do profissional e auxiliar os leigos, visando a facilitar atividades no dia a dia, e não substituir o conhecimento técnico e o cuidado individualizado", ressalta.

O que se perde

Quando frutas, verduras e legumes vão para o lixo, o desperdício não se limita ao dinheiro gasto na compra. Com esses alimentos, também são descartados fibras, vitaminas, minerais e compostos antioxidantes. "Esses nutrientes, por vezes subestimados, participam de diversas funções do organismo, incluindo a área intestinal, a resposta imunológica e a proteção das células contra danos oxidativos", diz Giovanna Fioravante.

O desperdício também acontece durante o preparo. A nutricionista explica que as cascas de determinadas frutas e hortaliças podem fornecer fibras e compostos antioxidantes, enquanto talos e folhas podem conter vitaminas e minerais. Algumas sementes também são fontes de proteínas e gorduras insaturadas.

Nesse contexto, a IA pode ajudar a encontrar receitas que utilizem ingredientes pouco aproveitados, como talos e cascas. No entanto, antes de seguir uma sugestão, é necessário verificar se essas partes são próprias para consumo e quais cuidados de higienização e preparo são recomendados.

Charada

Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: A comemoração religiosa (2) = Natal + faixa etária (3) = idade. **Solução:** nascimento (5) = natalidade.

Charada de hoje: Um abrigo (2) confiável (3) nos espera na cidade baiana (5).



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!



Foto: Reprodução/Museu Soumaya

Conheça lições do poeta libanês Khalil Gibran para mudança ainda neste ano

"Quando janeiro chegar, será hora de mudar" é um pensamento que costuma surgir a cada fim de ano. É nesse momento que muitas pessoas planejam adotar novos hábitos, cuidar melhor de si, fortalecer relacionamentos, investir em projetos pessoais e afastar o que não faz sentido. Um levantamento da Toluna, realizado com cerca de 800 brasileiros em dezembro de 2025, identificou que 64% haviam estabelecido metas para 2026, enquanto 91% dos que traçaram objetivos acreditavam que conseguiriam cumpri-los. Os dados mostram a disposição de planejar mudanças, mas também convidam a refletir. É a partir dessa perspectiva que as reflexões do escritor e poeta Khalil Gibran (autorretrato acima), reunidas em *O profeta*, ajudam a olhar para o futuro de outra maneira. Vamos listar algumas a seguir.

Não espere uma data especial para começar de novo

A chegada de janeiro pode representar um marco simbólico, mas não precisa ser o ponto de partida de toda transformação. As mudanças também nascem das decisões tomadas nos dias comuns, quando alguém reconhece o que precisa ser revisto e começa a agir. A proposta é identificar uma atitude possível e dar o primeiro passo ainda em 2026. Assim, o novo ciclo começa a ser construído antes mesmo da virada do calendário.

Encontre mais sentido no que você faz

O trabalho ocupa uma parte importante da vida e pode ser uma oportunidade de expressar valores, desenvolver habilidades e contribuir com algo que faça sentido. A reflexão de Gibran convida a olhar para além das obrigações e dos resultados. Para um novo ano com mais propósito, vale repensar prioridades, reconhecer o que motiva cada escolha e buscar uma relação mais consciente com a própria rotina.

Cultive relações que respeitem a liberdade

Sobre o amor e os vínculos humanos, Gibran aborda a importância de compreender que estar próximo de alguém não significa deixar de reconhecer sua individualidade. Relações mais saudáveis exigem cuidado, diálogo e respeito pelas diferenças. Levar essa perspectiva para 2027 pode significar fortalecer os laços importantes e construir conexões nas quais afeto e liberdade possam coexistir.

Reserve tempo para o que importa

A amizade, a convivência e as experiências compartilhadas ocupam lugar importante no livro O *profeta* e lembram que o tempo dedicado às pessoas queridas também faz parte. Antes de estabelecer novas metas, vale observar como o tempo está sendo distribuído e quais encontros, atividades e experiências merecem mais espaço na rotina.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – chifre; 2 – baba; 3 – casco; 4 – chapéu; 5 – mancha; 6 – olho do sol; 7 – cacto; 8 – cauda; e 9 – lago.